

APRENDER EM COMUNIDADE

José Pacheco



APRENDER EM COMUNIDADE

José Pacheco



Direção de Marketing

Valeska Scartezini

Gerente da Inteligência em Serviços Educacionais

Silvia Carvalho Barbosa

Gerente de Marketing

Luciane Righetti

Edição e Elaboração de Biografias

Leandro Salman Torelli

Revisão

Cacilda Guerra

Capa e Projeto Gráfico

Megalodesign

Colaboração

Silvia Parmegiani, Andrea Bolanho, Priscila Ferraz,
Cristina Ventura, Paulo de Camargo e Camila Eliane Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pacheco, José

Aprender em comunidade / José Pacheco. -- 1. ed. --
São Paulo : Edições SM, 2014.

1. Comunidade e escola
2. Educação - Aspectos sociais
3. Educação - Finalidades e objetivos
4. Educação comunitária
5. Educação moral
6. Professores - Formação profissional
7. Valores I. Título.

14-07758

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação comunitária : Pedagogia social 370.115

SUMÁRIO

Carta de
apresentação
Celso Vasconcellos
5

Prefácio
Antônio Nóvoa
7

O porquê de
algumas cartas
11

Carta ao padre
Antônio Vieira
16

Carta a
**Alessandro
Cerchiai**
20

Carta a
**Armanda
Alberto**
24

Carta a
**Agostinho
da Silva**
28

Carta a
**Fernando de
Azevedo**
32

Carta a
**João Cabral
de Melo Neto**
38

Carta a
Milton Santos
42

Carta a
**Antônio
Conselheiro**
46

Carta a
Darcy Ribeiro
50

Carta a
Lourenço Filho
54

Carta a
Nise da Silveira
58

Carta ao padre
**Manuel
da Nóbrega**
64

Carta a
**Sampaio
Dória**
68

Carta a
Anísio Teixeira
72

Carta a
**Júlio de
Mesquita Filho**
78

Carta a
Helena Antipoff
84

Carta a
Rui Barbosa
88

Carta a
**Heitor
Villa-Lobos**
92

Carta a
Paulo Freire
98

Carta a
**Lauro de
Oliveira Lima**
102

Carta a
**Cecília
Meireles**
106

Carta a
**Florestan
Fernandes**
110

Carta a
**Maria Nilde
Mascellani**
114

Carta ao padre
José de Anchieta
118

Carta a
**Eurípedes
Barsanulfo**
122

Posfácio, por
**Maria do Pilar
Lacerda**
127

Posfácio, por **José
Henrique del
Castillo Melo**
129

Biografia de
José Pacheco
131

Apresentação
livros **José
Pacheco**
132

APRESENTAÇÃO

Nesta obra, o prof. José Pacheco volta a empregar o gênero textual epistolar de *Para Alice, com amor*. Só que, ao contrário de lá, em que se dirigia exclusivamente, e de maneira emocionante, à netinha, preparando-a para a entrada na escola, aqui são muitos os destinatários e com grande variedade de características, tanto em termos de tempo (do séc. XVI ao XXI), de espaço (atividades nos mais diversos estados brasileiros, e alguns também no exterior), de profissão (educadores, em sua maioria, mas também sociólogos, antropólogos, padres, líderes comunitários, poetas, músicos, jornalistas, juristas, médicos, etc.). Todavia, todos com uma peculiar contribuição para a construção do *Aprender em comunidade*, garimpada com muito rigor, precisão e paixão pelo autor.

Um aspecto formal do livro que cabe destacar é que, além, propriamente, das cartas, o prof. José Pacheco nos presenteia com um relevante complemento: biografia e bibliografia (incluindo obras do destinatário, obras sobre ele e páginas da internet). Esse complemento difere um pouco do gênero textual carta, mas é de grande ajuda (até porque, devo confessar, algumas das pessoas a quem se dirige eram desconhecidas para mim também...).

O eixo central da obra é o *Aprender em comunidade*, a ideia riquíssima de comunidade de aprendizagem. E, bem ao estilo do autor, não parte de definições e postulados. Vai dando elementos para essa construção: é como se em cada uma das cartas fossem disponibilizados elementos, peças para que cada leitor possa montar o seu mosaico, fazer a sua elaboração, a sua construção, a sua visão.

Simultaneamente, ao longo do livro, três teses são afirmadas. A primeira é a relativa ao resgate da memória, à superação da ditadura do presente e da “novidade” (no sentido festivo, midiático). A segunda é a da absoluta necessidade da atitude

de indignação frente ao modelo escolar desumano, predominante e historicamente dado. A terceira é a do combate ao complexo de vira-lata (Nelson Rodrigues), essa mania que os brasileiros têm de só valorizar o que vem do exterior.

Por tudo isso, as cartas podem ser caracterizadas como tendo aquele sentido profético, isto é, de denúncia e de anúncio. Não devemos mais tolerar esse paradigma disciplinar instrucionista do currículo, que faz com que tantas e tantas crianças concluam tão precocemente que “não são boas para o estudo”. Sabemos que a introjeção da culpa é um dos mais perversos mecanismos de dominação. Nessa medida, tendo ou não consciência disso, muitos educadores estão contribuindo para a intolerável situação prevista por Josué de Castro, qual seja, termos dois tipos de pessoas na sociedade: *os que não comem porque não têm o que comer, e os que não dormem, de medo dos que não comem!* Que venham as comunidades de aprendizagem!

Ao mesmo tempo que demonstra profundo conhecimento pedagógico (e da cultura brasileira), o prof. José Pacheco revela-se um menino, no sentido mais radical do pulsar de vida, alegria, convicção, insistência e esperança. De fato, parafraseando o Grande Mestre, partilhamos esta crença: quem não for como criança não entrará no Reino da Pedagogia!

Desejo a todos uma excelente leitura (e novas práticas nela inspiradas)!

Prof. Celso dos S. Vasconcellos
São Paulo, inverno de 2014

CARTAS BRASILEIRAS

Ao redigir estas 25 cartas, escritas no Brasil e para figuras que marcaram este país, José Pacheco tem uma intenção clara – recordar aos educadores do *presente* que não podem ignorar o patrimônio de ideias e experiências do *passado*. Desse modo, inscreve as suas próprias propostas educativas no tempo longo da História, evitando cair em modas ou novidades, sempre inúteis, sempre passageiras. Uma pergunta atravessa todas as missivas: por que é que falhamos? Por que razão não conseguimos pôr em prática os nossos ideais? A pergunta é dura, inquieta-nos, desassossegamos-nos, mas tem de ser feita.

A adoção do gênero epistolar é muito interessante. Permite-lhe criar uma intimidade ficcional com autores falecidos e, por essa via, aproximar-se do leitor, torná-lo cúmplice das cartas que escreve. Define, assim, um espaço de jogo, entre ele, os autores e os leitores, chamando, uns e outros, para uma conversa sobre os caminhos e descaminhos da escola. O exercício é feito com uma sensibilidade particular e convida cada leitor a assumir a sua própria responsabilidade pelas coisas da educação.

As cartas adotam, invariavelmente, uma mesma estrutura: primeiro, a crítica, a indignação, a injustiça que cometemos ao não reconhecer um determinado legado; depois, a abertura, a esperança, a crença em novas possibilidades; no fim, um breve apontamento biográfico sobre o destinatário da carta. José Pacheco não nos fecha numa inevitabilidade, num discurso de lamentações resignadas, mas também não

se deixa vencer pela ingenuidade ou pelas ilusões. Ao pôr-nos diante dos problemas, abre-nos portas, convida-nos a entrar e a descobrir que a escola não tem de ser sinônimo do *modelo escolar* inventado na segunda metade do século XIX e que perdura até os dias de hoje.

Sim, aquilo que designamos *escola* – com prédios escolares, salas de aula, quadro-negro (ou verde ou branco), mobiliário escolar, horários, alunos agrupados por nível etário, progressão por séries de acordo com avaliações e exames, etc. – é relativamente recente na história da humanidade, começou a difundir-se há pouco mais de 150 anos. Não é por acaso que a esmagadora maioria dos destinatários de José Pacheco nasceu, justamente, no período de invenção e consolidação do modelo escolar: o mais antigo é Alessandro Cerchiai (n. 1877), a mais nova, Maria Nilde Mascellani (n. 1931). Apenas escapam a esse critério três autores dos séculos XVI e XVII (os padres Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Antônio Vieira) e dois autores da primeira metade do século XIX (Antônio Conselheiro e Rui Barbosa). Todos os outros nasceram entre 1877 e 1931, isto é, naquele meio século em que o *modelo escolar* se transforma na única maneira de conceber e de praticar a educação das crianças. Como se não fosse possível educar de outro modo...

Os autores a quem José Pacheco se dirige pertencem às primeiras gerações que conheceram a escola (*o modelo escolar*), como alunos e, em alguns casos, como professores. O mal-estar que revelam em muitos dos seus escritos é o mesmo que Adolphe Ferrière traduz, magistralmente, no prólogo à obra-propaganda da Educação Nova – *Transformemos a escola*, originalmente publicada em 1921. Conta-nos o pedagogo suíço que um dia o Diabo desceu à

Terra e descobriu, indignado, que as pessoas eram felizes. Não podia ser. A sua missão era causar infelicidade. Depois de muito procurar, encontrou a solução para reverter esse estado de coisas: criar a escola. E assim surgiu essa “diabólica” instituição que os educadores mais ousados querem mudar para que, no seu lugar, apareça uma Escola Nova.

José Pacheco faz parte dessa linhagem de educadores. Nas suas cartas vai-nos falando das *comunidades de aprendizagem*, que apresenta de forma lúcida e avisada. Ele sabe que o conceito de “comunidade” é polissêmico e que nele se abrigam, por vezes, ideologias que fecham os alunos nos seus meios e culturas de origem. Mas a educação nunca pode ser para fechar, tem de ser, sempre, para abrir, para nos abrir a novos mundos, a novas possibilidades. Ele sabe, também, que a palavra “aprendizagem” tem sido torturada e utilizada para fins diversos e contraditórios, como nesse princípio tão equívoco da “aprendizagem ao longo da vida” que vem infestando a educação com lógicas de empregabilidade, de “capital humano” e outras afins. Mas a sua aproximação é bem diferente e define-se, desde logo, na citação de Lauro de Oliveira Lima: “A escola não se reduzirá a um lugar fixo murado”.

José Pacheco conhece, melhor do que ninguém, a importância da escola, da escola pública, participativa, inclusiva. Mas tem consciência de que, para cumprir as suas promessas, a escola tem de deixar os muros, a “pedagogia predial”, e construir-se como um lugar de liberdade. Permitam-me um jogo que, na verdade, não está na etimologia da palavra. Já alguma vez pensaram que *aprender* pode ser interpretado, tão simplesmente, como o contrário de *prender*? Aprender é desprender, é dar os instrumentos de conhecimento

e de cultura que permitam a cada um alargar as suas margens de liberdade.

As palavras de José Pacheco se beneficiam da força de uma experiência notável, a Escola da Ponte, que tem despertado tanto interesse e curiosidade no Brasil. Olha para a vida com a mesma inteligência de Vergílio Ferreira, professor e escritor, que confessa num dos seus últimos livros: “Levei quarenta anos a explicar coisas aos alunos. Ficou-me assim o vício de explicar, mesmo o inexplicável. Precisava agora de outros quarenta anos para desaprender a explicação do que expliquei”. Essa atitude dá-lhe uma liberdade, de palavra e de escrita, que nos cativa. As suas reflexões nunca caem numa medíocre dicotomia entre teóricos e práticos. A melhor educação, como estes textos tão bem traduzem, está sempre num “terceiro lugar”, habitado por educadores e professores que fazem, e que refletem sobre o que fazem, que pensam, e que procuram ser coerentes, na ação, com aquilo que pensam.

Agir? Sim, agir, como escreve Anísio Teixeira em grito de 1947: “Há cem anos os educadores se repetem. Esvaem-se em palavras, esvaímo-nos em palavras e nada fizemos. Atacou-nos, por isso mesmo, um estranho pudor pela palavra. Estamos possuídos de um desespero mudo pela ação”. A educação nunca acaba, nunca está pronta. No dia em que estivermos satisfeitos com a escola que temos, nesse dia, deixaremos de ser educadores. Porque somos feitos de inquietação, de procura, da vontade de ir sempre mais além. Porque o que dá sentido às nossas vidas é o diálogo, a viagem, o caminho. Escrever é preciso.

António Nóvoa
Brasília, 31 de julho de 2014

*A todos os educadores ainda
capazes de sonhar,
aos anônimos construtores da
educação necessária e urgente,
a todos os educadores que fazem
de sua vida o testemunho de que
é possível um mundo melhor.*

A expressão escola de comunidade procura significar o desenquistamento isolacionista da escola tradicional. Escola, no futuro, será um centro comunitário. [...] A escola não se reduzirá a um lugar fixo murado.

(Lauro de Oliveira Lima)

O PORQUÊ DE ALGUMAS CARTAS

Talvez devido à minha origem – as chamadas “ciências exatas” –, dou por mim a usar metáforas da Física. Por exemplo, o conceito de inércia: perante os trágicos efeitos que produzem, por que razão as escolas e os professores não mudam? Ou o de resiliência: por que razão alguns mudam, apesar dos imensos obstáculos que se lhes deparam? Que estranha energia os anima? Se a maioria cultiva a “resistência à mudança” – conceito caro às ciências da educação –, como e por que acontece a mudança de alguns?

Em 1905, o físico Einstein criou uma fórmula: $E = mc^2$. Ensaiei a sua adaptação, dado que a Pedagogia vem adotando conceitos da Física. E assim ficou: a energia (E) de alguns é resultante de uma mudança (m) operada por contágio (c) combinado com um determinado contexto (c). A mudança acontece pelo exemplo dos educadores – a sua práxis coerente com os valores dos seus PPP. Acontece quando esse contágio se associa ao contexto, no qual a educação pode e deve acontecer, isto é, a comunidade.

Há mais de quarenta anos, assisto a tentativas de reformas e à inevitável falência de reformas que não ousam operar rupturas. Manifesto a perplexidade que levou Einstein a afirmar que insistir no errado é sintoma de loucura. E formulo perguntas consideradas incômodas. O que se aprende dentro de um edifício escolar que não possa ser aprendido fora dos seus muros?

O espaço de aprender é todo o espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna. E quando se aprende? Nas quatro horas diárias de uma escola-hotel? Duzentos dias por ano? Que sentido faz uma “idade de corte”, se não existe uma idade para começar a aprender? A todo momento aprendemos, desde que a aprendizagem seja significativa, integradora, diversificada, ativa, socializadora. O tempo de aprender é o tempo de viver, as 24 horas de cada dia, nos 365 dias (ou 366) de cada ano.

Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem, para que os “paidagogos” não mais conduzam as crianças da comunidade para a escola, mas as libertem da reclusão num gueto

Assistimos à perpetuação de uma gestão centralizada no sistema, impedindo que as escolas assumam a dignidade da autonomia e se constituam em elementos orgânicos de comunidades de aprendizagem.

¹ Ramificação da Zoologia que trata dos instintos animais. Os etólogos estudam os comportamentos instintivos, tais como corte, acasalamento e cuidado com os filhotes. Também estudam como os animais se comunicam, e como estabelecem e defendem seus territórios.

escolar e as devolvam à comunidade, na qual a escola constitui um nodo de uma rede de aprendizagem colaborativa.

Enquanto a comunicação social faz eco de discurso de políticos, que nos falam de desenvolvimento sustentável e dos saberes e competências para fazer face a um mundo incerto e em mudança acelerada, os profissionais da educação reproduzem práticas fossilizadas. Assistimos à perpetuação de uma gestão centralizada no sistema, impedindo que as escolas assumam a dignidade da autonomia e se constituam em elementos orgânicos de comunidades de aprendizagem. Num tempo em que se proclama o reconhecimento das diferenças, o ato pedagógico mantém-se cativo de um fordismo tardio, ainda que se enfeite a sala de aula com novas tecnologias.

Mas tenho motivos para ser esperançoso. De uma escola agonizante, vejo emergir práticas protagonizadas por educadores que compreenderam que escolas não são edifícios. Congratulo-me com a iniciativa de universidades que se assumem como “multidiversidades” e desenvolvem estudos em torno do conceito de “comunidade de aprendizagem”. Aprendo com educadores que aprendem com outros educadores, mediatizados pelo mundo, sabendo que não se trata de “levar a comunidade para a escola”, ou de fazer “visitas de estudo à comunidade”, pois ninguém visita a sua própria casa... Talvez essas práticas anunciem ter chegado o tempo de novas construções sociais, de uma outra “escola”. Talvez esteja em curso a tão esperada ruptura paradigmática.

Não restrinjo o âmbito da intervenção educacional aos contributos da Pedagogia, embora faça uso corrente dessa palavra. Prefiro falar de ciências da educação, pois nelas concorrem até ciências como a Etologia¹. E, nessa perspectiva, poderei afirmar que o Brasil dispõe de um espólio científico invejável. Entre muitos outros, que poderia citar, evoco: na Psicologia, e escolanovista, Helena Antipoff; na Sociologia, o corajoso Florestan Fernandes; na Medicina, a genial Nise da Silveira; na Antropologia, o incontornável Darcy Ribeiro;

² Ciência ou conhecimento da natureza moral e espiritual do ser humano. É uma doutrina espiritual e mística, com origem na teosofia e criada pelo pensador austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). Considera-se que a realidade está relacionada a processos mentais e psíquicos que, a seu modo, seriam tão reais quanto os fenômenos físicos. Dessa forma, a percepção da realidade deveria incluir os planos mental e espiritual, e não só o material.

O meu espanto foi maior, quando li a produção científica brasileira disponível sobre comunidades de aprendizagem. As referências bibliográficas e as práticas estudadas são quase todas importadas.

na Pedagogia, o profético Lauro de Oliveira Lima... Muitos dos grandes educadores brasileiros estão ausentes deste inventário. Que o leitor acrescente outros nomes, faça garimpagem de sebo, pois eu poderia ter incluído Câmara Cascudo, Herculano Pires e outros ostracizados, cujas memórias foram assassinadas, cujas obras os professores de hoje não leram, ou mesmo os nomes ignoram. É provável que alguns (poucos) sejam identificados. Porém, os seus contributos ainda não fertilizaram as práticas. Freire incluído...

As suas propostas têm diferentes origens e filiações: no positivismo, na Escola Nova, na Educação Libertária, na antroposofia², na Teoria Crítica... Definem-se como: montessorianos, steinerianos, espíritas, anarquistas, neomarxistas, ou não enquadrados em qualquer dessas tribos. Têm em comum a crítica da velha escola e o apontar da necessidade de substituí-la por comunidades de aprendizagem, expressão que surge pela primeira vez na obra de Lauro, mas que, no *pot-pourri* de tendências e práticas, se manifestou no Brasil desde o início do vigésimo século.

Algum tempo atrás, a minha amiga Maria Amélia, da Casa Redonda de Carapicuíba, presenteou-me com um esboço elaborado por Lauro de Oliveira Lima, no início da década de 1960. Isso mesmo: nos anos [19]60! A visão precursora do mestre Lauro impressiona. Embora marcado pela época, o esboço antecipou em trinta anos os primeiros estudos conhecidos sobre comunidades de aprendizagem de origem anglo-saxônica e catalã. O meu espanto foi maior, quando li a produção científica brasileira disponível sobre comunidades de aprendizagem. As referências bibliográficas e as práticas estudadas são quase todas importadas. Mais ainda: apercebi-me de um absoluto desconhecimento da produção teórica do Lauro e de outros brasileiros por parte dos autores dos estudos. Síndrome do vira-lata na comunidade científica brasileira?

Por que razão tomei a iniciativa de escrever este livro? Para suscitar o interesse pelo conhecimento da biografia e da obra de educadores brasileiros ignorados pelos educadores brasileiros.

Ao longo de um ano, fui registrando reflexões sob a forma de cartas. Vejo, agora, que redigi um enunciado de perplexidades.

Para procurar entender por que falharam as nobres tentativas de mudança tentadas por Freire, Florestan e tantos outros grandes mestres. No desenvolvimento deste desiderato, deparei-me com a existência de um denominador comum nas obras desses mestres: cada qual a seu modo, referindo-se, ou não, à palavra comunidade, apontou para a necessidade de aprender em... comunidade.

Ao longo de um ano, fui registrando reflexões sob a forma de cartas. Vejo, agora, que redigi um enunciado de perplexidades. Os 25 extintos destinatários das missivas anunciaram novos modos de aprender, mas quase todos mantiveram as suas práticas ancoradas no modelo de ensinar que denunciaram, à semelhança dos vivos que tomam consciência da falência do velho modelo e, paradoxalmente, nele insistem. É certo que a herança totalitária do Vargas, que liquidou os intentos da Nise, bem como o tempo dos generais, que exilou Freire, explicam parcialmente esse paradoxo. Mas continuo perplexo perante tentativas de melhorar o que já não pode ser melhorado, perante as práxis de educadores que ainda confundem educar com escolarizar.

As cartas que compõem este livro são portadoras de boas e más notícias do mundo dos vivos. E, como referi, são mensageiras de mais um propósito: o de dar a conhecer educadores finados talvez ignorados pelos educadores vivos. Não seguem a ordem cronológica das existências dos educadores a quem as dirigi. A primeira age como justificação de serem dirigidas àqueles que já não estão entre nós. A segunda foi produto de impulso, a reação a medidas políticas, que significam retrocesso. À semelhança das iniciais, as restantes cartas seguem o exemplo do Vieira, que, num dos seus sermões, coloca Antônio de Bulhões a falar com os peixes, porque os homens o não ouvem falar. Isso mesmo: enviei cartas aos mortos, por me parecer que os vivos desaprenderam de escutar. Espero estar errado na minha conclusão e, por isso, destas missivas dou conhecimento ao eventual leitor.

Já não me recordo de quem terá escrito que, junto com Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro, Lauro de Oliveira Lima

Na singela intenção de despertar os educadores brasileiros para o rico patrimônio legado pelos mestres de antanho se resume este exercício epistolar.

forma o quarteto mais fecundo, fértil e injustiçado da história da educação em nosso país, mas sei que li algo assim. E não são apenas esses os injustiçados. Temos registros de muitos mais. Neste livro encontrareis alguns. Que me perdoem os excelentes pedagogos vivos se optei por conversar com aqueles que já não são deste mundo. E que eu seja perdoado pelos mortos merecedores de referência, mas cuja evocação não consta destas páginas.

Quando a eternidade se aproxima, enquanto o discernimento não se esvai por completo e a calma se harmoniza com a urgência, não encontro modo mais fácil de conversar com futuros companheiros do que por missivas enviadas para lugares etéreos, na esperança de que também venham a ser lidas por educadores sensíveis. Na singela intenção de despertar os educadores brasileiros para o rico patrimônio legado pelos mestres de antanho se resume este exercício epistolar. Portanto, estas cartas também são dirigidas ao educador que existe em cada um de nós. Façamos delas bom proveito, começando por ler as obras dos mortos, para delas extrair elementos úteis para os projetos dos vivos.

Não foi minha intenção escrever um ensaio sobre comunidades de aprendizagem. Optei pelo tom coloquial, acessível a todo e qualquer leitor, ao que junto a sugestão de abordagens mais aprofundadas, ditas científicas, que as escolas e as universidades poderão (e deverão) produzir. Mas, nas entrelinhas destas cartas, talvez o leitor encontre contributos para repensar a escola e conceber uma nova construção social, que, efetivamente, eduque e seja agente de desenvolvimento humano sustentável. Poderá, à míngua de melhor designação, dar-lhe o nome de... comunidade de aprendizagem.

São Luís, abril de 2013.

Prezado Antônio,

Em São Luís do Maranhão, longe da Lisboa onde santo Antônio havia nascido, quiseste lembrar o “santo casamenteiro”, atribuindo ao sermão proferido nessa data a designação de *Sermão de santo Antônio aos peixes*. Estávamos em 13 de junho de 1654. Três dias depois, embarcaste para Portugal, escondido no fundo de uma nau. Estava no auge a luta dos jesuítas contra a escravização dos índios e tu ias procurar apoio no outro lado do mar.

Esse teu sermão é revelador da tua ironia e da capacidade de observação dos vícios dos colonizadores e dos esbirros da Inquisição, que lograste ludibriar recorrendo a alegorias. Jesuíta inteligente e moralista exímio, deitaste mão a metáforas memoráveis, que, se eram ajustadas à crítica dos costumes da sociedade do século XVII, continuam atuais – quiseste pregar aos peixes, enquanto os homens não te quisessem escutar.

Permite, meu Vieira pregador, que transcreva um excerto do teu primeiro sermão:

Pregava santo António [...] e como erros de entendimento são difíceis de arranjar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? [...] Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes³.

³ Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000033.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

Este trecho é tão eloquente (e atual!) que qualquer peixe, por menos atento que seja, lhe conferirá significado. Porém, o mesmo não sucede com os homens. A educação brasileira, que, em recuados tempos, sofreu os efeitos da Inquisição, continua cativa de novas inquisições. Se não, repara... Reconhecendo que os alunos da escola pública “estão em desvantagem”, instituiu-se bonificação de 20% sobre a nota do vestibular, para usufruto dos pobres coitados, que foram objeto de mau trato pedagógico. Acreditas que já são formados professores especializados em... *bullying*? E a desigualdade perpetua-se por via de uma tradição hierárquica. Imagina que, nas pobres escolas que ainda temos, existe hierarquia até na hora de urinar, ou defecar. Essas escolas têm banheiro

MAS FICA
SABENDO,
CARO VIEIRA,
QUE O
SONHO NÃO
ESMORECE.

⁴ Refere-se ao material “Coleção educadores”, disponível no Portal Domínio Público, mantido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=133&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=DS_TITULO&ordem=null>. Acesso em: 27 maio 2014.

de alunos separado de banheiro de professores. É verdade, isso te asseguro! Presumo que nos lares dos ilustres pedagogos dessas escolas também haja banheiros separados, encimados por dísticos como: “banheiro de papai”, “banheiro de mamãe”, “banheiro de filhos”...

Outro António (o amigo Nóvoa) tem denunciado a “pobreza das práticas”, mas parece que, também, somente os peixes lhe dão ouvidos. Tal como fez o mestre Agostinho da Silva, outro português no Brasil. Tentava concretizar os teus princípios – que o homem não foi feito para trabalhar, mas para criar, e que a vida deve ser gratuita – na Brasília da década de 1960, quando a ditadura o afastou da companhia do Darcy e fez abortar projetos de uma escola humanizada.

Mas fica sabendo, caro Vieira, que o sonho não esmorece. Na mesma Brasília, acontecem encontros de educadores, que já pensam e fazem a educação necessária. Sei que estarás conosco, em espírito. *Requiescat in pace!*

P. S.: Acaso tenhas acesso à terrena literatura, espreita uma coleção de livros que nos falam de eminentes educadores brasileiros e que o MEC disponibilizou para download gratuito (depois te explicarei o significado da sigla e do estrangeirismo). Tomarás consciência de que não estás só, bem como da riqueza da produção científica no campo da educação. Porém, não te entusiasmes demasiado, pois a maioria dos professores brasileiros desconhece esse valioso patrimônio⁴. ✉

Biografia

Padre Antônio Vieira

Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em fevereiro de 1608. Ainda criança, em 1619, transferiu-se para o Brasil com a família, já que seu pai assumira o cargo de escrivão do Tribunal da Relação da Bahia, em Salvador.

No Brasil, iniciou seus estudos no Colégio Jesuíta de Salvador, ingressando como noviço na Companhia de Jesus em 1623. No ano seguinte, com a invasão holandesa a Salvador, Vieira teve de se refugiar no interior da capitania da Bahia, onde efetivamente iniciou sua vocação missionária e passou a se dedicar aos estudos de Teologia, Lógica, Metafísica e Matemática.

Lecionou Retórica na cidade de Olinda, em Pernambuco, e ordenou-se sacerdote em 1634. Nesse momento, a fama de suas pregações e da qualidade dos seus sermões começou a se espalhar pela Colônia. Seus textos defendiam os índios e os cristãos-novos, isto é, judeus e muçulmanos que se convertiam ao cristianismo.

Em 1640, com o fim da União Ibérica, ou seja, com o término do período de domínio espanhol sobre Portugal, o padre Antônio Vieira regressou a Lisboa, onde iniciou uma intensa carreira diplomática, negociando os interesses portugueses junto aos holandeses e franceses, especialmente no que dizia respeito aos territórios da América.

Entretanto, durante todo esse período, manteve seus trabalhos de escritor, orador e pregador, algo que retomou de maneira significativa quando voltou ao Brasil, em 1652, como missionário jesuíta na capitania do Maranhão e do

Grão-Pará. Sempre defendendo a liberdade dos indígenas, ali proferiu seu célebre *Sermão de santo Antônio aos peixes*, em 1654.

Retornou a Portugal em 1661, onde passou a ser o principal conselheiro da rainha regente d. Luísa de Gusmão, mas perdeu influência quando d. Pedro assumiu o trono português, no final daquela década. Em seguida, esteve em Roma, onde conquistou o respeito da cúria com sua grande capacidade oratória.

Ao longo desse período, porém, enfrentou acusações de heresia por discordar da conduta do Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição, que continuava a perseguir os chamados cristãos-novos. Com sua grande capacidade oratória colocada em prática na sua defesa, foi absolvido das acusações, quando então abandonou as atividades políticas e passou a se dedicar exclusivamente à escrita. Retornou ao Brasil em 1681 e manteve a dedicação aos seus textos. Morreu em Salvador, em junho de 1697.

Considerado um grande expoente do Barroco português e brasileiro, deixou uma extensa obra escrita, que envolve cerca de duzentos sermões e mais de quinhentas cartas. Toda ela foi reorganizada e publicada em vários volumes recentemente.



Candido Portinari. *Padre Antônio Vieira*. 1944.
Desenho a carvão e a pastel sobre papel pardo.
65 X 54 cm.

Coleção particular, Rio de Janeiro. Reprodução autorizada por João Candido Portinari

Bibliografia

Obra de padre Antônio Vieira:

VIEIRA, Padre Antônio. *Obras completas*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2013. 30 v.

Obras sobre padre Antônio Vieira:

AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antônio Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008. 2 v.

BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias*. Lisboa: ICALP, 1981 (Coleção Biblioteca Breve, volume 58).

BULCÃO, Clóvis. *Padre Antônio Vieira: um esboço biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Páginas da internet:

Padre Antônio Vieira. Obras. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=101>. Acesso em: 27 maio 2014.

Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Disponível em: <<http://www.lettras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/index.html>>.

Acesso em: 27 maio 2014.

São Paulo, abril de 2013.

Amigo Alessandro,

Mais de um século não foi tempo suficiente para dar corpo aos teus ideais, que eram os de Zola⁵, de Louise Michel⁶, os princípios de Francisco Ferrer⁷. Crê, caro Alessandro, que, nesta segunda década do século XXI, o teu mestre catalão já não acabaria vilmente executado no morro de Montjuic, mas talvez os seus desígnios fossem frustrados por sutis modos de impedir que a humanização da escola aconteça.

A Escola Libertária Germinal, que fundaste em 1902, na cidade de São Paulo, pouco mais durou do que a de Tolstói⁸, que o czar da Rússia mandou fechar. O sonho de uma *escola elementar racionalista, para ambos os sexos*, ingloriamente foi encerrada em 1904. Apesar de veres malgrado o teu intento, foste o precursor dos precursores da Escola Nova. Mas, hoje, apenas emprestas o teu nome a uma rua de São Paulo, cujos moradores nem sequer sabem quem foste, ou o que fizeste. Depois de um breve inquérito de rua, apenas um transeunte ensaiou resposta: “Alessandro? Isso é nome de jogador de futebol, não é?”.

Na Germinal de 1902, os pais não apenas participavam com uma pequena mensalidade como intervinham na arrecadação de fundos e, de algum modo, na gestão do projeto. Decorrido mais de um século, os teóricos continuam a produzir teses sobre a relação escola-família, mas as famílias continuam marginais à vida nas escolas e são frágeis as estruturas de participação.

Em novembro de 1904, lançavas um derradeiro apelo nas páginas do jornal *O Amigo do Povo*⁹: “Pensai no futuro de vossos filhos!”. E reafirmavas as virtudes dos métodos aplicados na tua escola. Ao que parece, a população do Bom Retiro não se preocupava com a educação dos seus filhos... Nem parece que se importa, quando, no século XXI, os submete à nefasta influência de práticas sociais denunciadas ao longo de um século pródigo em práticas alternativas.

Amigo Alessandro, existe um pacto de silêncio em torno de iniciativas como o Círculo Educativo Libertário Germinal, de São Paulo, a Universidade Popular de Ensino Livre, do Rio de Janeiro, as Escolas Modernas de São Paulo e de Bauru, todas da primeira década do século XX. Quem ouviu falar da Escola Germinal, do Ceará, da Escola Social, de Campinas, da Escola Operária, de Vila

⁵ Émile Zola (1840-1902) foi um escritor francês da escola naturalista, autor de *Germinal* (1885), romance que retrata a vida de mineiros no século XIX.

⁶ A francesa Louise Michel (1830-1905), também conhecida como Enjolras, foi professora e escritora anarquista, participou da Comuna de Paris (1871), primeira experiência revolucionária de influência anarquista da história.

⁷ Francisco Ferrer (1859-1909) foi um pensador anarquista e pedagogo, criador da Escola Moderna, um projeto de educação libertária. Foi executado pelo governo espanhol, acusado de ser um dos líderes de um movimento conhecido como Semana Trágica, em Barcelona, no ano de 1909.

⁸ Liev Nikolayevich Tolstói (1828-1910), autor de *Guerra e paz* (1869), foi um escritor russo de grande sucesso. Também adepto do anarquismo e preocupado com a precariedade da educação no meio rural de seu país, Tolstói criou, em Yasnaya Polyana, uma escola para os filhos de camponeses. Ele mesmo produziu parte do material didático e, procurando caminhos diferentes da pedagogia da época, propunha uma educação libertária, da qual os alunos pudessem participar ativamente.

⁹ Trata-se de um periódico anarquista publicado em São Paulo a partir de 1902. Comandado por diversos imigrantes anarquistas – Neno Vasco, Benjamim Mota, Ricardo Gonçalves, Oreste Ristori, Giulio Sorelli, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai –, teve forte influência no movimento operário brasileiro durante a Primeira República.

A ESCOLA ESTÁ IMERSA NUMA PROFUNDA CRISE ÉTICA E MORAL.

¹⁰ Trata-se de escolas criadas por anarquistas na Primeira República. Sobre elas, podem-se encontrar informações em JOMINI, Regina Celia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Campinas: Pontes, 1990.

Isabel, e da Escola Moderna, de Petrópolis? As faculdades de educação não informam aos futuros professores de Porto Alegre que, em 1906, havia por lá uma escola com o nome de Elisée Reclus¹⁰...

Eu sei que te custará compreender, mas, no Brasil de 2014, as escolas ostentam designações com referência a coronéis, genocidas, ditadores e torcionários. Uma professora deteve-se em frente à sua nova escola. O que a impedia de entrar? A blindagem do portão? A catraca? O carrancudo guarda? Não. Aquilo que a fez parar foi a leitura da placa, que indicava o nome da escola: o nome de quem havia torturado e ajudado a matar o seu pai, durante a ditadura. Querido Alessandro, ainda vivemos num país onde escolas celebram a morte da memória, onde pesam a herança neocolonialista e outros males sociais, perpetuados pela velha escola, reprodutora de desigualdades, analfabetismos, exclusão.

Tal como o país, a escola está imersa numa profunda crise ética e moral, a serviço da reprodução de uma sociedade doente. Sei que será difícil acreditar, mas crê que eu li num muro de uma cidade brasileira este dístico: *Colégio D. – a seleção natural*. Não restam dúvidas de que, 110 anos decorridos sobre a tua tentativa de humanizar a escola, nos mantemos na proto-história da escola. E da humanidade. ✉

Biografia

Alessandro Cerchiai

As informações sobre a vida de Alessandro Cerchiai são bastante escassas. Sabemos que nasceu em Pescia, na Itália, em 1877. Viveu na França entre 1884 e 1896, quando tomou contato com ideias anarquistas. Voltou para a Itália e lutou na Guerra Greco-Turca, em 1897, que se referia à disputa entre Grécia e Império Otomano pelo controle da ilha de Creta.

De volta à Itália, Cerchiai se envolveu no movimento anarquista que tumultuou Milão, em 1898. Por conta dessa participação, foi detido e condenado a dois anos de prisão. Ao deixar o cárcere, Alessandro emigrou para o Brasil, onde se juntou aos imigrantes anarquistas dos bairros operários de São Paulo.

Entre 1902 e 1904 se dedicou à Escola Libertária Germinal, que, aparentemente, encerrou as suas atividades por falta de recursos. Em 1903, fundou, com o também imigrante italiano Gigi Damiani, o jornal *La Barricata*. Colaborava escrevendo também para *O Amigo do Povo* e *La Battaglia*. Todos, evidentemente, jornais anarquistas que circulavam pelos bairros operários, principalmente na cidade de São Paulo.

Ao que parece, entre 1914 e 1916, deixou a capital paulista e foi viver em Bauru, onde teria lecionado numa escola de caráter anarquista. Nesse local, ensinava sobre a ideia de solidariedade anarquista e pretendia inculcar nos estudantes a relação entre liberdade e responsabilidade.

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-18), Cerchiai colaborou em jornais antifascistas da Itália e do Brasil, liderando alguns deles, como *La Difesa e Il Risorgimento*. Até o fim de sua vida, manteve a militância anarquista e a defesa de uma educação libertária.

Alessandro Cerchiai morreu em São Paulo, no mês de outubro de 1935.



Acervo CEDEM/Unesp, SP

La Battaglia, 1909, ano VI, n. 225.

Jornal anarquista, editado por Alessandro Cerchiai, que circulava pelos bairros operários, principalmente na cidade de São Paulo.

Bibliografia

Obras sobre Alessandro Cerchiai:

BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini*: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945.

São Paulo: Fapesp/Annablume, 1999.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

Páginas da internet:

Anarquismo, teoria e história. Disponível em:

<http://www.anarkismo.net/article/26359?userlanguage=ca&save_prefs=true>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Anarquismo no Brasil, série de reportagens da TV Brasil.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5dibOodJyZM>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Maceió, abril de 2013.

Armanda querida,

fizeste com a Cecília o par de mulheres que, numa sociedade machista, subscreveu o Manifesto de 1932¹¹. Gesto pleno de significado de uma militante feminista, que criticava feministas, aquelas que viam no homem um “inimigo” da mulher. Também foste arrojada nas inovações que ousaste. Na fundação da Escola Proletária de Meriti¹², introduziste uma novidade no mundo das escolas – a merenda escolar. A Escola Mate com Angu, como ficou a ser conhecida, foi uma das primeiras da América Latina a servir merenda escolar, reflexo da tua preocupação com o bem-estar das crianças. Sabias ser difícil aprender com o estômago vazio. Sem que lhe desses essa designação, viabilizavas a escola em tempo integral. Atraída pelas teses da Escola Nova, transformaste o chão da escola num laboratório, bem ao modo de Montessori. Antecipaste em um século a prática de um contraturno em que as crianças completavam o dia de aula com o cultivo da horta e a criação de animais.

Pagaste elevado preço por toda a tua ousadia, querida Armanda. Quando presidente da Associação Brasileira de Educação e integrante da Aliança Nacional Libertadora, sofreste a perseguição da polícia política e acompanhaste a Olga Prestes nas prisões do Getúlio¹³.

As agruras da prisão não esmoreceram o teu entusiasmo, os teus ideais. E a cidade de Duque de Caxias te deve a criação da primeira biblioteca pública. Na Biblioteca Euclides da Cunha, pugnaste pela valorização da obra de autores brasileiros e desenvolveste formas criativas de mobilização da comunidade. Sabemos que tentaste retomar as atividades na direção da tua escola e que as autoridades te impediram que o fizesses. Diante das dificuldades para manter a escola em funcionamento, tentaste transferi-la para o governo estadual. Porém, não houve receptividade da parte do governo, que recusou manter a instituição nos moldes em que fora concebida. Mais uma vez, a burocracia deitou a perder uma oportunidade de revitalização educacional.

Crê, minha amiga, que a via-sacra da educação brasileira se perpetua por obra da ignorância do poder público, a mesma ignorância que enfrentaste e que atravessou todo o século XX, deixando um rastro de analfabetismo, exclusão, infelicidade. O sistema não assegura o acesso a todas as crianças em idade escolar e o sucesso a cada uma delas. Confunde educação integral com uma escola em tempo integral, que nem isso chega a ser. Busca superar crises por meio de

¹¹ Refere-se ao “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, tornado público em 1932, e assinado por 26 educadores. Além de Armanda Alberto, são signatárias Cecília Meireles e Noemy da Silveira.

¹² Escola fundada pela educadora Armanda Álvaro Alberto, em 1921, no município fluminense de Duque de Caxias.

¹³ Armanda Álvaro Alberto foi militante da Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma organização política criada em 1935 que aglutinava forças liberais e de esquerda, fazia oposição ao regime de Getúlio Vargas e se constituía numa frente antifascista. A ANL foi enquadrada na Lei de Segurança Nacional, tornada ilegal, acusada de ser uma organização golpista. Em novembro de 1935, após uma tentativa frustrada de tomada do poder por comunistas, muitos militantes da ANL foram presos, entre eles o líder da organização, Luiz Carlos Prestes, sua companheira, Olga Benário, e a própria Armanda Alberto, encarcerada em novembro de 1936.

O SISTEMA NÃO ASSEGURA O ACESSO A TODAS AS CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR E O SUCESSO A CADA UMA DELAS.

¹⁴ Refere-se ao “Manifesto pela Educação – Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”. Apresentado ao público em outubro de 2013. Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com.br/2013/10/mudar-escola-melhorar-educacao.html>>. Acesso em: 29 maio 2014.

reformas setoriais, ou por via de medidas de política educativa que não ousam operar rupturas paradigmáticas. E, porque ainda padece da síndrome do vira-lata, o Brasil exilou Freire e despreza os contributos dos seus excelentes educadores, enquanto importa “novas tecnologias” do hemisfério Norte.

Mas uma janela de esperança se abre sobre uma desoladora paisagem. Num cenário de mudança, novas construções sociais emergem de um sistema educativo doente, outra educação se mostra possível. E as comunidades de aprendizagem surgem, não como enfeite de tese, ou paliativo para a precária situação, mas como uma das possíveis alternativas à escola que ainda temos.

Foram precisos mais de oitenta anos para que alguns dos anseios inscritos no manifesto que subscreveste pudessem concretizar-se, atualizar-se num terceiro manifesto. Já o leste? Sei que irás gostar de o ler¹⁴. ✉

Biografia

Armanda Álvaro Alberto

Armanda Álvaro Alberto nasceu na capital fluminense, em 1892. Seu pai, Álvaro Alberto Silva, era médico famoso e reconhecido e sua mãe, Maria Teixeira da Motta e Silva, dedicava-se à literatura e ao ensino em casa. O ambiente intelectual em que convivia influenciou decisivamente toda a sua trajetória.

Em 1910, ingressou no Colégio Jacobina, onde se experimentavam métodos novos de ensino, baseados nos desenvolvidos no Colégio Progresso, fundado em 1874, no Rio de Janeiro. Nessa época perdeu seu pai e ingressou no curso de Literatura. Em 1917, começa sua carreira como professora no próprio Colégio Jacobina, onde permanece lecionando até 1925. Em 1919, morou em Angra dos Reis e lá tentou uma experiência pioneira de uma escola para filhos de pescadores que funcionava ao ar livre.

No ano de 1921, funda a Escola Proletária do Meriti, em Duque de Caxias. Era uma instituição destinada aos filhos dos operários da Fábrica de Explosivos Rupturita, que pertencia ao seu irmão, Álvaro Alberto da Motta e Silva. Nessa escola procurou colocar em prática formas de ensino inovador, baseado nas experiências e no aprendizado coletivo sustentado pelas teorias montessorianas.

Participa da Liga Brasileira contra o Analfabetismo, criada em 1923, e no ano seguinte é cofundadora, ao lado de Heitor Lyra, Francisco Venâncio Filho, Edgar Sússekind de Mendonça (com quem se casou em 1928), da Associação Brasileira de Educação (ABE), dedicada a traçar políticas de construção da educação pública nacional.

Por esses anos, inicia também as suas atividades nas associações feministas que surgiam no Brasil naquela época, especialmente o Conselho Nacional de Mulheres do Brasil e a Federação Brasileira para o Progresso Feminino e, da década de 1930 em diante, na União Feminina do Brasil (UFB), da qual foi presidente.

Em 1932, assumiu a presidência da ABE e foi uma das educadoras que assinaram o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. Entre 1933 e 1936, sua atuação educacional e política foi ampliada. Além de se dedicar à, agora, Escola Regional de Meriti e às associações em defesa das mulheres, Armanda se aproxima da Aliança Nacional Libertadora (ANL), o que a levou à cadeia, em novembro de 1936. Deixou a prisão em julho de 1937, mas viveu muitas dificuldades com as perseguições a ela e ao marido ao longo do Estado Novo de Vargas (1937-45).

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, dedica-se ao trabalho na Escola Regional de Meriti, além de prosseguir em suas atividades na defesa das mulheres e da educação pública.

Em 1959, é signatária do “Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público – Mais uma Vez Convocados – Manifesto ao Povo e ao Governo”, que defendia a escola pública como dever do Estado, por ocasião dos debates em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Educadora que via o seu trabalho como uma tarefa decisiva para o futuro da nação e do mundo, Armanda foi sempre coerente com seus princípios e lutou, do início ao fim de sua vida, que ocorreu em fevereiro de 1974, pela educação pública, especialmente aos mais necessitados.



PROEDES/UFRJ

Dona Armanda
em foto sem data.

Fundação da Escola Proletária do Meriti
com os trabalhadores da região. 1921.



PROEDES/UFRJ

Bibliografia

Obra de Armanda Álvaro Alberto:

ALBERTO, Armanda Álvaro. *A Escola Regional de Meriti: documentário 1921-1964*. Rio de Janeiro: MEC-Inep-CBPE, 1968.

Obras sobre Armanda Álvaro Alberto:

LEITE, Ana Maria Alexandre. *Escola Regional de Meriti: limites e possibilidades da escola inclusiva*. 2002.

Dissertação (Mestrado) – PUC-RJ, Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000071.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2014.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

_____. *Armanda Alberto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

Páginas da internet:

Blog da Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto (antiga Escola Proletária do Meriti).

Disponível em: <<http://escolaalvaroalberto.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Reportagem da TV Brasil sobre Armanda Álvaro Alberto.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M2F80cjwfwf>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Florianópolis, maio de 2013.

Aqui estou,

na tua querida Florianópolis, querido mestre Agostinho. Como em Salvador, Brasília ou João Pessoa, bem acompanhado das tuas sábias palavras, por meio das quais demonstravas que, mais importante do que educar, é evitar que os seres humanos se deseduquem: “Cada pessoa que nasce deve ser orientada para não desanimar com o mundo que encontra à volta”¹⁵. Acreditavas sermos capazes de reencontrar o que em nós é extraordinário e que poderemos transformar o mundo. Mas em vão pugnaste por transformar o mundo, por encontrar tratamento dos males da educação, pois partiste de Brasília, quando a “pátria mãe andava distraída em tenebrosas transações”¹⁶ e a ditadura levou Darcy ao exílio. Quiseste trocar o lema *ordem e progresso* por *liberdade e desenvolvimento*, mas deixaste no início do início um projeto de universidade, que continua tão ancilosada como quando partiste.

Etimologicamente, educar significa *levar de um lugar para outro*. E a palavra crise – do grego *krísis* – designa o momento crítico, no qual o médico, após fazer o diagnóstico da maleita, deve tomar uma decisão: qual deverá ser o tratamento? Quarenta anos após a tua despedida do Brasil, a educação da tua segunda pátria continua à deriva, perdida entre modas e reformas, pois quem a pode transformar não tem poder e quem tem poder não a transforma.

Sofreste as consequências da tua desobediência, da coerência, como atesta o teu credo pedagógico:

*A vida certa do mundo inteiro seria que cada um pudesse viver a sua vida e cada um dos outros pudesse ter esse espetáculo extraordinário de ver pessoas diferentes à sua volta e não, como tantas vezes acontece, sobretudo em pessoas que gostam de mandar nos países, achar que deve ser tudo igual, e quando aparece alguém diferente se ofendem, acham que está fugindo das regras, saindo da vida que deve ter*¹⁷.

Sabias que escolas são pessoas, comunidades feitas de pessoas, que aprendem umas com as outras. E que o desenvolvimento dessas comunidades depende da diversidade de experiências das pessoas que as integram, bem como requer que todos os membros que as constituem se envolvam num esforço de participação, da produção conjunta de conhecimento, vizinho a vizinho, numa fraternidade aprendente.

¹⁵ SILVA, Agostinho da; MENDANHA, Victor. *Conversas com Agostinho da Silva*. Lisboa: Pergaminho, 1994.

¹⁶ BUARQUE, Chico; HIME, Francis. *Vai passar*. Álbum: *Chico Buarque*. Universal, 1984. (adap.)

¹⁷ SILVA, Agostinho da; MENDANHA, Victor. Op. cit., 1994.

¹⁸ SILVA, Agostinho da. Trecho da conferência “Namorando o Amanhã”, realizada na Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros, Portugal. Maio de 1989.

QUARENTA
ANOS APÓS A
TUA DESPEDIDA
DO BRASIL, A
EDUCAÇÃO DA
TUA SEGUNDA
PÁTRIA CONTINUA
À DERIVA.

À medida que ia traduzindo para a língua brasileira a obra de Montessori e a de Oundle, compreendias que a criação de uma comunidade de aprendizagem pressupõe a reconfiguração das práticas escolares, uma indispensável ruptura paradigmática. E, de algum modo, ousaste a ruptura, gesto poético de quem aprendeu a arte de colocar o sonho em ato, porque, como dizias, “poeta é aquele que cria na vida alguma coisa que na vida não existia”¹⁸. Criaste tertúlias e oficinas, viveste aquilo em que acreditavas. Se vivesses nos dias de hoje, certamente farias de cada biblioteca, de cada praça, ou *lan house*, lugares de aprender.

Antes de voltar a Portugal – quando a ditadura destruiu o projeto da faculdade sonhada para Brasília – estiveste muito bem acompanhado por Anísio, Darcy e outros amigos do Sul, lançando sementes de mudança na educação, no reconhecimento de que não existe alternativa à concretização de utopias. E eis que elas regressam e se anunciam em Brasília. Quando puderes, lê o manifesto lançado por educadores para quem tu continuas a ser inspiração. Educadores que não deixaram morrer a criança grande que os habita, que percebem o significado da entronização da criança na Festa do Divino, objeto de muitas das tuas reflexões. Em Floripa, e em outros lugares do Brasil que amaste, essa celebração é mantida por gente que sabe que nascemos para criar e que a vida deve ser gratuita. ✉

Biografia

Agostinho da Silva

Agostinho da Silva nasceu no Porto, em fevereiro de 1906. Depois de uma breve estada em Barca d’Alva, voltou à sua cidade natal, onde fez seus estudos primários e secundários, concluídos em 1924. Nesse ano, ingressou na Faculdade de Letras do Porto, onde iniciou estudos em Românicas, transferindo-se logo em seguida para o curso de Filologia Clássica.

Ao concluir a licenciatura, em 1928, passou a colaborar com a revista *Seara Nova* e, paralelamente, terminava sua tese de doutoramento sobre o seguinte tema: “O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas”.

Entre 1931 e 1933, estudou na França, tanto na Sorbonne quanto no Collège de France. Ao regressar a Portugal, passa a lecionar nos liceus públicos. Entretanto, em 1935, foi demitido do serviço público por não aceitar assinar um documento afirmando não fazer parte de nenhuma organização secreta, medida essa que foi tomada no contexto da ditadura salazarista.

Deixa Portugal, indo viver na Espanha, onde tinha bolsa do Ministério das Relações Exteriores local para estudar no Centro de Estudos Históricos de Madri. Porém, em razão da eclosão da Guerra Civil Espanhola (1936-39), é obrigado a deixar o país.

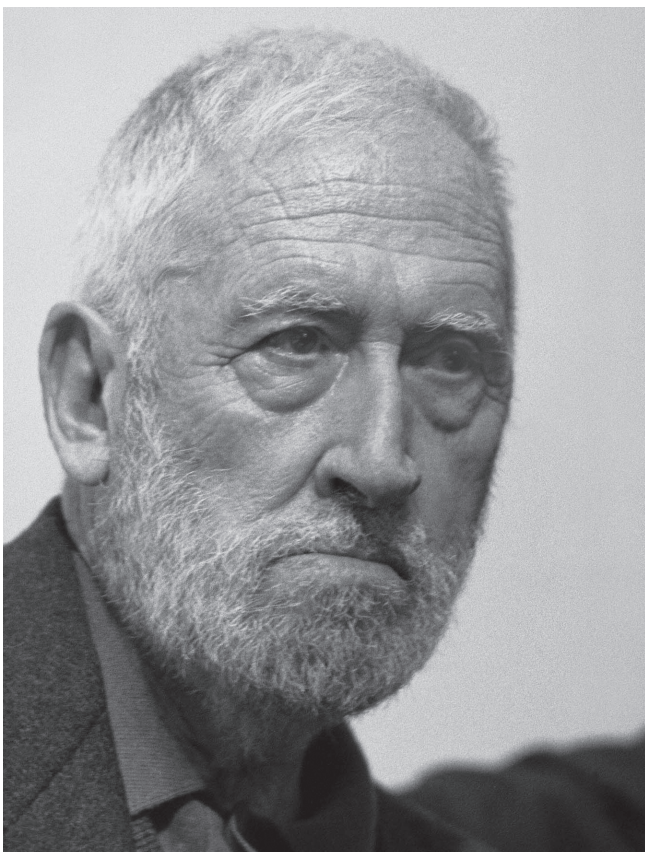
Ao retornar a Portugal, ingressa em diversas iniciativas pedagógicas e culturais, até ser preso pelo regime ditatorial, em 1943. No ano seguinte, deixa Portugal rumo à América do Sul, onde viveu no Uruguai, na Argentina e, finalmente,

fixou-se no Brasil, em 1947, estando em São Paulo, na serra do Itatiaia e no Rio de Janeiro. Foi nesta última cidade que trabalhou no Instituto Oswaldo Cruz e ensinou na Faculdade Fluminense de Filosofia. Colaborou também com Jaime Cortesão, na Biblioteca Nacional.

A partir de 1952, foi professor na Universidade Federal da Paraíba e, em 1955, ajudou a fundar a Universidade Federal de Santa Catarina. Foi ainda professor na Universidade Federal da Bahia e também auxiliou na fundação da Universidade de Brasília, onde criou o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses. Na recém-inaugurada capital do país, foi assessor do presidente Jânio Quadros para política externa.

No ano de 1963, como bolsista da Unesco, viajou a lugares como Japão, Estados Unidos, Macau, Timor Leste e Senegal. Retornou ao Brasil e, entre 1964 e 1969, fixou-se na Bahia. Na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, fundou a Casa Paulo Dias Adorno, que, além de centro de estudos, é também uma escola.

Com o endurecimento da ditadura no Brasil, Agostinho deixa o país e volta para Portugal, onde se dedica a escrever diversas obras sobre filosofia, educação e cultura. Após a Revolução dos Cravos, em 1974, que retomou a democracia em Portugal, volta a lecionar, mantendo, nos vinte anos seguintes, a sua dedicação à escrita, às viagens e à educação. Morreu em abril de 1994, aos 88 anos.



Associação Agostinho da Silva

Agostinho da Silva

no debate na cooperativa “Árvore”, 1991.

Bibliografia

Obras de Agostinho da Silva:

SILVA, Agostinho da. *Sete cartas a um jovem filósofo*. 4. ed. Lisboa: Ulmeiro, 1990.

_____. *Textos pedagógicos*. Lisboa: Ancora/Círculo de Leitores, 2000.

_____; MENDANHA, Victor. *Conversas com Agostinho da Silva*. Lisboa: Pergaminho, 1994.

Obras sobre Agostinho da Silva:

BRANCO, João Maria de Freitas. *Agostinho da Silva: um perfil filosófico*. Lisboa: Zéfiro, 2006.

Dossiê Agostinho da Silva. *Ideação*: Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 1, n. 17. Feira de Santana: UEFS, NEF, 2007.

Disponível em: <<http://www.uefs.br/nef/17.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

MOTA, Helena M. C. B.; CARVALHO, Margarida L. S. *Uma introdução ao pensamento pedagógico de Agostinho da Silva*. Lisboa: Hugin, 1996.

Páginas da internet:

Portal Agostinho da Silva. Disponível em: <<http://www.agostinhodasilva.pt/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Cátedra Agostinho da Silva. Disponível em: <<http://www.catedraagostinhodasilva.unb.br/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Agostinho da Silva: um pensamento vivo. Documentário.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cRF9GcgivRE>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Matinhos, maio de 2013.

Amigo Fernando,

venho trazer-te notícia do terceiro manifesto¹⁹, embora creia que, nesse lugar etéreo onde subiste, não careças de informação e presuma que possas presenciar tudo quanto na Terra acontece. Dirijo-me a ti, que pugnaste por uma nova política de educação, que redigiste e, em 1932, foste o primeiro signatário do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. A ti, que estiveste presente no malogrado Manifesto de 1959²⁰ e partiste sem veres frutos do teu árduo labor. Não desanimes, caro Fernando, porque o terceiro dos manifestos não terá o destino que tiveram os anteriores. De onde me vem essa certeza? – perguntarás. De ver surgir iniciativas e projetos que, notoriamente, operam uma profunda ruptura com o paradigma de escola do século XIX. E de assistir ao encontro de muitas e variadas gentes, irmanadas num mesmo propósito. No teu propósito.

Crê que compreendo a tua apreensão. A universidade que ajudaste a fundar em São Paulo, à semelhança de outras universidades, parece adotar nas suas práticas o aforismo “Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço”, contribuindo para a prossecução de políticas educativas equivocadas e a manutenção de um modelo epistemológico que, em vida, tu tanto contestaste. Perdoa a franqueza, amigo Fernando, mas nunca vi gente tão contraditória como a dos teus pares. É gente com grande responsabilidade na definição de políticas educacionais e, se a universidade é referência matricial, é prejudicial o exemplo que os académicos dão às escolas, o exemplo da incoerência entre a teoria que colocam nas teses e as práticas que desenvolvem. Quando observo práticas híbridas, ou mesmo contraditórias, temo pelas consequências. Saberás explicar-me como é possível ser teórico socioconstrutivista e prático de dar aula? E será possível ensinar métodos ativos num contexto de passividade? É exatamente isso que por lá se faz.

Presumo que, no teu eterno descanso, terás muito tempo livre (ainda que o tempo seja ilusão, invenção dos terráqueos). Por isso, atrevo-me a ocupar um tempo a contar-te um episódio que ilustra o que acabo de dizer. Após uma palestra, fui interpelado pelo palestrante seguinte: “Vou fazer a próxima palestra e estou sem saber o que fazer. Acabaste de dizer que aula é inútil e prejudicial. E a palestra que preparei é sobre planeamento de aula”.

Manifestei-lhe a minha perplexidade: “Tu, que és professor universitário, sabes que aula é inútil e prejudicial. Por que não o dizes?”.

¹⁹ Refere-se ao “Manifesto pela Educação – Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”. Apresentado ao público em outubro de 2013. Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com.br/2013/10/mudar-escola-melhorar-educacao.html>>. Acesso em: 29 maio 2014.

²⁰ Refere-se ao “Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público – Mais uma Vez Convocados – Manifesto ao Povo e ao Governo”. Escrito por Fernando de Azevedo, o documento foi assinado por 161 educadores. Procura retomar pontos do Manifesto de 1932, mas agora centrado na discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em debate à época.

“Eu sei que tens razão”, concluiu, pesaroso, “mas eu não poderei dizer isso aos professores, porque... eu dou aula na minha faculdade.”

Saudoso Fernando, a educação do teu Brasil continua cativa de atavismos. Os contributos do Paulo, do Florestan, do Lauro e de outros insignes pedagogos têm sido trocados por teorias importadas do hemisfério Norte. As comunidades de aprendizagem têm sido objeto de estudo a partir de uma matriz teórica estrangeira e isso talvez se deva ao desconhecimento da presença desse conceito nas obras de autores brasileiros. As práticas de comunidade de aprendizagem são escassas e tomam por referência experiências realizadas na década de 1990, nos Estados Unidos e na Espanha. Os académicos que as implementam ignoram que, ainda que sob outras designações, já na década de 1960 (no Brasil) e na de 1970 (em Portugal), foram desenvolvidas práticas com as características de comunidade de aprendizagem. Essa será, creio, uma das formas possíveis de novas construções sociais, para que a velha escola possa, finalmente, implodir. Porém, as escolas onde os académicos vêm introduzindo projetos com essa designação mantêm-se ancoradas no modelo de escola tradicional.

O Paulo falava da necessidade do contato pessoal, físico, com a realidade, para além dos muros da escola. Tal como o teu amigo Florestan, sociólogo consciente dessa necessidade, e que, por agir em coerência com os seus princípios, tantas vezes tiveste de proteger e acompanhar nos interrogatórios a que o Dops²¹ o submetia. Mas, enquanto a plêiade educacional da tua geração defendia que a educação deveria ser pensada a partir das comunidades, de modo que os processos de aprendizagem assumissem um papel transformador nas sociedades, ainda há quem creia que o modelo escolar é o único modelo de educação e que a escola edifício é o único lugar onde se pode aprender. Fernando, estou a falar de comunidades de aprendizagem. Para que elas surjam, não basta que uma instituição de ensino superior (nunca ouvi falar de ensino inferior, mas, se há ensino que se diz superior...) ofereça um projeto de extensão às escolas, ou que estas abram as suas portas para que as famílias nelas entrem. Participar não consiste apenas em intervir em reuniões, ou em pertencer a uma associação de pais e mestres. É preciso que os muros das escolas sejam derrubados, que catracas e câmeras de vigilância sejam desativadas, para dar lugar

²¹ Trata-se do Departamento de Ordem Política e Social. Criado durante a ditadura do Estado Novo (1937-45), também foi utilizado para perseguir opositores da ditadura militar (1964-85).

a amplos espaços de fraterna vizinhança, para que as novas gerações aprendam no contexto das suas comunidades.

Recentes produções consideradas científicas vão em outra direção. E preocupo-me com o rumo que a aplicação desses produtos do engenho humano está a tomar. Parece que a universidade, que tanto buscaste transformar, se mantém ancorada num modelo epistemológico dos Novecentos. Peço que sejas paciente na leitura de insignificantes registros críticos, que aqui deixo, e que me digas de tua justiça.

A produção acadêmica, que toma por objeto a *comunidade de aprendizagem*, consagra o princípio do diálogo igualitário. Mas de que modo o *diálogo igualitário* – princípio que estabelece que, nos espaços de tomadas de decisão, a comunicação deve se basear na força dos argumentos, e não em posições de poder que cada pessoa ocupa – poderá ser conciliado com a manutenção de uma gestão de escola hierárquica? E, se a capacidade de aprender e de apreender de diversas maneiras se dá ao longo da vida, por que razão em grande parte ela se subordina ao tempo escolar? Se existe uma intenção de transformar as relações entre as pessoas em outra lógica que não a da competitividade, mas a da cooperação, por que manter nas experiências em curso os rituais de uma escola competitiva, seletiva, excludente?

Quando se assume que, em comunidade de aprendizagem, se busca trabalhar a gestão da escola em uma perspectiva democrática, participativa e dialógica, por que se institui uma comissão gestora da escola, se esta não substitui os órgãos de gestão tradicionais? De que modo a gestão escolar ficará mais democrática e compartilhada, pela introdução (ou intrusão...) de um órgão de gestão paralelo aos órgãos de gestão tradicionais, que são quem detém o poder efetivo na escola?

É muito reducionista a definição do conceito e a utilização do *grupo interativo* como recurso para a revisão de conteúdo já trabalhado em sala de aula. A presença de diferentes pessoas em espaços de aprendizagem, numa sala de aula ou fora dela, é prática há muito tempo utilizada em escolas que prescindiram da “aceleração da aprendizagem”, de “classes de reforço” e de outros dispositivos de educação compensatória. Nessas escolas, os jovens aprendentes não são distribuídos por grupos previamente estabelecidos pelo professor, mas pela auto-organização,

É PRECISO QUE
OS MUROS DAS
ESCOLAS SEJAM
DERRUBADOS,
QUE CATRACAS
E CÂMERAS DE
VIGILÂNCIA SEJAM
DESATIVADAS.

em função de objetivos comuns e contemplando a heterogeneidade. As equipes assim constituídas são acompanhadas por tutores, que asseguram a mediação da aprendizagem que o desenvolvimento dos diferentes projetos requer.

Atividades como as tertúlias dialógicas, a biblioteca tutorada ou os grupos interativos são consideradas inovação. Sê-lo-ão? E se afirmarmos que, há muito tempo, vêm sendo desenvolvidas em escolas com projetos? É certo que essas atividades poderão constituir-se em excelentes contributos para a melhoria das aprendizagens... se não forem meros dispositivos de complemento curricular.

Não faz sentido que a leitura de um livro, no contexto de uma tertúlia literária dialógica, seja remetida para o domínio da sala de aula. Nem se percebe por que razão a biblioteca tutorada é um espaço aberto em horário contrário ao da sala de aula. Por que razão a biblioteca não é utilizada durante as aulas? Ou, melhor dizendo, por que não substituir a aula por uma permanente aprendizagem, realizada a todo momento e em múltiplos contextos sociais?

Caro Fernando, se no teu etéreo descanso existe o hábito de orar, reza para que as mentes dos teus colegas universitários se iluminem. ✉

Biografia

Fernando de Azevedo

Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, em Minas Gerais, no mês de abril de 1894. Ainda jovem se transferiu com a família para o Rio de Janeiro, e estudou o ginasial no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Em seguida, estudou Letras Clássicas e Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo.

Em 1916, iniciou sua carreira de professor, lecionando em diversas instituições de Belo Horizonte e São Paulo. Em 1926, assumiu o posto de diretor-geral de Instrução Pública do Rio de Janeiro. Durante os quatro anos no cargo, promoveu uma reforma educacional considerada revolucionária, algo que procurou implementar em São Paulo também, quando assumiu o cargo de diretor-geral de Instrução Pública daquele estado, entre 1930 e 1933.

Entre 1931 e 1946, na Companhia Editora Nacional, promoveu a criação e o desenvolvimento da Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPPB), da qual faziam parte as coleções Iniciação Científica e Brasileira, fundamentais para a divulgação da produção do pensamento científico e pedagógico do país.

Em 1932, foi o redator do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, documento seminal em que se propunham as bases de uma nova política de educação no país. Vários educadores e intelectuais brasileiros foram signatários desse texto fundamental na história da educação nacional.

Foi um dos fundadores da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, onde foi professor, diretor e membro do Conselho Universitário. Ainda na capital paulista, foi secretário de Educação e Saúde do estado (1947) e secretário de Educação e Cultura da prefeitura paulistana (1961).

Participou como membro, presidente ou vice-presidente de diversas instituições internacionais dedicadas à educação, à sociologia, à história da ciência e da cultura. Além disso, foi o criador e presidente durante muitos anos (1935 a 1960) da Sociedade Brasileira de Sociologia e da Associação Brasileira de Escritores.

Ao longo de todo esse tempo, foi escritor dos mais destacados, deixando obras fundamentais para a compreensão do Brasil, sendo considerado um dos seus intérpretes mais importantes. Por essa razão, em agosto de 1967 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Esse educador múltiplo, homem de teoria e ação, morreu em setembro de 1974, em São Paulo, aos 80 anos.



Arquivo/Estadão Conteúdo/AE

O professor, educador, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro Fernando de Azevedo.

Eleito em 10 de agosto de 1967 para a Cadeira 14 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Antônio Carneiro Leão.

Bibliografia

Obras de Fernando de Azevedo:

AZEVEDO, Fernando de. *A educação e seus problemas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. *A cultura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

_____. *Educação entre dois mundos: problemas, perspectivas e orientações*. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

Obras sobre Fernando de Azevedo:

PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4698.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

PILLETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. In: FAVERO, Maria de Lourdes; BRITTO, Jader de Medeiros (Org.).

Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC/Inep/Comped, 1999.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e a cultura brasileira*. Ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. 1995. Dissertação. São Paulo: EHPS/PUC-SP, São Paulo.

Páginas da internet:

Educadores – Fernando de Azevedo. TV Escola.

Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video?idItem=649>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

Arquivo de Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Disponível em: <<http://www.usp.br/niephe/publicacoes/docs/TRAJETOR.PDF>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

Natal, junho de 2013.

Prezado João,

que nos falavas de quantos morrem sem nunca terem vivido, fica sabendo que ainda se morre no Brasil “de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte”²². Medito sobre a cruel atualidade das tuas palavras: o que fizemos de meio século de história? Em nosso país, caro João, estão jogando futebol em estádios que custam milhões, enquanto se morre de fome um pouco por dia.

Gostaria de poder dar-te boas notícias da educação, mas essas são poucas. Delas não falam os jornais, apenas te darei notícia de professores atentos à tragédia. As escolas ainda são usinas, que engolem gente e vomitam bagaço. Escutemos a Ellen, conversando com os seus alunos sobre o que querem ser:

Uma boa parte quer ser médica, outra parte quer ser engenheira e não identifiquei algum querendo ser professor. A comunidade na qual se localiza a escola em que trabalho tem altos índices de violência. Descobri que alguns alunos gostariam muito de ser pedreiros... Mas por que sonhar com uma profissão tão árdua e de pouca remuneração? Fiquei sem entender! Até que um daqueles que sonham em ser pedreiro teve dó de mim e resolveu explicar o motivo de muitos quererem essa profissão.

“Tia, a senhora sabe o que é e o que faz um pedreiro?”

“Pedreiro é o profissional que trabalha na construção civil. Não deverias tentar ser doutor, criaturinha?”

Ele sorriu e respondeu:

“Tia, pedreiro é quem vende pedra de crack. Aqui, na comunidade, quem vende mais pedras ganha mais, tem ‘participação nas vendas’. A senhora não vê alguns alunos com celulares de última geração e cordão da moda? Compram com o dinheiro da ‘comissão’ da venda.”

Nesse momento, meu mundo desabou completamente²³.

E, quando se justifica uma ajuda a professores que querem mudar o seu mundo, melhorar a escola, crê, caro João, que se contratam mais polícias e se constroem mais prisões...

²² MELO NETO, João Cabral de. *Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. 9. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 85.

²³ Mensagem recebida por José Pacheco de uma professora que não gostaria de ser identificada.

²⁴ Mensagem de um pai de aluno endereçada a José Pacheco.

²⁵ Relato que José Pacheco acompanhou em uma comunidade indígena no interior da Amazônia.

GOSTARIA DE
PODER DAR-TE
BOAS NOTÍCIAS
DA EDUCAÇÃO,
MAS ESSAS SÃO
POUCAS.

Outro João me confidenciou que a diretora da escola o chamou, para lhe sugerir que levasse o seu filho para uma escola particular, porque aquela só tinha aluno marginal²⁴, aquele aluno que a escola-usina vomita como bagaço, na ignorância de que o marginal regressará, armado de fuzil de assaltar, ou já cadáver, exibido nos jornais e na TV.

A curiosidade levou-me até a escola dos ditos marginais. Contornei altos muros e dispositivos de proteção. Passei por jardins cobertos de lixo. Desemboquei num pátio repleto de avisos de proibições, entremeados de grades. Por detrás de outras grades, o olhar inquisidor de uma funcionária fuzilava o visitante (os olhos de outra funcionária estavam pousados no Facebook). Escutei os gritos de professores, dando aula. Vi jovens alheios à aula, bocejando, usando celular, acondicionando fones nos ouvidos.


Em pleno século XXI, o da suposta valorização de minorias, num lugar remoto do nosso Brasil, escuto narrativas de culturas destruídas. Como aquela que nos fala de um astrônomo que visita uma aldeia, instala a sua luneta e convida um jovem indígena a espreitar constelações.

“Consegues ver a constelação de Escorpião?”, pergunta o astrônomo.

“Não. Eu vejo a da Onça”, responde o indígena.

Decorridos dois anos, o cientista reencontra o mesmo jovem na universidade. E renova a pergunta: “Então, meu jovem, já consegues ver o Escorpião?”.

O jovem indígena responde: “Consigo ver o Escorpião, sim... mas deixei de ver a Onça”²⁵.

Houve um dia em que o escorpião matou a onça. E agora, João? 

Biografia

João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, em janeiro de 1920. Irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre, João Cabral viveu sua infância em engenhos de açúcar no interior de Pernambuco. Em 1930, mudou-se com a família para Recife, onde iniciou seus estudos regulares.

Ingressou em times de futebol da cidade, sendo campeão juvenil pelo Santa Cruz Futebol Clube, em 1935. Mas abandona a carreira futebolística e dedica-se aos estudos. Em 1937, começa a trabalhar na Associação Comercial de Pernambuco e, depois, no Departamento de Estatística do Estado.

Em 1940 muda-se para o Rio de Janeiro, mantendo contato com as rodas literárias e de intelectuais da cidade. Incentivado pelo ambiente, inicia sua profícua carreira de escritor, publicando seu primeiro livro, *Pedra do sono*, em 1942.

Nesse período ingressa no serviço público federal, primeiro no Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp) para, em 1945, prestar concurso e ser aprovado para a carreira diplomática. No exercício da função, viveu em Barcelona, onde conheceu o pintor Joan Miró. Continua escrevendo e publicando vários livros de poesia.

Em 1950, muda-se para Londres, mas logo tem de voltar ao Brasil para responder a processo por subversão. Afastado do serviço público, temporariamente trabalha na redação do

jornal *A Vanguarda*. Em 1954 retorna ao trabalho diplomático, após o arquivamento do processo a que respondia. Em 1956 é publicada a sua obra-prima: *Morte e vida severina*.

A partir de 1958, volta a viver na Europa em função do seu trabalho na diplomacia: Marselha, Madri, Berna, Genebra, Cádiz e, novamente, Barcelona, em 1967. Nesses nove anos, publica diversas obras, o que lhe rende a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em agosto de 1968.

Após três anos em Assunção, no Paraguai, é enviado para o continente africano, onde trabalhou no Senegal, na Mauritânia e no Mali, retornando à América do Sul como embaixador brasileiro em Quito, no Equador, dois anos depois está em Honduras, para, em seguida, mudar-se, como cônsul-geral, para Portugal. Nesse período, são publicadas diversas obras escritas nos vários países onde viveu.

Em 1990 aposenta-se da carreira diplomática e pretende dedicar-se exclusivamente à literatura. Entretanto, as dores de cabeça que o atormentaram durante muitos anos se intensificam, levando à perda de boa parte da visão, o que obriga João Cabral a deixar de escrever.

Casado duas vezes e pai de cinco filhos, João Cabral de Melo Neto, forte candidato a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, morreu em outubro de 1999, deixando uma obra das mais significativas e importantes da literatura brasileira e mundial, reverenciada e agraciada com diversos prêmios e reconhecimento ao longo de sua vida e após o fim dela.



Arquivo/Agência O Globo

O escritor João Cabral de Melo Neto
lendo um discurso na ABL
em 6 de maio de 1969.

Bibliografia

Obras de João Cabral de Melo Neto:

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
_____. *Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. 9. ed. São Paulo: Global, 2003.

Obras sobre João Cabral de Melo Neto:

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1971.
SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.
SENNÁ, Marta de. *João Cabral: tempo e memória*. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

Páginas da internet:

João Cabral de Melo Neto – Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=674&sid=337>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Morte e vida severina. Teleteatro musical, TV Globo, 1981.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MthmmdJgQXY>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Macapá, junho de 2013.

Que afirmação audaz fizeste, amigo **Milton**,

mas é mesmo assim: *comunicação é troca de emoção*²⁶. E como me emociona poder falar-te, por teres deixado na Terra um rastro de amor incondicional. Porque, apesar de teres sofrido na negra pele um duplo ostracismo, te mantiveste semeador de paz. O teu exemplo nos ajuda a continuar pugnando pelo fim de um tempo em que ainda existem duas classes sociais, a dos que não comem e a dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem. É bem verdade que, se na pré-história os homens das cavernas viviam em bandos para se defender dos predadores, hoje os homens vivem em bandos para depredar. Mas não te trago lamentações nesta carta. Trago-te esperança. Não tarda, a geografia brasileira será outra. Na humana geografia deste país, acontecerá cidadania plena através do aprender em comunidade.

Caro amigo, esse aprender em comunidade pressupõe uma outra formação de professores. Geógrafo eminente, sabes que aquela que vem sendo feita orienta-se por velhos princípios (do Oriente geográfico, isso mesmo, que a linguagem reproduz cultura) e permanece colonizada por pedagogias vindas do Norte (norsteia-se...). Mas já o Freire, na sua *Pedagogia da esperança*, recomendava que o educador brasileiro não se norsteasse, que se suliasse²⁷. Se os professores brasileiros estudam os autores do Norte, por que desconhecem os do Sul? Compreenderiam que a proposta da italiana Montessori foi reinterpretada por Agostinho da Silva, que o ideário de Pestalozzi foi posto em prática pelo Eurípedes, aprenderiam o Piaget abrasileirado pelo Lauro, ou o pragmatismo do norte-americano Dewey adaptado pelo Anísio.

Aprender em comunidade requer a adoção de princípios transformadores. É a cultura pessoal e profissional do educador que está em causa. Ter-se-á de entender que a teoria não antecede a prática e que é a dificuldade sentida na prática que justifica a busca de teoria, com vista a uma práxis coerente. É um erro pensar que a teoria precede a prática, assim como agir na prática desprezando a teoria. A necessária reelaboração cultural requer alteração de padrões atitudinais, que são complexos e de modificação gradual. Nesses processos de transformação, urge considerar um renovado conceito no campo da formação: o isomorfismo. Dito em código restrito: o modo

²⁶ Milton Santos desenvolveu argumentação em torno dessa ideia na entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em 30 de março de 1997. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/milton-santos-1>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

²⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

A NECESSÁRIA
REELABORAÇÃO
CULTURAL
REQUER
ALTERAÇÃO
DE PADRÕES
ATITUDINAIS.

como o professor aprende é o modo como o professor ensina. É inútil “capacitar o formando em alfabetização”, ou servir-lhe o Piaget em dez aulas, porque quem o capacita nunca praticou e, quando o professor voltar à sala de aula, o Piaget já lá não estará... E que, na gênese das comunidades, se priorize a necessidade da transformação do professor-objeto de formação em professor-sujeito no contexto de uma equipe de projeto. Tudo isso tu sabias, caro Milton, ainda que nunca o tivesses escrito. Os teus méritos não foram reconhecidos, como não o foram os de muitos outros brasileiros, por via da síndrome do vira-lata, que afeta até os menos distraídos.

Quando perguntaram a Orson Welles como havia conseguido, em seu primeiro filme, realizar uma obra-prima nunca superada na história do cinema, diz-se que terá respondido por ignorância. Na mesma linha de raciocínio e na intenção de provocar a curiosidade dos mais distraídos, cito o teu contemporâneo Freire: “Criar o que não existe ainda deve ser a pretensão de todo sujeito que está vivo”²⁸. Isto é: reelaborar o conceito de comunidades de aprendizagem é construir um inédito viável... mas integrando contributos teóricos de brasileiros. Sem enjeitar os contributos anglo-saxônicos e catalães, claro. E, se desse modo me pronuncio, é porque tive a desagradável surpresa de achar escassas referências a autores brasileiros nas bibliografias de teses e de raramente encontrar as suas obras nas bibliotecas das faculdades de Pedagogia. Os professores foram privados do acesso a essas obras e a maioria dos diplomados nem os nomes de ilustres educadores brasileiros conhece. Perderam-se entre a ditadura do Vargas e os calabouços do Dops...²⁹

A experiência humana não poderá continuar a ser destruída pelo modelo civilizacional que os poderosos de ontem e de hoje impuseram a frágeis criaturas, que apenas conseguem identificar o que as separa e não o que as une. No condomínio de luxo, como nas favelas, foram destruídas as redes de vizinhança, a convivência fraterna. Mas, se é verdade que existem comunidades espirituais, procura aquela onde o Floriano e o Moreira César³⁰ habitam na eternidade e diz-lhes que o espírito de Canudos não morreu. ✉

²⁸ *Folha de S.Paulo*, 8 jan. 1997.

²⁹ Trata-se do Departamento de Ordem Política e Social. Criado durante a ditadura do Estado Novo (1937-45), também foi utilizado para perseguir opositores da ditadura militar (1964-85).

³⁰ Refere-se ao presidente da República marechal Floriano Peixoto, que governou o Brasil entre 1891 e 1894, e ao coronel Antônio Moreira César, líder da terceira expedição militar enviada ao sertão da Bahia para destruir o arraial de Canudos, em 1897.

Biografia

Milton Almeida dos Santos

Milton Almeida dos Santos nasceu no município de Brotas de Macaúbas (BA), em maio de 1926. Quando criança, viveu com a família em diversas cidades do interior baiano. Nesse meio-tempo, foi alfabetizado pelos pais, que eram professores primários.

Desde a adolescência lecionava Matemática e Geografia no ginásio onde estudava, o Instituto Baiano de Ensino. Aos 18 anos, ingressou na Faculdade de Direito de Salvador. Formou-se em Direito, mas nunca abandonou os estudos de Geografia, ingressando como professor catedrático da disciplina no Colégio Municipal de Ilhéus, na mesma época em que já se envolvia com militância política de esquerda.

Em seguida, muda-se para Estrasburgo, na França, onde defende sua tese de doutoramento em 1958. Retorna ao Brasil, tornando-se um acadêmico de destaque em Salvador. Após o golpe de Estado de 1964, seu envolvimento com movimentos políticos de esquerda levou-o à prisão domiciliar e, em seguida, para o exílio. Foram treze anos na França, Canadá e Estados Unidos, lecionando em algumas das melhores universidades do mundo: Sorbonne (Paris), Universidade de Toronto, Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Durante o exílio, esteve em muitos outros países: Venezuela, Peru, Nigéria e Tanzânia. Neles, ensinou em

universidades, organizou sistemas de pós-graduação e ajudou no desenvolvimento de centros de pesquisa.

Em 1977, Milton Santos retorna ao Brasil como consultor de Planejamento do estado de São Paulo, assumindo, em seguida, o cargo de professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), até o ano de 1983, momento em que se transferiu para a Universidade de São Paulo (USP), onde se manteve trabalhando mesmo depois de aposentado. Milton Santos morreu em São Paulo, em junho de 2001, vítima de câncer.

Suas teses sobre o desenvolvimento urbano de países sub-desenvolvidos e sobre a globalização focada nos interesses do capital, o consumo desenfreado e a destruição das culturas locais são estudadas profundamente e consideradas marcos fundamentais do pensamento crítico na Geografia, em particular, e nas Ciências Sociais, em geral.



Juca Varella/Folhapress

O geógrafo e professor emérito da USP Milton Santos

em palestra sobre o tema “As três idades do Brasil”, no auditório da *Folha de S.Paulo*. São Paulo-SP.

15/05/2000.

Bibliografia

Obras de Milton Santos:

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*.

Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979 (Coleção Ciências Sociais).

_____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

Obras sobre Milton Santos:

CARLOS, Ana Fani A. *Ensaio de geografia contemporânea: Milton Santos, obra revisitada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Maria Auxiliadora da. “Milton Santos: a trajetória de um mestre”. *El ciudadano, la globalización y la geografía*.

Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidade de Barcelona, v. VI, n. 124, 30 set. 2002.

Páginas da internet:

Entrevista de Milton Santos ao programa *Roda Viva*, TV Cultura, em 30 mar. 1997.

Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/milton-santos-1>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

Milton Santos, site mantido por seus familiares como forma de preservação de sua obra.

Disponível em: <<http://miltonsantos.com.br/>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

Canudos, julho de 2013.

Infeliz Antônio,

terias ensejo de ensinar Aritmética, Português, Geografia, Francês, Latim, e de cultivar o teu maior prazer, o estudo das lendas populares da Idade Média, mas não conseguiste ficar muito tempo nas escolas de fazenda, a serviço dos barões. Abandonaste o ofício de professor, para peregrinar pelo sertão e te expores a conspirações e calúnias. Tarde te iniciaste na arte de ensinar e escassos foram os anos em que te dedicaste a uma docência precária e mal remunerada, pois buscaste sustento em profissões de mais generosos proventos. Soube que foste escrivão, solicitador e até advogado sem diploma. Até o dia – que não quero recordar-te por ser dolorosa lembrança – em que te decidiste pela errância no interior do Ceará, restaurando e construindo capelas, igrejas, cemitérios.

Atento às pregações do padre Ibiapina, estudavas os textos sagrados e espalhavas o Evangelho entre o povo humilde, de quem escutavas preces e a quem davas consolação. Daí o cognome que te conferiram: Conselheiro. Não sei, meu caro Antônio, se terias consciência das invejas e da ira que esse teu agir despertava em eclesiásticos e latifundiários. Os poderosos não perdoavam a fuga de súditos, que te seguiram e te ajudaram a fundar o arraial do Bom Jesus. De imediato, te acusaram de assassino. Mas, porque provaste a tua inocência, o teu prestígio cresceu entre a massa de deserdados. Essa humilde e castigada gente projetava na tua pessoa a esperança de libertação de um cativeiro de séculos, às mãos de barões e coronéis.

Aquela fazenda abandonada às margens do rio Vaza-Barris foi anunciada como a terra prometida aos miseráveis, às prostitutas e aos jagunços que semeavam o terror no sertão da Bahia. E era tal a tua fé que as prostitutas viraram mulheres de virtude; tão grande o teu exemplo. E os jagunços se transformaram em paladinos da justiça. Deste o nome de Belo Monte ao povoado que viria a ser conhecido por Canudos. Franciscano pedreiro que eras, como o santo de Assis, que também foi pedreiro construtor e reconstrutor de templos, iniciaste a construção de uma igreja, congregando almas dispersas, banindo o uso do vil metal, instituindo a propriedade comum.

Não te perdoaram a utopia de um Brasil sem violência, sem prostituição física ou espiritual, sem corrupção. O genocídio perpetrado por um exército manipulado por políticos da mesma estirpe dos de hoje matou o teu sonho de uma sociedade justa. Os poderosos do século XIX negaram a 15 mil seres humanos o direito a uma vida digna. Os poderosos do século XXI mantêm o mesmo

MAS, PORQUE
PROVASTE A TUA
INOCÊNCIA, O
TEU PRESTÍGIO
CRESCER ENTRE
A MASSA DE
DESERDADOS.

iníquo sistema, que nega o direito à educação a milhões de brasileiros. Mas o que importa reter, caro Antônio, é que, talvez pela tua origem de pedagogo, intuitivamente deste origem a algo que, na atualidade, poderíamos chamar de comunidade de aprendizagem. Acolheste a heterogeneidade social e cultural, asseguraste inclusão, criaste condições de satisfação de necessidades básicas, concretizaste um projeto de desenvolvimento humano sustentável.

O teu sacrifício não foi em vão. Decorrido quase um século após a tua morte, Agostinho da Silva evocaria a tua memória dizendo que era necessário reorganizar todo o sistema educacional com o espírito criativo de Canudos. No século XIV, a que Agostinho se reporta, o cabalista Rabi Iossef ben-Shalom de Barcelona sustentava que, em toda transformação da realidade, o abismo do nada é cruzado e, por um fugaz momento místico, torna-se visível. Nada pode mudar sem entrar em contato com essa região do Ser Absoluto puro que os místicos chamam de Nada. E o meu amigo Fábio crê que aquilo que nos cabe nesta existência é a viagem de retorno a essa região do Ser Absoluto e, com a Sua graça, voltarmos transformados, para nos ajudarmos a transformar, a melhorar a humanidade.

Nisso acreditaste, amigo Antônio. E, pelo teu exemplo, nos ajudas a acreditar. ✉

Biografia

Antônio Vicente Mendes Maciel

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu na cidade cearense de Quixeramobim, em março de 1830. O local era um pequeno povoado no interior da província, bastante pobre. Sua mãe, que gostaria que Antônio fosse padre, morreu quando ele tinha apenas 6 anos de idade. Sabe-se que estudou Aritmética, Português, Geografia, Francês e Latim. Além disso, nutria profundo interesse pelas lendas medievais, pela história dos cavaleiros cristãos e pela trajetória do imperador do Sacro Império Romano-Germânico Carlos Magno.

Após a morte de seu pai, quando tinha 27 anos, assumiu as atividades de comerciante, que herdou dele, sustentando quatro irmãos. Dois anos depois, passou a exercer a função de professor para os filhos de comerciantes e fazendeiros locais.

Em seguida, conseguiu realizar trabalhos de escrivão de cartório, solicitador (encarregado de encaminhar petições ao poder Judiciário) e rábula (advogado sem diploma). Entretanto, a traição de sua esposa, Brasilina Laurentina de Lima, que fugiu com outro homem, transformou sua vida. Antônio ficou transtornado e passou a perambular pelo sertão nordestino, sem destino certo.

Em suas andanças, exercia a função de pedreiro e construtor, revitalizando, especialmente, capelas e igrejas. Além disso, acompanhava as pregações e as ações de caridade do padre Ibiapina, algo que o influenciou de forma significativa.

Antônio passou a pregar o Evangelho e a ouvir as lamentações do povo do sertão. Dava então conselhos às pessoas com base nos ensinamentos religiosos e, nesse momento, ficou conhecido como Antônio Conselheiro. Sua fama se espalhou pelo Nordeste e os seus seguidores se avolumavam. Com isso, chegou a formar uma comunidade sob sua liderança, chamada Bom Jesus, no sertão baiano.

Em 1876, Conselheiro foi preso, acusado de ter matado sua ex-mulher. Ficou dois anos encarcerado, mas conseguiu provar a sua inocência. Esse processo intensificou a sua fé e o transformou, para o povo pobre do sertão, num mártir. Milhares de pessoas se reuniram em torno dele em novas perambulações pelo sertão, até que se fixaram na região da várzea do rio Vaza-Barris, formando o arraial de Canudos, em 1893.

Os clérigos se incomodavam com Antônio Conselheiro, pois perdiam prestígio e seguidores com a presença dele. Da mesma forma, os latifundiários também temiam a perda de trabalhadores nas fazendas. Paralelamente, Canudos crescia, transformando-se numa cidade com milhares de habitantes.

Antônio Conselheiro era atacado também pela imprensa da capital do país à época, que o considerava um lunático, fanático religioso e monarquista. A campanha contra ele e Canudos se avolumava a cada dia.

Uma questão comercial, que envolvia a compra de madeira, foi utilizada como pretexto para que Canudos fosse invadido pela polícia da Bahia. Repelidas pelos moradores, as forças policiais se retiraram. Entretanto, uma série de ataques se iniciou: três expedições militares foram enviadas para derrotar Canudos, entre 1896 e 1897. Na última, milhares de habitantes foram mortos, inclusive Antônio Conselheiro, em setembro de 1897, em circunstâncias não esclarecidas.



Biblioteca Nacional, RJ

Charge de Angelo Agostini.

Antônio Conselheiro rechaça a República.
Em *Revista Ilustrada*, c. 1896.

Bibliografia

Obras sobre Antônio Conselheiro:

GRAHAM, Robert B. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Sá/Unesp, 2002.

SILVA, Rogério Souza. *Antônio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie*. São Paulo: Annablume, 2001.

Obras sobre Canudos:

CUNHA, Euclides da. *Os sertões* [1902]. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995.

Páginas da internet:

Os sertões. Programa Alô Escola, TV Cultura. Disponível em:

<<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasilieiros/sertoes/index.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Guerra de Canudos. Acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em:

<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos,canudos,881,o.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Brasília, agosto de 2013.

Querido Darcy,

escutei o teu apelo, já quando o câncer consumia o teu último sopro de vida. Vi-te sofrer o exílio, enquanto a tua nação dormia distraída, “sem perceber que era subtraída em tenebrosas transações”³¹. Vão sacrifício o teu, porque as escolas continuam a não ensinar. A lei que fizeste aprovar nos idos de [19]96 continua sendo letra morta. Imagina que os autores de uma anunciada *reforma* creem que o sistema irá melhorar com *boletins e reprovações*, ou quando *pele menos um período por dia seja dedicado ao desenvolvimento de atividades interdisciplinares*³². Leste bem, Darcy: um período por dia! *Ou quando houver espaço para que professores trabalhem por projetos em algumas disciplinas*. Em algumas disciplinas! Ou, ainda, quando *no último ciclo os alunos sejam protagonistas do próprio aprendizado*. Somente no último ciclo acontecerá a *emancipação social e cidadã dos alunos* (sic!).

É triste, caro Darcy, verificar que aqueles que detêm o poder de mudar não entendem que, junto com Anísio Teixeira, Paulo Freire e Lauro de Oliveira Lima, tu formas “o quarteto mais fecundo, fértil e injustiçado da história da educação em nosso país”³³. É lamentável que osem afirmar que, há décadas, foi *implantada a chamada progressão continuada*, quando, na verdade, ela nunca foi implantada. É lamentável que continues ostracizado e que equívocos entre avaliação e classificação gerem inúteis “mudanças” de conceito para nota. Que se promovam inúteis alterações na cartesiana segmentação em ciclo. Que se confunda trabalho de projeto com caricaturas de trabalho de projeto...

Os nossos governantes lamentam que, ao final do Ensino Médio, apenas 29,2% dos alunos apresentem conhecimento adequado ou avançado em Português e 10,3% em Matemática; ou que, no 9º ano, 27% estejam com nível adequado e avançado em Português e 17% apresentem esse resultado em Matemática, mas cometem o despudor de ressuscitar medidas que, no passado, deram origem a esse descalabro³⁴. São medidas de retrocesso, que perenizam o velho paradigma escolar, reproduzidor de oprimidos e opressores, que o malogrado secretário de Educação Paulo Freire tanto denunciou. Medidas de manutenção do desperdício de dinheiro e de gente, que servirão para perpetuar o analfabetismo, numa escola que já produziu mais de 30 milhões de analfabetos.

³¹ BUARQUE, Chico; HIME, Francis. Vai passar. Álbum: *Chico Buarque*. Universal, 1984.

³² A reforma a que se refere o autor é a promovida pelo município de São Paulo: Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Decreto nº 54.452, de 10 out. 2013, regulamentado pela Portaria SME nº 5.930, de 14 out. 2013.

³³ ABRAMOVICH, Fanny. Prefácio de LIMA, Lauro de Oliveira. *Piaget para principiantes*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1980. p. 9.

³⁴ Dados disponíveis em Todos pela Educação. *Anuário Estatístico da Educação Básica 2013*. São Paulo: Moderna, 2013. p. 56.

³⁵ Darcy Ribeiro foi autor do projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), sancionada em dezembro de 1996.

NÃO DESESPERES.
FICA SABENDO
QUE JÁ MUITOS
EDUCADORES
E ESCOLAS SÃO
SENSÍVEIS AOS
TEUS APELOS.

Ficamos sem saber se os nossos reformadores agem por ignorância ou loucura. São ignorantes aqueles que desprezam a produção científica, que ignoram a existência de práxis coerentes com a tua Lei de Diretrizes e Bases³⁵, aqueles que tomam decisões desprovidas de bom senso. Também um súbito acesso de loucura pode ter acontecido, pois já o sábio Einstein nos avisava que *a maior insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes*.

Essas e outras inúteis “medidas” são apregoadas na comunicação social, com pompa e circunstância, despudoradamente, como se de algo sério se tratasse. Eu sei que custa a crer, caro Darcy, mas é verdade. Se não me engano, foste tu quem fez esta afirmação: *o Brasil, último país a acabar com a escravidão, tem uma perversidade intrínseca na sua herança, que torna a nossa classe dominante enferma de desigualdade, de descaso*. Não desespere. Fica sabendo que já muitos educadores e escolas são sensíveis aos teus apelos. Depois de tenebrosos tempos, luminosos tempos hão-de vir. Ainda que, entretanto, milhões de jovens sejam condenados à ignorância e ao sofrimento, por via de desastrosas políticas públicas.

Sei que te confessas ateu. Mas, se alguma influência tiveres junto de Deus, pede-Lhe que perdoe os nossos governantes, porque eles não sabem o que fazem. ✉

Biografia

Darcy Ribeiro

Darcy Ribeiro, mineiro de Montes Claros, nasceu em outubro de 1922. Filho de um farmacêutico e de uma professora, realizou todos os estudos iniciais na sua cidade natal. Na década de 1940, mudou-se para São Paulo para aprender Medicina, porém desistiu do curso e decidiu estudar Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, onde se formou em 1946.

A seguir, ingressou no Serviço de Proteção ao Índio e dedicou o início de sua carreira ao estudo das comunidades indígenas brasileiras, quando colaborou para a fundação do Museu do Índio e a criação do Parque Indígena do Xingu. Conquistou, então, fama internacional, elaborando documentos para a Unesco sobre os impactos que a civilização impunha aos índios, além de participar dos estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre povos aborígenes. Paralelamente, atuava como professor de Etnologia na Universidade do Brasil.

No final da década de 1950 e no início da de 1960, ingressou no debate sobre políticas para a educação. Ao lado de Anísio Teixeira, defendeu a escola pública na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Durante o governo de João Goulart (1961-64), foi ministro da Educação e chefe da Casa Civil. Com o golpe de Estado ocorrido em 1964, foi obrigado a deixar o Brasil, exilado.

Durante o exílio, viveu em vários países da América Latina, foi professor de Antropologia no Uruguai e assessor direto dos governos de Salvador Allende (1970-73), no Chile, e de

Velasco Alvarado (1968-75), no Peru. Foi no exílio que escreveu vários estudos nos quais discutia as razões do desenvolvimento desigual da América Latina, além de dois romances: *Maíra e O mulo*.

Em 1976 voltou ao Brasil e, depois da Lei da Anistia, retomou sua atuação política, participando, ao lado de Leonel Brizola, da fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Foi então eleito vice-governador do estado do Rio de Janeiro, onde pôde colocar em prática o projeto dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP).

O projeto pedagógico dos CIEP visava garantir assistência em tempo integral a crianças e adolescentes, incluindo atividades recreativas e culturais associadas ao ensino formal, constituindo a escola numa comunidade integrada de atividades que envolvessem ensino, cultura, arte, esporte e alimentação num espaço amplo e adequado e com recursos humanos para todas elas.

Envolveu-se ainda no projeto de criação do Memorial da América Latina (1989), em São Paulo, e, por fim, na elaboração, como senador da República, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96.

Ainda era senador quando, vítima de câncer, morreu em fevereiro de 1997, deixando uma trajetória e uma extensa obra nos campos da educação, da antropologia e do pensamento social brasileiro e latino-americano.



Acervo UH/Folhapress

**O professor Darcy Ribeiro,
ministro da Educação,**
durante visita ao 2º Salão da Criança.
16/10/1962.

Senador Darcy Ribeiro,
com mão levantada, recebe homenagem na
Universidade de Brasília – UnB. 15/03/1995.



Carlos Eduardo/CB/D.A Press

Bibliografia

Obras de Darcy Ribeiro:

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. *Nossa escola é uma calamidade*. São Paulo: Salamandra, 1984.

_____. *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *O Brasil como problema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Obras sobre Darcy Ribeiro:

BOMENY, Helena M. Bousquet. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

FARIA, Lia. *CIEP: a utopia possível*. Belém: Paka-Tatu, 1991.

Páginas da internet:

Fundação Darcy Ribeiro. Disponível em: <<http://www.fundar.org.br/>>. Acesso em: 28 maio 2014.

Entrevista de Darcy Ribeiro ao programa *Roda Viva*, TV Cultura.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qMkpbf5wKXw>>. Acesso em: 28 maio 2014.

Teresina, agosto de 2013.

Quem diria

que um menino de 8 anos poderia ser chefe, redator e tipógrafo de um jornal? A verdade é que esse empreendimento familiar viria a constituir-se em ensaio para uma carreira de pedagogo-escritor. Da passagem pela *Revista do Brasil* à organização da coleção pedagógica Biblioteca de Educação, das obras sobre a Escola Nova à publicação da *Cartilha do povo*, o teu labor editorial foi intenso e influenciou a geração do manifesto escolanovista. Os movimentos de renovação pedagógica dos Novecentos são tributários das iniciativas reformadoras que operaste no Ceará. E a tua participação nas conferências nacionais de educação de 1927 e 1928 teve impacto na redação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, de 1932.

A tua vasta obra reflete preocupações que mantêm atualidade, se relevarmos o seu caráter tecnicista e a situarmos na época em que a produziste. Os temas – alfabetização, universidade, avaliação ou formação de professores – mantêm atualidade, sobretudo o teu apelo à prática de uma educação integral. No teu livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, afirmas:

*O tirocínio escolar não pode ser mais a simples aquisição de fórmulas verbais e pequenas habilidades para serem demonstradas por ocasião dos exames. A escola deve preparar para a vida real, pela própria vida. A mera repetição convencional de palavras tende a desaparecer [...]. Tudo quanto for aceito no programa escolar precisa ser [...] capaz de influir sobre a existência social no sentido do aperfeiçoamento do homem. Ler, escrever e contar são simples meios [...]*³⁶.

Estou ciente de que a maioria dos professores brasileiros nunca te leu.

É admirável como, já em 1926, tomavas consciência de que a escola tradicional não serve o povo. Denunciavas a profunda separação existente entre a escola e a vida social. Talvez sem que o soubesses, intuías a necessidade de “desguetizar” as escolas e as transformar num alfofre de comunidades. Antevias um novo ideal de educação, um aprender sem paredes, no convívio com os outros, um ainda mítico implodir da tradicional relação hierárquica entre mestre e discípulo, um aprender junto, na troca de experiências, de ideias e de sonhos, na perspectiva do desenvolvimento da autonomia do educando e dos educadores.

³⁶ LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

MEDO EU TENHO
DAQUILO QUE
EXISTE, MEDO
DE UMA ESCOLA
QUE PRODUZ
ANALFABETISMO,
IGNORÂNCIA,
EXCLUSÃO,
INFELICIDADE.

Caro Lourenço, um fato me inquieta, quando observo a ênfase que pões na aprendizagem, ainda que condicionada pela tendência escolanovista da centração no aluno: na literatura especializada, nas teses e na diversidade de estudos sobre comunidades de aprendizagem, publicados quase cem anos após a tua premonitória obra, abundam referências a aula, sala de aula, ensino... Esses estudos referir-se-ão a “comunidades de aprendizagem” ou a “comunidades de ensinagem”?

Não deverá ser a escola um lugar com potencial educativo, entre outros lugares da comunidade onde se aprende? Um nodo de uma rede de comunicação e de produção de conhecimento, quer real, quer virtual, incluída num contexto cultural específico? O que impede que assim seja? O medo? Surpreende-me que haja professores dizendo ter medo de mudança. Medo de quê? De algo que não existe? Medo eu tenho daquilo que existe, medo de uma escola que produz analfabetismo, ignorância, exclusão, infelicidade. O medo desses professores é o desejo das comunidades.

Que prevaleça o desejo. De uma vez por todas, afirmemos que a aberração que dá pelo nome de escola deixou de ter utilidade social há mais de cem anos e é hoje um obstáculo ao desenvolvimento humano. Que é necessário conceber novas construções sociais, nas quais a educação aconteça. Afirmar serem necessárias, urgentes e possíveis a sabedoria e a felicidade de todos os seres humanos.

E por aqui me quedo, possuído pelos mesmos dilemas da tua geração. Descansa na paz, que na terrena existência nos é negada. ✉

Biografia

Manuel Bergström Lourenço Filho

Filho de pai português e mãe sueca, Manuel Bergström Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897, na vila de Porto Ferreira, SP. Estudou em Escolas Normais, instituições destinadas à formação de professores, tanto em Pirassununga (1912-14) quanto em São Paulo (1916-17). Mais tarde, demonstrou interesse pela psiquiatria, ingressando, no ano de 1918, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Dois anos depois, desiste da área da saúde e migra para a carreira do Direito. Em 1929, graduou-se como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de São Paulo.

No ano de 1920, ocupando o posto de diretor de Instrução Pública do Ceará, foi responsável pela reorganização da rede de ensino do estado. É durante esse período que Lourenço Filho tem maior contato com novos métodos pedagógicos e passa a tentar colocá-los em prática.

Idealiza, juntamente com Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, o conceito da Escola Nova, que se preocupava em adaptar-se às necessidades individuais dos alunos, ao invés de exigir que todos eles se adaptassem ao perfil da escola, acreditando que o interesse do aluno e sua presença eram fatores determinantes para a qualidade do ensino.

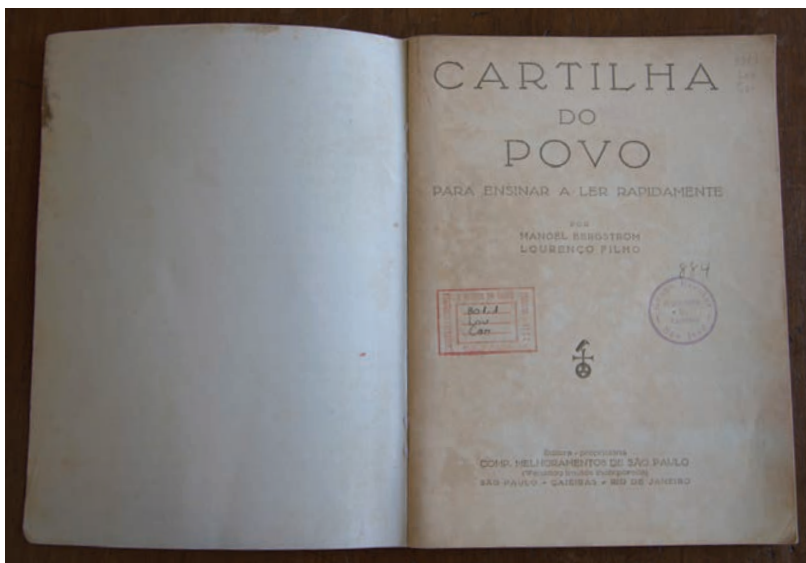
A concepção da Escola Nova na visão de Lourenço Filho pretendia superar a visão de que o aluno era um receptor passivo de informações, considerando-o um ser participante que contribuía para seu próprio processo de

aprendizado. A sala de aula deixaria de ser um espaço meramente físico para se tornar um ambiente de integração entre as crianças, trazendo elementos presentes na sociedade que as estimulassem a condutas que favorecessem o desenvolvimento de ações comunitárias. Dessa forma, a aprendizagem extrapolaria os contornos físicos da sala de aula.

Lourenço Filho acreditava que a igualdade de oportunidades era fundamental para melhorar a qualidade da educação e seus métodos de ensino educacionais sempre foram amparados pela psicologia, uma de suas principais áreas de pesquisa.

Esteve à frente de vários cargos e projetos que prezavam o desenvolvimento das práticas de educação, dentre eles o Instituto de Educação do Distrito Federal (Rio de Janeiro, 1932-37), da Campanha de Educação de Adultos (década de 1940), dirigindo o Seminário Interamericano de Alfabetização e Educação de Adultos, com o apoio da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Unesco, recebendo na ocasião o título de Maestro de las Américas. Em 1952, é eleito presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

Lourenço Filho faleceu no Rio de Janeiro, no dia 3 de agosto de 1970, aos 73 anos. No entanto, até os dias de hoje, muitos educadores consideram seu legado de extrema importância para os êxitos alcançados na educação brasileira, afirmando que, apesar da passagem do tempo, boa parte de seu trabalho não envelheceu.



Cartilha do povo,
de Manuel Bergström Lourenço Filho, 1939.

Centro de Referência em Educação Mário Covas – EFAP/SEE-SP

Bibliografia

Obras de Lourenço Filho:

LOURENÇO FILHO, M. B. *A Escola Nova* (resposta ao inquérito de *O Estado de S. Paulo*, em 1926). São Paulo: Melhoramentos, 1927.

_____. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

_____. *A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação*.

Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

Obras sobre Lourenço Filho:

CAMPOS, Roselane Fátima; SHIROMA, Eneida Oto. O resgate da Escola Nova pelas reformas educacionais contemporâneas.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 80, n. 196, set.-dez. 1999.

Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/173/172>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

MONARCHA, Carlos. *Lourenço Filho e a organização da psicologia aplicada à educação*: São Paulo, 1922-1933.

Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

Página da internet:

Educadores – Lourenço Filho. TV Escola. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video?idItem=644>>.

Acesso em: 6 jun. 2014.

Rio de Janeiro, setembro de 2013.

Querida Nise,

dizia o Sartre que há dois tipos de pessoas que dizem a verdade: as crianças e os loucos. E que os loucos são internados em hospícios, enquanto as crianças são educadas. Ambos estão “guetizados”: os loucos em hospícios, as crianças nas escolas. A mesma sorte dos velhos relegados em lares da terceira idade. A salutar criatividade da infância é cerceada pela louca velha escola. Mas a busca da verdade e da beleza é domínio em que nos é consentido ficar crianças toda a vida, como nos dizia o sábio Einstein. E as pinturas dos considerados loucos, nos quais reconheceste genialidade, deram origem a um belo museu, são prova de que nem tudo está perdido. Alguns dias atrás, estive no teu Engenho de Dentro, na boa companhia do Vítor e do Ney Matogrosso. O Hotel da Loucura vai provando ser possível, em imprevistos e improváveis lugares, retomar o rumo perdido da humanização, concretizar a utopia.

No discurso sobre educação, a palavra utopia é, geralmente, sinônima de impossibilidade. Porém, utópico será algo que indica uma direção, que requer intencionalidade e ação. Como diria Quintana, “se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las”³⁷. Concretizar utopias – recriar vínculos, rever e re-olhar, reelaborar as práticas – reconfigura a metáfora do mito de Sísifo, o “inédito viável” freiriano. A nova educação, que emerge do sonho de todos nós, deverá formar o cidadão democrático e participativo, sensível e solidário, fraterno e amoroso, o ser humano dotado de educação integral.

Todas as teorias estão escritas. Todas as experimentações, reformas e modas já foram ensaiadas. Por isso, importa renovar a denúncia da “guetização” da juventude, a par com o anúncio da possibilidade de uma aprendizagem participativa e transformadora. Nunca será demasiada a afirmação da possibilidade de uma escola na qual os aprendizes aprendam a lidar com um conhecimento mutante, na busca da integração das diversas dimensões do ser humano.

³⁷ QUINTANA, Mario. *Nova antologia poética*. 12. ed. São Paulo: Globo, 2007. p. 108.

O ESPAÇO DE
APRENDER
É TODO O
ESPAÇO, TANTO
O UNIVERSO
FÍSICO COMO
O VIRTUAL, É A
VIZINHANÇA
FRATERNA.

O que se aprende dentro de um edifício escolar que não possa ser aprendido fora dos seus muros? O espaço de aprender é todo o espaço, tanto o universo físico como o virtual, é a vizinhança fraterna.

Pois é, querida Nise, por todo o Brasil surgem o que poderei chamar protótipos de comunidades de aprendizagem, a partir da escola, embora elas possam ter outras origens. Refiro-me a práticas de ecossustentabilidade, de estímulo ao espírito inventivo e à criação de soluções novas, baseadas no princípio ético que nos diz que tudo o que for inovado o deve ser para benefício coletivo.

O modelo escolar não é o único modelo de educação e a educação deverá ser pensada mais a partir das comunidades que serve, do que a partir da instituição, de modo que os processos de aprendizagem tenham um papel transformador nas sociedades. A escola é o equipamento social mais abundante, uma das maiores conquistas do povo, numa área de escassos quilômetros quadrados encontraremos meia dúzia de escolas e apenas um hospital. Mas as comunidades de aprendizagem não dependem da existência de um prédio escolar (a “pedagogia predial”, como o Lauro ironizava) e sim da utilização de prédios e espaços da comunidade, nos quais os estudantes possam, junto à comunidade, aprender e exercer cidadania, desfrutando de seus direitos ou realizando seus deveres, para o bem de toda a comunidade. Que a escola não seja somente interface com a realidade, mas espaço onde ocorrem atos contributivos do desfazer do abismo entre a realidade escolar e outras realidades.

Tampouco a aprendizagem depende apenas do professor, pois é necessária uma tribo inteira para educar uma criança. Ainda há quem pense que basta decorar matéria e vomitá-la numa prova, sem perceber que a maior parte dos conteúdos supostamente aprendidos (segundo pesquisas recentes) se esvai da memória alguns meses após a prova. Aliás, uma prova quase nada prova. E na sigla Ideb (por seres pessoa sábia, não irias entender, se eu tentasse explicar o que seja...), que tanto preocupa professores, escolas e secretarias, e faz submeter os pobres alunos

a simulados e intensos treinamentos, as letras ID não significam (como pretendem alguns) “índice de desenvolvimento”, mas “índice de decoreba”. Creio que esses loucos não diagnosticados não terão lido Paulo Freire na universidade. Nos seus cursos de formação, talvez nenhum dos seus professores lhes tenha dito que ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo, e que os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo.

Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem, para que os “paidagogos” não mais conduzam as crianças da comunidade para a escola, mas as libertem da reclusão num gueto escolar e as devolvam à comunidade, na qual a escola constitui um nodo de uma rede de aprendizagem colaborativa.

As escolas poderão constituir-se em espaços de cultura, lugares onde os saberes eruditos se casam com os saberes populares, onde a transformação acontece na partilha de conhecimento produzido. Crianças, jovens e adultos poderão utilizar essas escolas, sempre que desejarem, ou precisarem. Sem necessidade de entrar na escola no horário padrão de aula, ou ter “falta” por chegar atrasado. Sem necessidade de perua e ônibus (como já nos avisava o Anísio, décadas atrás), sem departamentos de “transporte escolar”, onde se esgotam recursos (em funcionários administrativos, motoristas, seguranças, manutenção, combustível, quando não se constituem em ninhos de corruptos e máfias...), se força a criança a acordar de madrugada e penar longas viagens para ouvir algumas horas de aula, em que quase nada aprende e através das quais começa a colaborar com a desertificação das comunidades, que deveria ajudar a desenvolver.

Isso expliquei, em pormenor, a muitos políticos e a gente que se diz professor. Disse-lhes que um novo modelo de educação não pode se alicerçar no velho e que aquilo que é novo não devem ser aplicados raciocínios dedutivos. Nada adiantou, querida Nise. A loucura benévola daqueles que estão no Engenho de Dentro em nada se compara à loucura daqueles que, fora do hospício,

³⁸ Dados disponíveis na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Relatório Educação: gastos públicos e propostas de melhoria. São Paulo, out. 2010, p. 44. Disponível em: <file:///C:/Users/Leandro/Downloads/relat%C3%B3rio-educac%C3%A7%C3%A3o-gastos-p%C3%ABlicos-e-propostas-de-melhoria%20(1).pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

insistem em manter um sistema falido, gerador de ignorância e infelicidade. Esses são os loucos de que nos falava Einstein. Vão delapidando o erário em projetos, pactos, programas, capacitações, consultorias, assessorias e outras inutilidades. A última pesquisa dada a conhecer aponta como dado que o desperdício anual é de cerca de 56 bilhões de reais³⁸. É ou não é uma loucura?

Quero crer, amiga Nise, que, depois de tempos sombrios, há de despontar a claridade que ponha fim à loucura. Que terá chegado o tempo de, à semelhança do Jung, o Brasil te encontrar. ✉

Biografia

Nise da Silveira

A alagoana Nise da Silveira nasceu no dia 15 de fevereiro de 1905, na cidade de Maceió. Em 1926, forma-se na Faculdade de Medicina da Bahia, destacando-se como a única mulher de uma turma com 157 homens. Em 1927, com a morte de seu pai, muda-se para o Rio de Janeiro, cidade escolhida por ela como cenário tanto para sua vida particular quanto para sua vida profissional. No ano de 1933, ingressa na área da psiquiatria trabalhando no Hospício da Praia Vermelha. Porém, em 1936, acusada de comunista pela ditadura do Estado Novo, foi presa por cerca de um ano e meio, além de afastada do serviço público. Anos mais tarde, em meados de 1944, foi reintegrada para trabalhar no Centro Psiquiátrico Pedro II.

Avessa aos métodos tradicionais agressivos da psiquiatria clássica, que incluíam internação forçada, eletrochoques e superdosagem de medicamentos, acaba sendo transferida para a ala de Terapia Ocupacional, área marginalizada pelos profissionais da época. Em 1946, funda a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, na qual dá início aos conceitos de trabalho que anos depois a consagrariam no Brasil e no exterior.

Por meio de uma abordagem humana, estimulada pelo contato físico entre médico e paciente e pela criação de ateliês de pintura, música, teatro, modelagem e encadernação, Nise da Silveira desenvolve no Centro Psiquiátrico

Pedro II um programa que visava proporcionar, por meio do aprendizado, a melhor qualidade de vida possível àqueles que estavam sofrendo de algum tipo de doença psíquica. Sua abordagem afetiva buscava o desenvolvimento de um ambiente pacífico e acolhedor que almejasse a cura e não a extensão do sofrimento.

Como uma das maiores representantes da psicologia baseada em Carl Gustav Jung no Brasil, Nise da Silveira funda, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente, um acervo completo de obras de arte produzidas por seus próprios pacientes no interior da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação do Centro Psiquiátrico Pedro II. O museu também abrigava um centro de estudos dessas imagens, cuja expressão artística foi admirada por críticos brasileiros e internacionais.

No entanto, o auge de sua obra ainda estava por vir, com a fundação da Casa das Palmeiras, em 1956. Com a ajuda de um grupo de colegas motivados pelas mesmas ideias, Nise da Silveira cria uma instituição independente que visava à reabilitação de pacientes egressos de instituições psiquiátricas. Ao contrário dos outros centros, a Casa das Palmeiras funcionava em regime de externato e oferecia atividades como forma de tratamentos livres àqueles que se interessassem em se reintegrar à sociedade. Entre suas práticas terapêuticas, estavam o direito de ir e vir, a ausência de grades nas portas e janelas, a relação de igualdade entre médicos e pacientes, simbolizada pelo não uso dos jalecos brancos, o estímulo à socialização entre os grupos e a frequência diária de curta duração, em torno de cinco horas por dia.

Nise da Silveira morreu no Rio de Janeiro, em outubro de 1999, aos 94 anos. Entretanto, seu legado continua vivo até os dias de hoje: o Museu de Imagens do Inconsciente conta com um acervo de milhares de obras de arte e a Casa das Palmeiras segue em funcionamento, destacando-se nos resultados de eficácia do tratamento em comparação com outras instituições psiquiátricas. No ano de 2000, o Centro Psiquiátrico Pedro II passou a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, em sua homenagem.



**Nise da Silveira, psiquiatra,
criadora de método de terapia com arte.**

Foto sem data.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, SP

Bibliografia

Obras de Nise da Silveira:

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.

_____. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

_____. *Casa das Palmeiras: a emoção de lidar – uma experiência em psiquiatria*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

Obras sobre Nise da Silveira:

CÂMARA, Fernando Portela. Vida e obra de Nise da Silveira. *Psychiatry On Line Brasil*, v. 7, n. 9, set. 2002.

Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano02/walo9o2.php>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

_____. A contribuição de Nise da Silveira para a psicologia junguiana. *Psychiatry On Line Brasil*, v. 9, n. 3, mar. 2004.

Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano04/walo3o4.php>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

GULLAR, Ferreira. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*. São Paulo: Relume Dumará, 1996.

Páginas da internet:

Nise da Silveira – vida e obra. Mostra do Centro Cultural do Ministério da Saúde.

Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nise_da_silveira/legado_vida.htm>. Acesso em: 6 jun. 2014.

Entrevista com Nise da Silveira: “Do mundo da Caralâmpia à emoção de lidar”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TwYrrES_lo>. Acesso em: 10 jun. 2014.

A TI DEVEMOS O INÍCIO DA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO, A DESCRIÇÃO DOS COSTUMES.

³⁹ Carta ao Padre Mestre Simeão Rodrigues de Azevedo [1549]. In: NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil* (1549-1560). Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931. p. 105.

⁴⁰ Carta ao Padre Mestre Simeão Rodrigues de Azevedo [1550]. In: NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955. p. 109. Tradução livre: "Todos se misturaram com os povos (ou nações) e aprenderam as suas obras".

⁴¹ Refere-se ao "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", de 1932, e ao "Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público – Mais uma Vez Convocados – Manifesto ao Povo e ao Governo", de 1959.

Aracaju, setembro de 2013.

Caro Manuel,

sem que o soubesses, talvez tenhas sido o primeiro aluno “especial”, num tempo em que a Conferência de Salamanca nem sequer era sonhada. Na tua prova para lente da universidade, ficaste aprovado na prova escrita, mas a tua gaguez impediu que fosses nomeado professor. Na segunda tentativa, o auditório apercebeu-se do teu problema na fala e, mais uma vez, não obtiveste a cátedra por gagueira. Mas, se a universidade de então, tão medieval como a de agora, perdeu um professor por gaguez, o Brasil ganhou um fantástico educador.

Na pequena aldeia jesuíta, além da serra do Mar, que viria a se tornar a maior cidade da América do Sul, desenvolveste uma intensa campanha contra a antropofagia existente entre os nativos. Dizias nas tuas cartas: “Andam todos em discórdia, comem-se uns aos outros”³⁹. Combateste a exploração da população local pelo homem branco. Bem mais difícil, suponho, seria a tua missão de combate à exploração, se a tivesses de empreender nos dias de hoje...

Foste autor do primeiro texto em prosa escrito no Brasil. O padre Serafim Leite afirmou que o teu *Diálogo sobre a conversão do gentio* foi a principal obra em prosa do século XVI brasileiro. A ti devemos o início da história do povo brasileiro, a descrição dos costumes. E duras críticas fizeste dos costumes, quando te apercebias de que até mesmo muitos religiosos incorriam nos mesmos erros dos leigos colonizadores: “*Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum*”⁴⁰. A maior parte dos homens tinha a consciência pesada, por possuir escravos, ao que dizias, contra a razão. Apelavas ao teu rei, para que mandasse inquisidores ou comissários para libertar os escravos. Fica sabendo que a Inquisição não o fez, e semeou a morte em nome de Deus. Quanto ao rei, quando veio, não agiu contra a vil prática.

Os gentios acabaram dizimados pelas armas do homem branco e pelas maleitas que por toda parte espalhou: entre a sífilis e a varíola, milhões de vidas se perderam, muitas tribos foram exterminadas. Nos dias de hoje, nem seria preciso introduzir a gripe dentro da tribo dos Goitacás para que a sua cultura fosse extinta. Bastaria levar a energia elétrica, a televisão e a escola que ainda temos.

Mas basta de desgraças, amigo Manuel, passemos às boas notícias. Séculos após a tua partida, o Brasil foi incapaz de levar às últimas consequências as nobres intenções de dois manifestos⁴¹, consentindo a perenização de uma tragédia educacional hoje traduzida em milhões de analfabetos e numa profunda crise moral. Mas os educadores, não os eméritos, como tu, mas

⁴² Refere-se ao “Manifesto pela Educação – Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”. Apresentado ao público em outubro de 2013. Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com.br/2013/10/mudar-escola-melhorar-educacao.html>>. Acesso em: 29 maio 2014.

⁴³ Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação, realizada entre 19 e 21 de novembro de 2013, em Brasília-DF.

⁴⁴ José Pacheco faz referência a uma lenda contada em torno de um pintor grego da Antiguidade, Apeles, que viveu na Jônia, no século IV a. C. Segundo o escritor latino Plínio, Apeles costumava exibir as suas pinturas à porta do seu ateliê e se escondia para ouvir os comentários dos transeuntes. Em uma dessas ocasiões, um sapateiro comentou que havia um erro nas chinelas pintadas por Apeles. Imediatamente, o pintor recolheu a obra e corrigiu o problema. No outro dia, com a pintura novamente exposta, o sapateiro, vaidoso por Apeles ter levado em consideração seu comentário, resolveu criticar a maneira como o mesmo tinha pintado uma perna. Naquele momento, Apeles deixa seu esconderijo e afirma: “Não vá o sapateiro além das chinelas”.

⁴⁵ Refere-se ao Artigo 15 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96): “Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público”.

da tua têmpera, foram de novo convocados. E partilharam o lançamento do terceiro manifesto⁴². Foi, como alguém disse, um ato de amor. E confesso que, em muitos momentos da conferência, a emoção me traiu, me deixou mudo. Ainda sob o efeito da Conane⁴³, evoco versos cantados pela Mercedes quando nos diz que *todo cambia*. No decurso da conferência, a diversidade dos projetos apresentados deu a entender que a velha escola parece estar a parir uma nova educação, embora acredite que as dores do parto venham a ser intensas, enquanto a tecnocracia e a burocracia continuarem a invadir domínios nos quais deveria prevalecer a pedagogia.

É por aí que vai a intenção de educadores, que adéquam ao século XXI propostas de antanho. Embora a velha educação prevaleça, travestida de “nova” no discurso de economistas, jornalistas e outras criaturas desprovidas de conhecimento pedagógico, crentes de que as escolas podem ser geridas como são geridas as padarias. Vemo-los em eventos, onde vendem caro as besteiras que proferem, e na média, que os classifica de “especialistas”. A ignorância pontifica numa revista brasileira de grande tiragem, em que “sapateiros sobem acima das chinelas”⁴⁴ e, a serviço de ocultos interesses, insultam a memória de Freire, criticam uma progressão continuada que nunca existiu e apelam ao regresso a um passado de onde a educação brasileira nunca saiu. Talvez o tempo desses “especialistas” esteja a chegar ao fim, porque já o Fernando nos dizia que o sonho é ver as formas invisíveis...

Poderás chamar-me utópico, que não me ofendo. Já há projetos em curso, que importa dar a conhecer e que provam a vitalidade da componente saudável de um sistema doente. Que mostram caminhos e apresentam reivindicações: a dignidade de um estatuto de autonomia estipulado no Artigo 15 da LDBEN⁴⁵; a prática de uma educação integral; uma universidade que se distancie de práticas de formação incompatíveis com necessidades educacionais do século XXI; o reconhecimento público dos profissionais da educação, traduzido também em salários dignos, à altura de sua importância social; o fim do desperdício decorrente de más políticas públicas; a substituição da reprovação e da aprovação automáticas pela prática de uma avaliação capaz de permitir que o aprendizado caminhe junto com o desenvolvimento do pensar, a formação do caráter e o exercício da cidadania, entre outras.

Caro Manuel, o Brasil dispõe de produção científica e de práticas que provam a possibilidade de uma escola que a todos acolha e a todos dê condições de realização pessoal e social, base da construção de uma sociedade solidária, justa e sustentável. E, num país onde o tempo da educação talvez tenha chegado, temos tudo aquilo que é preciso: gente, projetos, esperança. ✉

Biografia

Manuel da Nóbrega

Manuel da Nóbrega nasceu na região do Alto Douro, em Portugal, no ano de 1517. Oriundo de uma família de certa importância política, era filho do desembargador Baltasar da Nóbrega e recebeu, desde muito cedo, uma educação tradicional. Estudou Leis, Teologia e Latim nas universidades de Coimbra e Salamanca, onde se tornou canonista, em 1541. Pouco tempo depois, ingressou na Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola, percorrendo seu país natal, onde, superando a gaguez, demonstrou seu valor como orador e pregador.

Anos mais tarde, nomeado superior da missão jesuítica, foi enviado juntamente com a armada de Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, à Baía de Todos os Santos. Naquele momento, Manuel da Nóbrega e seus cinco acompanhantes passam a ser os primeiros representantes da Companhia de Jesus na América.

Dedicou os primeiros anos no território brasileiro ao trabalho de fundação e organização da cidade de Salvador, destacando-se pelo trato com os colonos, pela criação do Colégio Jesuíta da Baía e pela catequização dos indígenas. Deslocou-se, posteriormente, para Olinda e mais tarde à capitania de São Vicente, onde, com a intenção de ampliar as ações missionárias para além da faixa litorânea dominada pelos portugueses, se junta a colonos e funda, via rio Tietê, a aldeia de Piratininga, que mais tarde daria origem à cidade de São Paulo.

De volta a Salvador, trabalhou com determinação, apoiado pelo governador-geral Mem de Sá, na catequização indígena, função que marcaria seu nome na história do Brasil. Era importante politicamente e benéfico aos interesses portugueses que a hostilidade indígena fosse controlada. Dessa forma, o papel de Manuel da Nóbrega e da Companhia de Jesus de embutir nos nativos valores europeus, afastando-os das práticas de antropofagia, poligamia e feitiçaria, era fundamental para a obra colonizadora. Para tanto, empenharam-se na fundação de aldeamentos onde a população indígena pudesse ser educada aos moldes da doutrina cristã. Ainda que o processo de catequização se empenhasse em se desenvolver por meio do ensino e da compaixão, os representantes jesuítas não hesitavam no uso da força e do temor, caso lhes parecesse conveniente.

Faleceu em 18 de outubro de 1570, deixando um grande acervo de obras que relatam a vida no Brasil, as missões jesuíticas e seus trabalhos de catequização.



Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto, Santos-SP

Benedicto Calixto. *Partida de Estácio de Sá.*

Óleo sobre tela.

Palácio São Joaquim, RJ.

Bibliografia

Obras de Manuel da Nóbrega:

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil* (1549-1560). Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

_____. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

_____. *Diálogo sobre a conversão do gentio* [1856-1857]. São Paulo: MetaLibri, 2006.

Disponível em: <http://www.ibiblio.org/ml/libri/n/NobregaM_ConversaoGentio_p.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Obras sobre Manuel da Nóbrega:

HANSEN, João Adolfo. *Manuel da Nóbrega*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

Disponível em: <http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/grandes_pensadores_manuel_da_nobrega.pdf>.

Acesso em: 13 jun. 2014.

LEITE, Serafim. *Suma histórica da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

Página da internet:

Padre Manuel da Nóbrega. *Construtores do Brasil*. TV Câmara.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TeaUlyFCQZQ>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Palmas, outubro de 2013.

Foi deveras difícil

encontrar a tua obra nas bibliotecas das faculdades de educação. Depois de a estudarmos, não se pode negar a importância da tua obra, mas nem em sebos ela aparece... Estás esquecido. Pouco se sabe sobre o trabalho realizado na Escola Normal da Praça⁴⁶ e é difícil encontrar um livro teu nas melhores bibliotecas de São Paulo. Apenas encontrei três. Mas a sua leitura foi suficiente para poder concluir que estiveste muito à frente do teu tempo. Aprecio a tua coragem. Quando viste suprimidas liberdades e garantias individuais, recusaste ler nas tuas aulas o texto da Carta de 1937 e participaste nas manifestações contra o regime. Foste sumariamente demitido e exilado.

No começo da República, a educação era um apêndice do Ministério dos Correios e Telégrafos e tu não hesitavas na crítica de tal situação:

Os propagandistas da República se contentaram com bem pouco. Montaram uma esplêndida e faustosa máquina, mas esqueceram de cuidar do motor inicial, de onde lhe poderia vir a energia de vida. Hoje, temos uma fachada decorativa da democracia [o “hoje” a que aludias era o de muitos anos atrás?]. O Brasil, repleto de riquezas latentes, só será realmente uma nação poderosa e triunfante, se os seus governos primarem no propósito, decisivo e obstinado, de alfabetizar o seu povo, acabrunhado e murcho, numa indiferença que apavora. O monstro canceroso, que hoje desviriliza o Brasil, é a ignorância crassa do povo, o analfabetismo que reina do norte ao sul do país⁴⁷.

É surpreendente a tua lucidez. Os teus escritos sobre analfabetismo datam de 1918! E a tua visão de futuro viria a culminar na criação das “escolas de alfabetização”. Tinhas perfeita consciência de que “governo democrático e ignorância do povo são duas coisas que se chocam, se repulsam, se destroem”⁴⁸. Pretendias erradicar o que consideravas o mais grave problema educacional do país e que continua sendo: o analfabetismo. Sabias que o método é mais do que uma questão de organização do ensino, sendo a expressão de mudanças culturais profundas. E criticavas a alfabetização que começava pelas letras, depois pelas sílabas, em seguida pelas palavras, porque comete o crime de alhear a criança, desde cedo, das realidades que a encantam. Fica sabendo, caro Sampaio: a escola que ainda temos alfabetiza turmas, ensinando a todos do mesmo modo, como se de um só ser humano se tratasse, recorrendo, predominantemente, à metodologia por ti

⁴⁶ Sobre essa escola e o trabalho de Sampaio Dória, ver: MONARCHA, Carlos. *A Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. São Paulo: Unicamp, 1999.

⁴⁷ DÓRIA, Antônio de Sampaio. *O que o cidadão deve saber* (Manual de instrução cívica). São Paulo: Olegário Ribeiro, 1919. p. 146.

⁴⁸ Idem. *Contra o analfabetismo. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo*. São Paulo: Diretoria da Instrução Pública, 1918. p. 58.

A EDUCAÇÃO PAROU NO TEMPO. DE TAL MODO QUE, NA ATUALIDADE, JÁ É PRECISO IR MAIS ALÉM.

criticada, produzindo milhões de analfabetos. No teu livro *O que o cidadão deve saber*, publicado em 1919, realçavas as qualidades e a visão de outros brasileiros, como Rui Barbosa, para sublinhar a necessidade de educar no exercício de uma cidadania responsável. Tão longe ainda estamos desse desiderato! Influenciado pela Escola Nova, procuravas o equilíbrio na relação pedagógica, para que, sem considerar o aluno como ser passivo, centrar a aprendizagem na relação, em diferentes contextos. Para consegui-lo, tentaste fundar uma faculdade de educação, para uma diferente formação de professores, mas o projeto não saiu do papel. Mais uma oportunidade perdida. E foram muitas aquelas que o Brasil perdeu, ao longo do século em que viveste. A educação parou no tempo. De tal modo que, na atualidade, já é preciso ir mais além. Urge rever os conceitos de espaço e tempo de aprendizagem.

É isso que muitos educadores já vão fazendo. Não ao modo assistencialista, mas aprendendo com o outro, porque, quando alguém aprende a dançar, não adianta nada o mestre dançar por ele.

As questões que animavam os debates sobre a educação nas primeiras décadas de 1900 são as mesmas de hoje. O projeto de sociedade que defendias é o mesmo a que os educadores conscientes de hoje aspiram. Fazem-no à revelia da política comum, em comunidades aprendentes, muitas delas produzindo consensos na internet (na próxima carta, te falarei desta e de outras novidades) através de um manifesto⁴⁹.

É bem difícil mudar um paradigma enraizado nas profundezas do inconsciente, não sujeito a questionamento. Mas um povo que dispõe de educadores criativos já funde novas tecnologias com tecnologias sociais, produz comunidades físicas e digitais, consciente de que, para novos tempos, deverão ser concebidas novas construções sociais, nas quais não restem quaisquer vestígios de ranço da velha escola. ✉

⁴⁹ Refere-se ao “Manifesto pela Educação – Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”. Apresentado ao público em outubro de 2013. Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com.br/2013/10/mudar-escola-melhorar-educacao.html>>. Acesso em: 29 maio 2014.

Biografia

Antônio de Sampaio Dória

Antônio de Sampaio Dória nasceu em 1883, na cidade de Belo Monte, Alagoas. Mudou-se para São Paulo ainda criança, onde concluiu o curso primário e prosseguiu com os estudos secundários.

Em 1904, entrou na Faculdade de Direito de São Paulo e em 1908 formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Exerceu a advocacia até 1920, ao mesmo tempo que se tornou atuante na área da educação. Nesse período foi vice-diretor do Colégio Macedo Soares, professor de Psicologia, Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal de São Paulo, e professor substituto concursado de Direito Público Constitucional e de Direito Internacional Privado, na Faculdade de Direito de São Paulo.

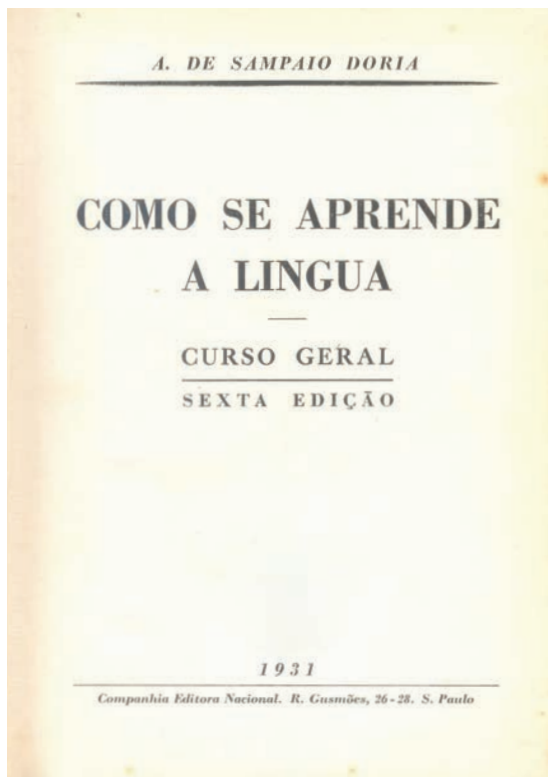
Criou um estabelecimento-modelo de ensino primário e secundário e fez parte de um grupo de educadores que preconizavam a reformulação da pedagogia no Brasil. Seguiu na política como assistente jurídico no Ministério da Justiça e tornou-se procurador regional do Tribunal Eleitoral de São Paulo, exercendo o cargo entre 1934 e 1937, quando foi demitido das funções públicas pela ditadura do Estado Novo. Em 1939 também foi exonerado de suas atividades acadêmicas na Faculdade de Direito de São Paulo, por ter participado de manifestações contra o regime.

Recuperou seu cargo de docente em 1941 e, com a deposição de Getúlio Vargas, foi nomeado ministro da Justiça pelo então presidente da República interino, José Linhares. Em 1945, como ministro, deferiu o pedido de registro do Partido Comunista do Brasil, revogou a legislação antitruste,

chamada de Lei Malaia, anulou a Carta Constitucional de São Paulo e elaborou um texto sobre a lei eleitoral e a supervisão das eleições presidenciais e para a Assembleia Nacional Constituinte.

Após sair do ministério, abandonou a vida política e passou a se dedicar ao magistério e à publicação de livros e artigos. Foi responsável por diversas reformas realizadas no ensino do estado de São Paulo e também pelo primeiro recenseamento escolar realizado no país.

Sampaio Dória faleceu em 1964, na cidade de São Paulo, aos 81 anos.



Coleção particular

Sampaio Dória. *Como se aprende a língua*.
São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

Bibliografia

Obras de Sampaio Dória:

DÓRIA, Antônio de Sampaio. *Contra o analfabetismo. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo*.

São Paulo: Diretoria da Instrução Pública, 1918.

_____. *O que o cidadão deve saber* (Manual de instrução cívica). São Paulo: Olegário Ribeiro, 1919.

_____. *Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

Obras sobre Sampaio Dória:

MATHIESON, Louisa Campbell. *O militante e o pedagogo Antônio Sampaio Dória: a formação do cidadão republicano*. 2012.

Dissertação (Mestrado). FE/USP, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=11&Itemid=76&lang=pt-br&filtro=Mathieson>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MONARCHA, Carlos. *A Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. São Paulo: Unicamp, 1999.

VIÉGAS, Lygia de Sousa. *Progressão continuada em uma perspectiva histórica. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*,

Brasília, v. 90, n. 225, p. 489-510, maio-ago. 2009.

Páginas da internet:

Antônio Sampaio Dória. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AntSDori.html>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Reforma Sampaio Dória. Documentário da Univesp TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=evSz_gCOWio>.

Acesso em: 17 jun. 2014.

Boa Vista, outubro de 2013.

Caro Anísio,

Tenho notícias frescas para te dar. Na tua querida Universidade de Brasília, um professor fez um depoimento que reforça a suspeita de que foste assassinado pelo regime militar⁵⁰. Contigo poderia confirmar essa hipótese, se dotes mediúnicos eu possuísse, mas deverei contentar-me com depoimentos dos vivos. E nem será a morte o que suscita esta epístola, mas a intenção de que não te matem duas vezes, matando a memória que ainda resta de ti. Mistério e silêncio encobriram as circunstâncias da tua morte. Ao que consta, foste encontrado em posição fetal, entre as molas do fosso de um elevador. Estávamos em 1971. E questionar esses tenebrosos tempos ainda é tabu. Ao que parece, sepultaram-te sem que as conclusões de qualquer inquérito fossem dadas à luz. E a luz que lançaste sobre a educação do Brasil quase se extinguiu contigo.

Assumindo as contradições da época em que viveste, defendias a aplicação do conhecimento científico na educação, mas consideravas ser a educação uma arte, algo mais complexo do que uma ciência, crente de que a educação poderia atingir o nível das belas-artes. Criticavas a “aplicação precipitada ao processo educativo de experiências científicas que poderiam ter sido psicológicas, ou sociológicas, mas não eram educacionais, nem haviam sido devidamente transformadas ou elaboradas para a aplicação educacional”⁵¹. E nem imaginarias como o Brasil viria a sofrer com a invasão de modismos e o transplante de produtos de ciência de laboratório no chão da escola, mantendo-se intocável o essencial do velho modelo de escola: “O tratamento do aluno como algo abstrato a ser manipulado por critérios de classificação em grupos supostamente homogêneos, dando ao professor a falsa esperança de poder ensinar por meio de receitas, muitas das quais de científicas só tinham a etiqueta”⁵².

Como seria útil aos educadores do nosso tempo a leitura das tuas obras! Mas estão demasiado ocupados na luta pela sobrevivência, não lhes sobra tempo para o estudo. Se em projetos estivessem envolvidos, poderiam adquirir consciência de que quase nada mudou desde a década

⁵⁰ Segundo investigações que estão sendo feitas na Comissão da Verdade, instituída pelo governo federal para trazer a público os possíveis crimes cometidos durante a ditadura militar (1964-85), o professor Anísio Teixeira pode ter sido assassinado pelo regime político em 1971. Sobre o assunto, ver a seguinte reportagem: JOSÉ, Emiliano. O assassinato de Anísio Teixeira. *Carta Capital*, 13 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-assassinato-de-anisio-teixeira-2603.html>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

⁵¹ TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

⁵² Idem. *Ciência e a arte de educar*. In: NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4689.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

⁵³ Idem. *Educação não é privilégio*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

⁵⁴ Idem. Ibidem.

⁵⁵ Idem. Ibidem.

⁵⁶ Idem. *A educação e a crise brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

de [19]40 para cá, quando dizias ser aquele o “momento brasileiro”, “o real divisor de águas entre as duas mentalidades que se defrontam no Brasil [...] de um lado, os que, explícita ou implicitamente, não acreditam no Brasil, e de outro, os que acham que a nação se pode redimir pela educação”⁵³. A tua lucidez te avisava que não poderíamos continuar *estrangulados numa camisa de força legal, graças à qual* “alterar a posição de uma disciplina no currículo ou diminuir-lhe ou aumentar-lhe uma aula seja considerada uma ‘reforma de ensino’”⁵⁴. Mas continuamos...

Pugnavas por uma nova escola, que substituísse aquela que *preparava escolásticos, alheia à vida quotidiana e indiferente às necessidades comuns dos homens, em formas arcaicas de ensino pela “exposição oral” e “reprodução verbal”*. Uma nova escola, irmanada com outras instituições de transmissão da cultura, “em uma comunidade altamente complexa e de meios de vida crescentemente especializados”⁵⁵. Mas a escola-classe, que tentaste instalar em Brasília, foi rechaçada em abaixo-assinado pela população de um bairro de classe média alta, onde a quiseste implantar.

Visionário, repetias que se deveria considerar o aprendente em sua totalidade, sua história, sua cultura e num contexto social específico, numa situação concreta. Que a escola absorvera funções tradicionais da família e da vida comunitária e que à vida comunitária deveria ser devolvida, dado que “a educação de um povo somente em parte se faz pelas suas escolas”⁵⁶. Se transferirmos o teu discurso para a atualidade, poderíamos dizer que estarias a falar da necessidade de criação de comunidades de aprendizagem. Profético será, pois novas construções sociais surgem num horizonte de esperança. Permite que te peça opinião sobre algumas reflexões que venho fazendo.

A aprendizagem pressupõe ganhos de consciência cívica, assunção efetiva de cidadania. Aprendizagem é característica de uma célula social preexistente: física, virtual, eclesial, rural,

ESCOLAS
TRADICIONAIS
NÃO SÃO
COMUNIDADES.
UMA FAVELA
OU UMA ALDEIA
INDÍGENA
PODERÃO SER
COMUNIDADES.

urbana... Unida por valores: solidariedade, autonomia, dignidade, responsabilidade...
Uma comunidade movida por sonhos.

A comunidade de aprendizagem talvez possa constituir-se numa nova construção social, que substitua a construção social resultante de necessidades sociais do século XIX. Uma comunidade que aprende e produz desenvolvimento humano sustentável.

A proximidade geográfica não é determinante, mas um conglomerado humano, um amontoado de pessoas sem vínculos não se constitui em comunidade. Um condomínio dificilmente poderá ser uma comunidade. Escolas tradicionais não são comunidades. Uma favela ou uma aldeia indígena poderão ser comunidades. Uma escola de samba é uma comunidade. O Facebook será comunidade? Uma quadrilha ou uma máfia de políticos corruptos poderão ser comunidades (no mau sentido do termo). Canudos foi uma comunidade. Por isso, políticos, oligarcas e militares genocidas a destruíram.

Por falar em aprendizagem... Haverá necessidade de uma “gramática” da criação de comunidades de aprendizagem? O currículo poderá ser de comunidade? Ou um currículo brasileiro? O Brasil poderá ser uma quase comunidade? Haverá um número crítico, a partir do qual pode deixar de haver reconhecimento do outro, de todos os outros?

As comunidades poderão constituir-se a partir da iniciativa de profissionais atentos à necessidade de um novo modelo de desenvolvimento. Mas não deverão constituir-se em ilhas, ou assumir marginalidade, oferecendo contributos para novas políticas públicas. A sua fundação poderá ser apoiada por técnicos (pedagogos, sociólogos, psicólogos, tecnólogos sociais...) segundo uma metodologia específica, sem resquícios de paternalismo, ou assistencialismo, assumindo novos conceitos de sociedade e de pessoa.

Poderá partir da iniciativa de escolas, mas desenvolver-se-á numa geografia da pessoa e contemplará grupos etários para além daqueles que constituem a população de uma escola, em novas formações paradigmáticas, com atenção à tendência de reprodução social e cultural. Poderá viabilizar-se pelo exemplo dado pelas crianças das escolas...

Fico a aguardar resposta. ✉

Biografia

Anísio Spínola Teixeira

Em 12 de julho de 1900, nasceu Anísio Spínola Teixeira, em Caetitê, na Bahia. Filho de fazendeiros, estudou desde muito cedo em colégios jesuítas, graduando-se depois em Direito, no Rio de Janeiro, e já em 1924 ocupava o cargo de inspetor-geral de ensino em seu estado natal. Entre os anos de 1925 e 1929, viaja à Europa (Espanha, Bélgica, Itália e França) e aos Estados Unidos, entrando em contato com sistemas de educação variados que o influenciaram, posteriormente, no desenvolvimento de seus trabalhos. Ao voltar para o Brasil, é nomeado diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro (1931-35), onde cria uma rede municipal de ensino que engloba desde a escola primária até o ensino superior.

Considerado um dos nomes mais influentes da educação brasileira do século XX, Anísio Teixeira é conhecido por ter sido pioneiro na implantação das instituições públicas de ensino em todos os seus níveis. Influenciado por teóricos renomados, como John Dewey, impôs-se não só como gestor de reformas educacionais, mas como filósofo da educação, fazendo de suas inquietações ferramentas importantes na elaboração de novos projetos de reconstrução e reorganização educacional.

Em meados da década de 1920, em razão da crescente industrialização, juntou-se a teóricos como Lourenço Filho e Fernando de Azevedo e desenvolveu a chamada Escola

Nova, acreditando que a educação seria a única forma de remodelar o país. Com o novo contexto social vivido pelo Brasil e a busca por menores índices de desigualdade, a Escola Nova objetivava a formação de indivíduos mais conscientes e menos influenciáveis, capazes de reconhecer seus papéis na sociedade. A escola assumiria a função de educadora e não mais de instrutora, estimulando o aprendizado em detrimento da memorização e elaborando atividades que incentivassem o aluno a agir em prol da resolução de problemas. No entanto, em razão de seus ideais, Anísio Teixeira foi perseguido tanto na era Vargas (1930-45) quanto pela ditadura militar (1964-85).

Assumiu cargos de visibilidade, como a pasta da Educação do estado da Bahia (1947) e a liderança do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (a partir de 1952), cuja atuação foi considerada tão significativa ao cenário cultural quanto a Semana de Arte Moderna e a fundação da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, lecionou em universidades americanas e concebeu a Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e a de Brasília, da qual era reitor na ocasião do golpe de 1964. No ano de 1965, atuou como membro do Conselho Federal de Educação.

Anísio Teixeira morreu em março de 1971, em circunstâncias bastante suspeitas, no Rio de Janeiro.



Arquivo/Estadão Conteúdo/AE

O advogado, intelectual, educador e escritor brasileiro Anísio Teixeira.

01/06/1959.

Bibliografia

Obras de Anísio Teixeira:

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o mundo moderno*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *Educação não é privilégio*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *A educação e a crise brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

Obras sobre Anísio Teixeira:

GOUVEIA NETO, Hermano. *Anísio Teixeira: educador singular*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4689.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

VIANA FILHO, Luís. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Páginas da internet:

Educadores Brasileiros – Anísio Teixeira: educação não é privilégio. TV Escola.

Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video?idItem=4917>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

TV Anísio Teixeira. Secretaria Estadual da Educação da Bahia.

Disponível em: <http://educadores.educacao.ba.gov.br/tv_anisio_teixeira>. Acesso em: 9 jun. 2014.

Cuiabá, novembro de 2013.

O teu jornal, caro **Júlio**,

foi tribuna de oposição ao regime dos generais. E o editorial que recusaste retirar do prelo suscitou a ira da polícia. Sucedeu o fechamento do jornal. E um misto de desilusão e de desgosto com a censura imposta apressou a tua morte. Muito nobres foram as tuas tentativas de democratizar os costumes políticos de um Brasil oligárquico e de combater as práticas de velhos partidos. Tão quixotesca e vã foi essa tentativa! E grande foi a decepção em face do descumprimento das promessas feitas pelo Getúlio. Acabaste preso e exilado, na senda de todos aqueles que ousaram defrontar podres poderes.

Buscaste uma escola, espaço público aberto, vinculado à cultura, à vida. Uma escola que fosse espaço de convivência, onde os jovens aprendessem a reinvenção da fraternidade. Uma escola que ajudasse os jovens a ver a sua comunidade como coisa sua, a sentir pertença, a adquirir identidade local, pois, como diria o Nietzsche, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Uma educação que fosse condição de desenvolvimento, de justiça social, de distribuição de renda, de reconstrução de um país. Educar é um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma. Sempre num espaço de convivência, em todo o tempo e de maneira recíproca, como diria o Maturana.

Alguns anos após a tua morte, um senhor chamado Bourdieu escreveu que a escola produz e reproduz desigualdades e oculta os seus critérios sob o discurso do mérito individual. Mas muitos educadores, que em ti encontram inspiração, creem que a escola poderá inverter o fatalismo da reprodução. E o Edgar Morin diz-nos que “tudo o que vive deve regenerar-se incessantemente: o sol, o ser vivo, a biosfera, a sociedade, a cultura, o amor”⁵⁷.

E não será apenas necessária uma reflexão sobre a escola, mas sobre a vida. Seres incompletos que somos, estaremos, inevitável e permanentemente, em projeto. Se o professor não se regenera,

⁵⁷ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 58-59.

se não se interroga, se não encontra motivo para um projeto de transformação pessoal, se não pesquisa, o aluno não aprenderá a construir projetos mediados pelo professor, não aprenderá a planejar-se, não aprenderá a elaborar roteiros de pesquisa, não saberá pesquisar. Manter-se-á cativo da inútil decoreba de conteúdo para colocar em prova, obter uma nota e esquecer.

De nada vale acreditar que se sabe algo, se o saber não for partilhado, se não houver atribuição de sentido pelo outro. E uma escola não é um prédio, é relação humana. Se não existir diálogo, vínculo amoroso entre aprendizes, a aprendizagem dificilmente acontece.

Em muitas escolas do Brasil, professores e alunos estão reféns de um trabalho alienado. Muitos professores são analfabetos comunitários. Poderão passar pela favela para chegar à escola, mas não percebem que a favela está dentro da escola. Não conhecem os sonhos e necessidades da comunidade a que deveriam servir. Dela se defendem instalando câmeras de vigilância sobre muros encimados por arame farpado e cercas elétricas. Catracas e guardas armados impedem a entrada das famílias dos alunos. Nessas escolas, não é produzido conhecimento útil à comunidade. Não se percebe que a escola deverá ser agente de transformação pessoal, social, assumir compromisso ambiental, desenvolver o senso ético e a autonomia da comunidade. Essa escola ensimesmada ajuda a reproduzir uma sociedade desigual, injusta. Porque ignora que o futuro da educação também depende de uma escola que seja teia de relações entre pessoas, onde são valorizados diferentes saberes.

A tragédia educacional brasileira decorre de uma política pública desastrosa. Do Oiapoque ao Chuí, secretarias de Educação delapidam recursos no lançamento de programas, reformas e quejandos, belos nacos de prosa legitimados por teóricos cujas práticas são a negação das teorias a que recorrem. São os mesmos teóricos consultores que papagueiam essas teorias em “capacitações”

DEMOS SURGIR
PROJETOS
CONCEBIDOS POR
EDUCADORES
QUE NÃO SE
CONSIDERAM
FUNCIONÁRIOS DE
UMA PREFEITURA
E ASSUMEM SER
COCRIADORES DE
COMUNIDADES.

que não capacitam, que não logram modificar o modo de trabalho pedagógico nem acrescentar mais uns pontos ao mítico Ideb, que vegeta entre os níveis 5 e 6.

Mas há esperança, meu amigo! Vemos surgir projetos concebidos por educadores que não se consideram funcionários de uma prefeitura e assumem ser cocriadores de comunidades. E que não querem ser “tias”, para que a função de guardar crianças não provoque a dissolução de relações familiares e sociais. Acabo de receber notícias de um projeto que venho acompanhando. No *e-mail* (*e-mail* é uma espécie de carta abreviada, que não carece de envelope e selo), os educadores contam que estiveram na favela, reunidos com representantes da comunidade. O encontro foi coordenado por um morador, pai de aluno. Escutaram elogios e críticas dos pais dos alunos. Alguns ainda dizem querer que os seus filhos usem uniforme e rejeitam a ideia de o material de estudo ser coletivo. O ranço da velha escola penetrou bem fundo na cultura do lugar. Vai demorar a desaparecer... Na casa de um jovem aluno, os educadores encontraram uma avó fabricando sabão com restos de óleo. E outras tecnologias sociais vêm sendo inventariadas, resultando na criação de emprego, em geração de renda, sustentabilidade. Também vêm sendo identificados lugares com potencial educativo: quadras, igrejas, padarias, praças, casas, centros culturais, uma *lan house* (é um lugar onde podemos saber o que se passa na China em menos de um segundo), bibliotecas comunitárias. O mapeamento vai fundo, atinge uma segunda camada, com recurso ao Google Maps (é um mapa, mas não é de papel). Uma mãe de aluno fabrica roupa de alta-costura, que vende barato a um intermediário. Essa roupa é vendida, depois, por alto preço, em *shoppings* de luxo (*shopping* é outro estrangeirismo, que perdoarás que use, e cuja descrição também em outra carta farei, porque muita coisa mudou desde que partiste). Com os educadores, os moradores da comunidade estão a preparar-se para criar uma moeda social, praticar comércio justo numa economia solidária.

Caro Júlio, esta carta já vai longa, permite-me que conclua com outras boas notícias. Com a ajuda de um grupo de arquitetos, educadores e moradores da comunidade já compreenderam que as ruas da favela não foram feitas para passarem carros, mas para o convívio entre pessoas, que a rua é espaço de aprendizagem. E que, se mais alguma facção do tráfico determinar um recolher obrigatório, todos irão para a rua, por ser a rua um espaço de exercício de cidadania. ✉

Biografia

Júlio de Mesquita Filho

Júlio de Mesquita Filho nasceu no dia 14 de fevereiro de 1892, na cidade de São Paulo. Realizou seus primeiros estudos na Europa, retornando ao Brasil para graduar-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Vindo de uma família de jornalistas, foi editor-chefe do jornal *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1927 e 1969. Nesse período, tornou o periódico o mais importante veículo de mídia impressa da América Latina, alcançando renome internacional.

Um dos idealizadores da Universidade de São Paulo (USP), sonhava com a criação de um sistema universitário que fosse capaz de liderar um processo de transformação profunda na educação brasileira. Ainda que entendesse como emergencial a criação de um ensino superior sólido no país, só pôde colocar seu plano em ação anos depois, por ser obrigado a viver no exílio após a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932. Com a anistia oferecida pelo presidente Getúlio Vargas, Júlio de Mesquita Filho e seu cunhado Armando de Salles Oliveira voltam de Portugal. Ao ser eleito governador da Assembleia Legislativa, Armando reabre o Projeto USP e nomeia Júlio como um dos membros da comissão de organização.

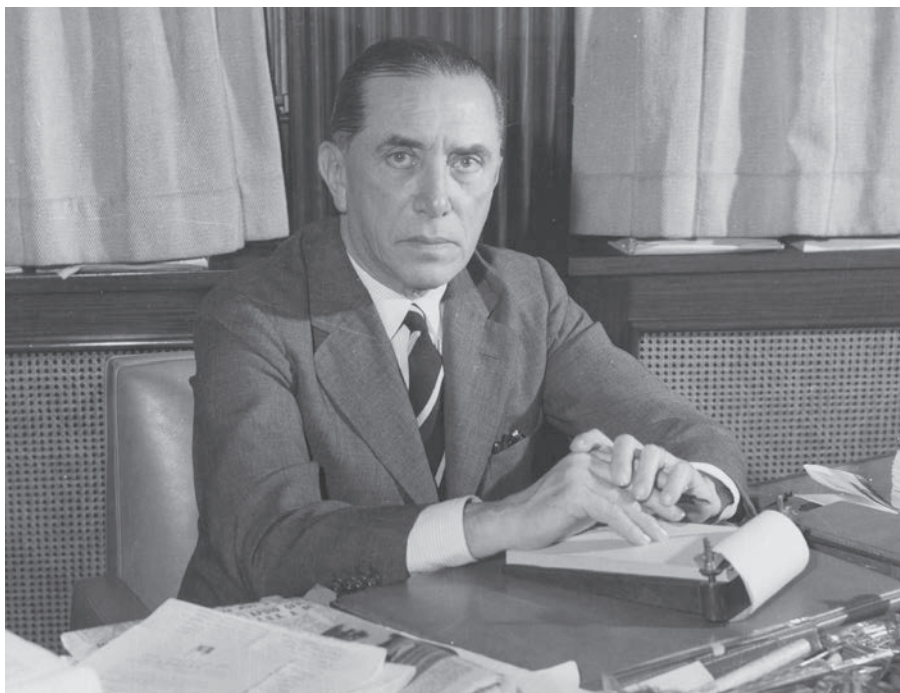
A USP seria então a universidade que englobaria as três faculdades existentes na cidade: a Faculdade de Direito de São Paulo, a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina. Além dessas, previu-se no projeto a anexação das recém-criadas Faculdade de Medicina Veterinária, Faculdade de

Filosofia, Ciências e Letras e a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, em Piracicaba, além de instituições como os institutos Biológico e Butantan.

A fim de conferir prestígio à universidade recém-inaugurada e auxiliar em sua organização, Júlio de Mesquita Filho buscou na Europa, em especial na França, jovens talentos que mais tarde viriam a ser nomes de peso, como o médico e psicólogo Georges Dumas, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, o historiador Fernand Braudel, o sociólogo Roger Bastide e o geógrafo Pierre Monbeig.

Ainda que valorizasse toda a universidade, o foco de Júlio de Mesquita Filho sempre foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pois tinha consciência de que seria a partir dela que se formariam os professores que auxiliariam, posteriormente, na reformulação da educação brasileira, com o objetivo de desenvolver uma nova proposta de escola.

Faleceu no ano de 1969. Em 1976, o governador Paulo Egydio Martins o homenageia com a criação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), surgindo então a terceira universidade pública do estado de São Paulo.



Arquivo/Estadão Conteúdo

Júlio de Mesquita Filho
em sua mesa na sede do jornal
O Estado de S. Paulo. Década de 1960.

Bibliografia

Obras de Júlio de Mesquita Filho:

MESQUITA FILHO, Júlio de. *A crise nacional: reflexões em torno de uma data*. São Paulo: Seção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1925.
_____. *A guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002.

Obras sobre Júlio de Mesquita Filho:

CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2004. Edição fac-símile 1954.
PONTES, José A. Vidigal. *Júlio de Mesquita Filho*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.
Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4710.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Páginas da internet:

ARRUDA, Roldão. Júlio de Mesquita Filho, um liberal movido pelo amor ao país. *O Estado de S. Paulo*, 11 jul. 2009. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,julio-de-mesquita-filho-um-liberal-movido-pelo-amor-ao-pais,401286>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
Portal da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Disponível em: <www.unesp.br>. Acesso em: 13 jun. 2014.

AS PROPOSTAS
PEDAGÓGICAS
ELABORADAS NO
DECURSO DO
SÉCULO XX JAMAIS
FORAM VERTIDAS
EM PRÁTICAS
EFETIVAS.

Goiânia, novembro de 2013.

Prezada **Helena**,

soubeste exercer o teu múnus profissional com razão e sensibilidade. Toda a tua vida foi dedicada ao aprofundamento dos saberes da psicologia, que soubeste harmonizar com os saberes da cultura popular, numa vida comprometida com a convivência democrática.

Más notícias eu tenho para te dar. O país do futuro submete-se a uma modernização tardia, numa sociedade da informação caracterizada pela solidão e pelo individualismo. As escolas enfeitam-se de novas tecnologias, sem que seja afetado o modelo de ensino obsoleto que, denodadamente, combatestes. As propostas pedagógicas elaboradas no decurso do século XX jamais foram vertidas em práticas efetivas. E as escolas das cidades mineiras onde viveste ignoram os teus contributos, a democracia é mera retórica. Pouca serventia tiveram a tua preocupação com a exclusão social e a tua crença nas virtudes da psicologia na democratização da sociedade brasileira.

Não penses que sou pessimista, que eu tento sempre ver o “copo meio cheio”. Por isso, te digo que, tendo eu vivido três anos em terras de Minas Gerais, esse tempo foi suficiente para, no chão de escolas, encontrar educadores partilhando os teus ideais. Dirão que são poucos, mas eu direi que são os imprescindíveis, pois buscam contemplar o direito de todos à educação, como propunhas que se fizesse, no espírito escolanovista e do teu mestre Claparède: *a escola sob medida*.

A tua confiança na contribuição da ciência para a educação de crianças consideradas especiais esteve na origem da fundação da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, obra de uma comunidade de médicos, educadores e religiosos. Isso mesmo, cara Helena, de uma comunidade se tratava, unida pelo sonho de a inclusão não ser miragem e que passou do sonho à concretização. Surpreende a maturidade desse projeto, a consciência de que a educação é ato político e que a inclusão é exercício de direitos humanos!

Na comunidade científica, que ajudaste a criar na década de 1930, acontecia inovação, enquanto, nos dias de hoje, certas propostas de comunidade de aprendizagem incorrem na cedência a práticas tradicionais. Estabelecem, por exemplo, que todos os alunos consigam realizar a atividade e compreender os conteúdos trabalhados em um tempo determinado. Por que um tempo determinado igual para todos? Por que quatro ou cinco atividades impostas pelo professor a toda

a turma? Por que turma, padrão único de tempo, conteúdo? Estaremos a falar de aprendizagem, ou de ensinagem?

Como te dizia no início desta missiva, propostas pedagógicas elaboradas no decurso do século XX continuam no limbo das teses e legitimam práticas incoerentes. Os jovens educados nas velhas práticas, ainda que cognominadas de novos rótulos, podem ser condenados a não reconhecer a diversidade cultural e artística em que estão inseridos, além de, pela dificuldade em desenvolver criticidade, serem presas fáceis para modismos culturais de qualidade duvidosa e, ainda mais grave, suscetíveis à glamorização do consumo de produtos ilícitos. É-lhes alheia a catástrofe anunciada pelo aumento na temperatura da Terra... Como vês, não é somente a velha escola que continua em crise, querida Helena, é a vida que está por um fio. ✉

Biografia

Helena Wladimirna Antipoff

Helena Wladimirna Antipoff nasceu no ano de 1892, em Grodno, na província da Bielorrússia, no Império Russo. Era de uma família aristocrática, sendo seu pai general do Exército imperial. Estudou em São Petersburgo, onde obteve o diploma do Curso Normal, em 1909.

Em seguida, deslocou-se para a França, onde obteve bacharelado na Sorbonne e assistiu a palestras de psicologia no Collège de France, aprofundando-se nessa área no Laboratório Binet-Simon (Paris). Seguiu para Genebra, na Suíça, para trabalhar com o psicólogo Édouard Claparède, de grande influência em sua formação. Formou-se em psicologia e integrou a equipe de profissionais do Institut Jean-Jacques Rousseau.

De volta à Rússia, Helena lá permaneceu mesmo após a Revolução Bolchevique (novembro de 1917), que instituiu o socialismo no país. Entre 1919 e 1924 dedicou-se à psicologia infantil em Petrogrado, onde também se casou e teve um filho.

Entretanto, alguns dos seus estudos sobre o comportamento psicológico das crianças incomodaram o regime político do país. Ela passou a ser perseguida e excluída do ambiente acadêmico. Em 1924, parte para o exílio na Alemanha, onde já se encontrava seu marido, voltando a Genebra para trabalhar novamente no Institut Jean-Jacques Rousseau.

Em 1929, Helena Antipoff é convidada pelo governo de Minas Gerais a ajudar na reorganização do sistema de educação daquele estado. Ela então se desloca para o Brasil, com a intenção de colocar em prática seu pensamento sobre o desenvolvimento intelectual infantil.

Seu papel em Minas, que tinha à frente do sistema educacional o professor Francisco Campos, era ajudar a organizar uma escola de formação de professores a partir de técnicas de psicologia e pedagogia aplicadas à realidade social e cultural de então.

Após seu trabalho na chamada Escola de Aperfeiçoamento do Estado de Minas Gerais, Helena Antipoff se uniu a algumas de suas alunas e criou a Sociedade Pestalozzi, em Belo Horizonte, no ano de 1932. O objetivo era atender crianças com necessidades especiais e suas famílias, com acompanhamento médico, psicológico e pedagógico.

Esse projeto inicial cresceu de forma significativa. O atendimento a crianças portadoras de necessidades especiais com uma educação baseada em princípios de pesquisas científicas fez surgir o Instituto Pestalozzi. Iniciado em Belo Horizonte, sob influência de Helena Antipoff, tornou-se nacional e um dos projetos mais importantes do país nessa área.

Helena também se envolveu com projetos de educação para crianças carentes e trabalhadoras, além de ter concentrado esforços, em Minas Gerais, na formação de escolas rurais adaptadas às necessidades daquelas comunidades.

Foi, ainda, professora de Psicologia Educacional na Universidade Federal de Minas Gerais e colaboradora do Centro de Orientação Juvenil (COJ) do Ministério da Educação e Saúde, que, a partir de meados da década de 1940, se dedicava à elaboração de estudos e projetos de orientação na formação pessoal e no apoio a jovens e suas famílias.

Em 1974, agraciada com o prêmio Henning Albert Boilesen de Educação e Cultura, utilizou o dinheiro para investimentos na Fazenda do Rosário, na Grande Belo Horizonte, escola rural criada por ela. Logo em seguida, em agosto do mesmo ano, Helena Antipoff faleceu, deixando um grande legado nas áreas da psicologia da educação, no trato educacional de crianças com necessidades especiais, na preocupação com a infância explorada pelo trabalho e na necessidade da educação nas áreas rurais.



Helena Antipoff.

Sem data.

Fundação Helena Antipoff, Ibirité-MG

Bibliografia

Obra de Helena Antipoff:

ANTIPOFF, Helena. *Coleção das obras escritas de Helena Antipoff*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992.

Obras sobre Helena Antipoff:

ANTIPOFF, Daniel. *Helena Antipoff: sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

CAMPOS, Regina H. de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação.

Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, set.-dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=50103-40142003000300013>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. *Helena Antipoff*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

Disponível em: <<http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/me4703.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Páginas da internet:

Fundação Helena Antipoff. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais.

Disponível em: <<http://www.fha.mg.gov.br/index.php>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Federação Nacional das Associações Pestalozzi. Disponível em: <<http://www.pestalozzibrasil.org.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Teresina, dezembro de 2013.

Quantos brasileiros saberão, amigo Rui,

que te empenhaste num projeto de modernização do país e propuseste um sistema nacional de educação, desde o jardim da infância até a universidade? Quem saberá que, há mais de um século, defendeste uma reestruturação completa do ensino, desde os métodos até a construção de prédios? Presumo serem raros os brasileiros conhecedores da tua obra. Saberão, talvez, que foste coautor da Constituição da Primeira República (1889-1930), juntamente com Prudente de Moraes. Mas as referências maiores do povo brasileiro, os heróis cultuados, não são os construtores de comunidade, mas genocidas, que fizeram guerra para destruir comunidades. Tu assististe à destruição de Canudos... De então para cá, o que mudou?

A revista *O Occidente*⁵⁸, tua contemporânea, nas suas edições de maio e de junho de 1887, lamentava que a escola tivesse de acolher alunos que não obedeciam à palavra e tinham a certeza da impunidade, que o professor se esfalsasse para restabelecer a ordem e não o conseguisse. Concluía que as escolas eram moinhos no ruído da indisciplina, porque os mestres saíam moídos da escola, onde gastavam o tempo gritando. E, entre a metáfora do moinho e a da separação das águas, passava-se à óbvia conclusão: na falta de disciplina, os mestres quase nada conseguiam ensinar.

Como vês, caro Rui, pouco, ou nada, mudou em mais de um século. A indisciplina é naturalizada, jovens são expulsos das escolas sem que se perceba que os maiores responsáveis de múltiplas violências não estão entre os pobres da favela, mas entre os poderosos deste país. Vê em que círculo vicioso se envolveu a nação, quando concebe a escola como formalidade social, quando não acredita que as escolas podem ser incubadoras de uma nova ordem social. As escolas erguem e reforçam muros, defendem-se da comunidade. Promove-se o reforço policial, são construídas prisões, escolas são entregues à guarda da polícia militar. Mas, há milênios, Pitágoras dizia-nos que, educando as crianças, não será preciso castigar os homens. Eu acrescentaria: nem despender somas avultadas para se beneficiar de uma precária segurança. Porque, repara, caro Rui: um brasileiro preso pode ser até nove vezes mais caro do que um aluno de escola pública⁵⁹. E ainda há quem proponha a diminuição da idade dos potenciais prisioneiros, talvez no pressuposto de que já nascem criminosos.

Recomendaria a quem decide que escute o Brecht, quando recomenda que se atenda menos à suposta violência das águas de um rio e mais à violência das margens que as comprimem. O criminoso é construção social. Não aprovo a violência, mas sei que ninguém nasce criminoso. Muitos se transformam em “marginais” quando lhes são negadas oportunidades numa sociedade desigual e injusta, ou quando tomam consciência de terem sido roubados desde o momento em que se nasceram.

⁵⁸ *O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* foi uma revista editada em Lisboa entre janeiro de 1878 e janeiro de 1909.

⁵⁹ Para uma discussão mais pormenorizada desses dados ver DUARTE, Alessandra; BENEVIDES, Carolina. Brasil gasta com presos quase o triplo do custo por aluno. *O Globo*, 20 nov. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-gasta-com-presos-quase-triplo-do-custo-por-aluno-3283167#ixzz35U6fsmxu>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

MUITOS SE
TRANSFORMAM
EM “MARGINAIS”
QUANDO LHE
SÃO NEGADAS
OPORTUNIDADES
NUMA SOCIEDADE
DESIGUAL E
INJUSTA.

Se bem que a obsessão uniformizadora e seletiva da escola venha sendo questionada por muitos “especialistas” da educação, a maioria não faz ideia alguma de como contribuir para a saída do caos. Pesquisadores instalados em torres de marfim induzem os políticos a acrescentar camadas de tinta nova em velhos palimpsestos. Não entendem que os projetos emergem de sonhos, desejos, necessidades e que deverão ser as comunidades as protagonistas de projetos de desenvolvimento humano sustentável?

As associações de moradores (e as associações de pais), os líderes locais, os representantes do poder público residentes nessas comunidades serão considerados não como objetos de intervenção, ou apenas convidados a ir à escola, mas como sujeitos, autores de mudança. Acontecerá efetiva aprendizagem ao longo da vida e transformação social, traduzida na melhoria das condições da qualidade de vida dos membros da comunidade, quando a comunidade participar, quer da elaboração dos projetos, quer dos planejamentos e da execução das ações a desenvolver, contribuindo para a reformulação das medidas de política educativa, para uma política pública séria. Se a escola faz parte da comunidade, fará sentido haver um espaço e tempo escolar e um espaço e tempo comunitário?

Nos últimos tempos, alguns universitários encontraram um novo objeto de estudo. Teses e outros estudos publicados por anglo-saxônicos e catalães despertaram o seu interesse. E já não faltam teses e artigos em torno do conceito de comunidade de aprendizagem. Sem pretender retirar o mérito aos doutores que tais escritos produzem, confesso a minha perplexidade perante a acadêmica manifestação da síndrome do vira-lata e em face da ausência de preocupações com a utilidade social da produção científica. Vivemos um tempo marcado por uma modernização de racionalidade técnica, burocrática, industrial, numa sociedade da informação caracterizada pela solidão e pelo individualismo. Por essa razão, nas comunidades de aprendizagem, criadas a partir da escola ou com outras origens, privilegiar-se-á a relação entre pessoas sobre as relações entre instituições, bem como as redes físicas sobre as virtuais.

O modelo escolar não é o único modelo de educação e a educação deverá ser pensada mais a partir das comunidades a que serve do que a partir da instituição, de modo que os processos de aprendizagem tenham um papel transformador nas sociedades. Será necessário reconceitualizar as práticas escolares, erradicar a segmentação cartesiana e o modelo hierárquico de relação, propiciando uma relação comunicativa; promover a participação de quem, atualmente, é considerado “fora da idade de escolarização”; formalizar termos de autonomia. Tudo menos considerar que uma comunidade possa ser uma escola. Porque a escola de sala de aula inibe a relação comunicativa, impede a convivência com pessoas fora do ambiente familiar, enquanto a aprendizagem é atividade social, requer o desenvolvimento da comunidade. ✉

Biografia

Rui Barbosa

Advogado, político, jornalista, jurista, diplomata, ensaísta e orador, Rui Barbosa nasceu no dia 5 de novembro de 1849, em Salvador, na Bahia. Uma das figuras mais importantes da história do Brasil, esteve envolvido ativamente na vida política por mais de meio século, ocupando cargos de destaque, como deputado provincial, deputado geral, ministro da Fazenda, senador, além de ter sido candidato à presidência da República. Como jornalista e jurista, deixou dezenas de artigos publicados em jornais de expressão da época.

Realizou os estudos primários em sua cidade natal e mais tarde mudou-se para Recife para fazer o curso jurídico, transferindo-se, posteriormente, para a Faculdade de Direito de São Paulo. Lá conviveu com outras figuras de destaque da história nacional, como Joaquim Nabuco e Castro Alves.

Defensor ferrenho do abolicionismo e do federalismo, foi escolhido ministro da Fazenda do Governo Provisório da República (1889-91), respondendo, por algum tempo, pela pasta da Justiça. Ainda na vida política, destaca-se por seu memorável discurso em Haia na defesa da igualdade jurídica das nações soberanas, enfrentando as grandes potências econômicas e políticas da época. Sua atuação lhe rendeu fama no exterior, projetando o Brasil no cenário internacional. Quando anunciada sua morte, no ano de 1923,

o jornal britânico *The Times* concedeu a Rui Barbosa um espaço nunca antes dado a um estrangeiro.

No campo da cultura, destacou-se por ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, apresentando papel marcante também na área da educação. Influenciado por seu pai, João Barbosa de Oliveira, homem político, diretor de Instrução Pública de sua província e engajado nas questões do ensino e da cultura, teve uma educação tradicional, que valorizava a leitura dos clássicos.

Elaborou dois importantes documentos que diagnosticavam a situação da educação brasileira, intitulados: Reforma do Ensino Secundário e Superior e Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública. Participou como relator da Comissão de Instrução Pública encarregada, pelo Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, de reformar o ensino primário, secundário e superior do Império brasileiro. Em seus pareceres, destacou a importância de o Estado garantir ao povo educação de qualidade desde os anos iniciais até os níveis mais avançados, e a gratuidade, laicidade e obrigatoriedade do ensino. Ainda que de ideologia federalista, organizou a primeira proposta de um sistema de ensino para todo o país. Via na educação uma oportunidade de alavancar a nação e contribuir para a formação de indivíduos mais críticos e politicamente responsáveis.



Lucílio de Albuquerque. *Rui Barbosa*. 1915.
Óleo sobre tela.

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador

Bibliografia

Obras de Rui Barbosa:

BARBOSA, Rui. *A conferência de Haia*: discurso em Paris a 31 de outubro de 1907. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1962 (Rui Barbosa – Obras Avulsas, I).
_____. *Abolicionismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988 (Obras Completas de Rui Barbosa).
_____. *Trabalhos jurídicos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1991.

Obras sobre Rui Barbosa:

MACHADO, Maria C. Gomes. *Rui Barbosa*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4715.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
PINHO, Demóstenes Madureira de. *Centenário de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1958.
VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Rui Barbosa*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

Páginas da internet:

Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
Rui Barbosa. Programa *De lá pra cá*. TV Brasil, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-MbfHyEwvc>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Rio Branco, dezembro de 2013.

Querido Heitor,

a tua data de nascimento é celebrada como o Dia Nacional da Música Clássica, por teres criado uma linguagem musical brasileira, em obras que contemplam culturas regionais. Mas quero crer que, nessa data, se deveria celebrar o nascimento de um educador, entre outros insignes educadores, que faz parte de uma linhagem que já vem do tempo em que os teus companheiros Alessandro e Eurípedes andavam sobre a Terra.

Poderá ser considerado leviano que eu assim te considere, pelo que direi, à Monsieur de La Palisse, que educador é aquele que educa. É aquele (ou aquela) que exerce uma práxis coerente e, enquanto fundamenta a prática com o quanto baste de teoria, contribui para a melhoria da educação. Ainda hoje, os educadores não recebem o devido reconhecimento pelo conhecimento que produzem, pois esse conhecimento não é “publicado” nem “divulgado” nos meios académicos. São os chamados teóricos que recebem os louros devidos ao afã dos chamados práticos. São estes que, tal como tu, colocam em ação estratégias e processos, porém, nos congressos e reuniões afins, professores aclamam e prestigiam falastrões (bem recompensados...), que lhes ensinam como deverão agir em sala de aula. Amigo Heitor, podes crer que, se esses falastrões fossem colocados em sala de aula, não saberiam realizar aquilo que dizem que os professores deverão fazer... E por aí vai a educação deste país, entre a perfeição dos discursos e as misérias das práticas.

Não te considero educador por teres juntado centenas de pessoas num estádio, num pedagógico espetáculo musical, mas por teres exercido praxeologia. Toda a tua vida foi exemplo disso. E, exatamente por isso, foste alvo de críticas e detratações – por gerares as fundações de uma comunidade musical brasileira, por teres cometido o crime de acrescentar.

Acrescentaste o *Canto Orfeônico*, que integrava um projeto educacional mais vasto, a que juntaste um *Guia Prático*, reunião de canções de várias influências musicais, para ser trabalhado nas escolas. Traduziste os sons do Brasil, implantaste o canto orfeônico nas escolas públicas,

^{6o} Turibio Santos, violonista brasileiro nascido em 1943, considerado um dos melhores intérpretes da obra de Villa-Lobos.

promovendo o encontro de vozes e culturas, divulgando o rico folclore do Brasil, do coco à ciranda e ao repente, cultivando manifestações populares, como o chorinho, porque sabias que a arte e a educação são as bases da construção de uma sociedade.

O Turibio^{6o}, que conhecestes em 1958, interpreta a tua obra de modo magistral. Nela se pode escutar o cantar dos pássaros e perceber a diversidade de influências e culturas.

A ti se deve a fundação da Academia Brasileira de Música, pois acreditavas que a música é um direito do povo e que uma nação alfabetizada pode ter incorporada à sua personalidade princípios éticos a partir de um senso estético.

Gratos ficamos, grande Heitor, por queres construir comunidades através da música.

Perdoa que acrescente algumas considerações mais ou menos didáticas. Esta é uma carta aberta e acredito que professores a possam ler. Aproveito o ensejo para dizer aquilo que já sabes, mas que, porventura, outros precisem saber. Diz-nos o dicionário que comunidade é estado do que é comum, paridade, comunhão. Sociologicamente, é um agregado de pessoas que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem. Etimologicamente, tem origem no latim *communitas*, qualidade daquilo que é comum. Uma comunidade é um grupo de seres humanos que partilham algo comum: idioma, costumes, localização geográfica, visão de mundo, valores... Poderá ser um grupo de pessoas que residam em uma área geográfica determinada, que compartilhem uma cultura comum ou modo de vida, conscientes do fato de que compartilham certa unidade e que podem atuar em busca de um objetivo comum. A sua coesão poderá ser reforçada se se assentar em laços familiares, compartilhar antecedentes ou participar de uma mesma tradição histórica.

A ESCOLA
TRADICIONAL
NÃO CONTEMPLA
O APRENDIZADO
DO MUNDO
E DA VIDA.

Então, caro Heitor, poderemos concluir que escolas não são comunidades, são instituições, tal como o hospital e a igreja. A modernidade confirmou-nos numa ética individualista. Na gênese da escola da modernidade, o individualismo prevaleceu sobre o gregarismo, pelo que a profissão de professor se caracteriza pela solidão. Nas escolas herdeiras da Revolução Industrial, quase não existe uma história compartilhada, ou objetivos comuns. As práticas efetivas são contraditórias com o teor dos projetos político-pedagógicos. A escola tradicional não contempla o aprendizado do mundo e da vida, retira as crianças do mundo, da realidade, confina-as num prédio, em sala fechada, por vezes com grades. A escola ensimesmada, que ainda temos, é uma forma moderna de socialização do saber, monológica, monocultural, sem incorporação de diálogo com os saberes circulantes. Mas poderá constituir-se em comunidade, bem como em *locus* de criação de comunidades, se a identidade difusa que a caracteriza der lugar a interações com significado e se vier a contribuir para um desenvolvimento humano sustentável.

As escolas poderão transformar-se em nodos de redes sociais e virtuais, porque aquilo que faz das pessoas uma comunidade são os valores, as necessidades e os sonhos que elas partilham. Essa transformação, ou reconfiguração das práticas, pressupõe a substituição do frontal passivo, centrado no professor, por um relacional ativo centrado na rede; de um frontal ativo centrado no computador pelo desenvolvimento de um currículo subjetivo harmonizado com um currículo de comunidade. O currículo é construção social. E, pela participação na construção do currículo, a pessoa exercita a participação na sociedade. Enquanto reconstrução pessoal e social, o currículo está permanentemente imerso num ambiente de representações e símbolos, e é constituído pelas dimensões técnica, estética, ética e política. É reconstruído na interação dialógica entre contextos escolares, a vida, o conhecimento e a cultura. Implica subjetividade, não se realiza na transferência e assimilação passiva de conteúdo, no contexto de uma sala de aula. Aprender em comunidade significa passar de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora do

currículo, centrada em projetos, no aprender com o outro e na compreensão e transformação social. Cada comunidade desenha e vive seu currículo de forma singular e significativa.

Buber diz-nos que a tradição e as normas comunitárias não poderão ser o elo formador de uma comunidade. Que existe uma constante renovação entre o real e a representação do real, que faz com que o elo fundante de uma comunidade esteja para além do campo dos dogmas e regras. Buber fala-nos de uma lei intrínseca da vida, de um processo criativo, em permanente fase instituinte, que respeita as tensões entre subjetividades. A escola com projeto poderá ser espaço e tempo de construção de comunidades. Um projeto humano é coletivo e está em permanente fase instituinte. A escola poderá ser um lugar, entre outros, de comunidades de aprendizagem, agir como um dos nodos de uma rede, possibilitando a partilha de conhecimento real ou virtual, redesenhando mapas e trajetos da aprendizagem.

Perdoa este longo arrazoado. Não quero perturbar o teu eterno descanso com as minhas reflexões. Somente aproveitei a carona para desassossegar espíritos. ✉

Biografia

Heitor Villa-Lobos

Heitor Villa-Lobos nasceu em março de 1887, no Rio de Janeiro. Era filho de Noêmia Villa-Lobos e Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional e músico amador. Seu primeiro contato com um instrumento musical se deu aos 6 anos, quando o pai adaptou uma viola para que o filho pudesse estudar violoncelo.

Sua formação musical foi muito influenciada pelos seus pais, que recebiam grandes nomes da música da época para cantar e tocar até de madrugada. Foi a partir de sua tia Fitinha que Heitor Villa-Lobos foi apresentado aos prelúdios e fugas de *O cravo bem temperado*, de Johann Sebastian Bach, que serviria de inspiração para que compusesse as nove *Bachianas brasileiras*.

Autodidata, viajou pelo interior do Brasil pesquisando seu folclore e entrando em contato com uma música diferente da que estava acostumado a ouvir: modas caipiras, tocadores de viola e outros tipos que mais tarde viriam a se universalizar por meio de suas obras.

Foi em 1915 que Villa-Lobos passou a se apresentar como compositor, com uma série de concertos no Rio de Janeiro. Nessa época, foi duramente criticado pela imprensa pela “modernidade de sua música”. Em fevereiro de 1922, participou da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, apresentando, dentre outras obras, as *Danças características africanas*.

Em 1923 viajou a Paris, graças a um benefício obtido em projeto aprovado pela Câmara dos Deputados. Ao lado do pia-

nista Arthur Rubinstein e da soprano Vera Janacópulos, as apresentações de Villa-Lobos na Cidade Luz fizeram muito sucesso. Retornou ao Brasil no ano seguinte, saudado pelos seus companheiros do movimento modernista.

Heitor Villa-Lobos voltou a Paris em 1927, para organizar concertos e publicar várias obras. Em 1930, estava novamente no Brasil para a realização de um concerto em São Paulo e, durante sua estada na cidade, apresentou um revolucionário plano de Educação Musical à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; com a aprovação do mesmo, acabou se fixando definitivamente no país.

Após dois anos de trabalho em São Paulo, Villa-Lobos foi convidado pelo secretário de Educação do estado do Rio de Janeiro, Anísio Teixeira, para organizar e dirigir a Superintendência de Educação Musical e Artística (Sema), que introduzia o ensino de Música e o Canto Coral nas escolas. Em 1931, o maestro organizou uma concentração orfeônica chamada “Exortação Cívica”, com 12 mil vozes. A partir de então, a maioria de suas composições se voltou para a educação musical. Em 1932, o presidente Vargas tornou obrigatório o ensino de Canto nas escolas e criou o Curso de Pedagogia de Música e Canto. Em 1933, foi organizada a Orquestra Villa-Lobos.

Entre 1944 e 1945, Villa-Lobos viajou aos Estados Unidos para reger as orquestras de Boston e de Nova York, onde foi homenageado. Em 1945, fundou a Academia Brasileira de Música. Dois anos antes de sua morte, o maestro compôs *Floresta do Amazonas* para a trilha de um filme da Metro Goldwyn Mayer. Realizou concertos em Roma, Lisboa, Paris, Israel, além de marcar importante presença no cenário musical latino-americano.

Praticamente residindo nos Estados Unidos entre 1957 e 1959, Villa-Lobos retornou ao Brasil para as comemorações do aniversário do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Com a saúde abalada, foi internado para tratamento e veio a falecer em novembro de 1959.



Heitor Villa-Lobos regendo
uma orquestra em Paris, França.

Foto sem data.

AFP

Bibliografia

Obras de Heitor Villa-Lobos:

VILLA-LOBOS, Heitor. "A lenda do caboclo". Composição de 1920. Tocada no piano por Estela Caldi.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8rzn2j-4ZqQ>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

_____. *Bachianas brasileiras*. Nove peças, compostas entre 1930 e 1945: nº 1 para oito violoncelos (1930), nº 2 para orquestra de câmara (1930), nº 3 para piano e orquestra (1938), nº 4 para piano ou para orquestra (1930-41/1942), nº 5 para soprano e oito violoncelos (1938-45), nº 6 para flauta e fagote (1938), nº 7 para orquestra (1942), nº 8 para orquestra (1944), nº 9 para coro ou orquestra de cordas (1945).

_____. *Prelúdios*. Composição de 1940. Tocada no violão por Turibio Santos.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tAlm8y3loFU>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

Obras sobre Heitor Villa-Lobos:

MARIZ, Vasco. *Heitor Villa-Lobos: compositor brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

PILGER, Hugo Vargas. *Heitor Villa-Lobos: o violoncelo e seu idiomatismo*. Rio de Janeiro: CRV, 2013.

Páginas da internet:

Podcast especial sobre o estilo de Heitor Villa-Lobos, TV Cultura.

Disponível em: <<http://www4.tvcultura.com.br/radiofm/podcasts/35030>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

Museu Villa-Lobos. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/museu-villa-lobos/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Recife, janeiro de 2014.

O que poderei dizer de ti, querido **Paulo**,

se já tudo foi dito? Talvez apenas dar-te boas notícias. Mão amiga deu-me a conhecer um artigo, que faz jus ao teu “tu já lê”. Porque acredito que também gostarias de o ler, dele transcrevo alguns excertos.

Diz-nos a sua autora, uma educadora do Sul do Brasil:

Escrevi esta carta. Sei que ela enfrenta uma dificuldade de base para chegar aos seus destinatários – é que muitos deles não sabem ler. O grande entrave para a melhoria da qualidade educacional brasileira é o fato de que nossa população está satisfeita com nossa escola. Os pais estão satisfeitos porque não vislumbram possibilidades maiores do que gerações já viveram – aprender pouco ou pouquíssimo na escola. Eles precisam dar-se conta de que há algo mais nessa experiência de sucesso na alfabetização e não atribuir, como um dos pais de aluno, como sorte seu filho ter tido uma professora com “tino”, no sentido de professora com uma intuição natural ou com a “conhecida” vocação para mestra. Queridos pais, seu filho aprendeu a ler e a escrever porque esta professora seguiu um jeito novo de ensinar, que ela está também aprendendo agora, voltando a estudar cada semana ou cada dia⁶¹.

Como vês, ainda há professores que aprendem, que se apercebem da sua incompletude e sabem que o ser humano está em permanente estado de projeto.

Cada ser humano tem o seu projeto pessoal, social. E, nos educadores, é o da reelaboração da cultura pessoal e profissional. Não sendo responsáveis por aquilo que deles fizeram, são responsáveis por aquilo que fizeram com aquilo que fizeram deles. Foi o Sartre quem o disse, por outras palavras.

Pressinto um forte sentimento de autonomia nos educadores, cujos projetos de comunidade venho acompanhando. Porém, os políticos locais conspiram contra essa intenção. Recordo um naco de prosa por ti redigida no livro *Professora sim, tia não*:

Como esperar [...] de uma administração de manifesta opção autoritária, [...] que considere, na sua política educacional, a autonomia das escolas? [...] Que considere a participação real dos e

⁶¹ Carta enviada ao professor José Pacheco por uma professora do Sul do Brasil.

⁶² FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997. p. 13.

AUTONOMIA
É UM ATO
RELACIONAL
E CONTRIBUIR
PARA A
AUTONOMIA
DO OUTRO É UM
ATO DE AMOR.

*das que fazem a escola, [...] na medida em que esta se vá tornando uma casa da comunidade? Como esperar de uma administração autoritária, numa secretaria qualquer, que governe através de colegiados?*⁶².

Foste premonitório, caro Paulo, mas crê que conheço administrações e secretarias que já compreenderam ser incontornável considerar a autonomia das escolas. Essas secretarias são geridas por educadores que sabem que o ato de educar é um ato político e um ato de amor. E o amor, como diria o Herbert, é o único carburante que se conhece que aumenta à medida que se emprega. Autonomia é um ato relacional e contribuir para a autonomia do outro é um ato de amor. Se um professor não se interroga, se se considera pronto, está morto, pronto para baixar o corpo à terra e elevar a alma ao lugar etéreo onde te encontras. Não morremos quando o coração para; morremos quando deixamos de amar.

Conheci um professor insatisfeito com o seu desempenho. Ele perguntava: “Se eu faço um planeamento perfeito das minhas aulas e preparo belos materiais, por que será que alguns alunos meus reprovam? Se eu dou aulas tão bem dadas, por que razão há alunos que não aprendem?”. Certo dia, um *koan* (uma iluminação súbita) se lhe apresentou, incontornável, conclusão definitiva: se ele dava aula e havia alunos que não aprendiam, esses alunos não aprendiam porque ele dava aula.

Uma profunda perturbação o invadiu, o chão fugiu-lhe debaixo dos pés. Não poderia continuar a dar aula, mas ele somente sabia... dar aula. O seu sentido ético não lhe permitia manter um ritual que condenava muitos jovens à ignorância. Haveria outros modos de ser professor? Outros modos de ensinar? De que maneira todos poderiam aprender? Procurou e encontrou professores que faziam as mesmas perguntas e que não cederam ao fácil, ou foram cobardes. Com eles se envolveu num projeto de pesquisa. Juntos, conceberam e desenvolveram uma comunidade de aprendizagem, espaços e tempos de uma nova construção social onde se aprende.

Como vês, o Brasil não desiste. Há gente brasileira que não desiste de ti... ✉

Biografia

Paulo Régis Neves Freire

Paulo Régis Neves Freire, conhecido popularmente como Paulo Freire, nasceu em Recife, no estado de Pernambuco, em setembro de 1921. Filho de um oficial da Polícia Militar local, foi alfabetizado pela mãe. Quando tinha 10 anos de idade, a família mudou-se para a cidade de Jaboatão, em Pernambuco. Em 1932, com a morte de seu pai, sua família passou a enfrentar dificuldades econômicas, mas mesmo assim consegue concluir o curso primário em Jaboatão e iniciar o curso ginásial no Colégio 14 de Julho, no centro do Recife.

Para continuar seus estudos, o diretor do Colégio Oswaldo Cruz (Recife) lhe concede matrícula gratuita e Freire se torna auxiliar de disciplina, e em seguida professor de Língua Portuguesa. Com 22 anos de idade, inicia seus estudos na Faculdade de Direito do Recife. Em 1944, ainda na faculdade, casou-se com a professora primária Elza Maia Costa de Oliveira. No ano de 1946, foi indicado ao cargo de diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social no estado de Pernambuco, onde iniciou o trabalho com a alfabetização de adultos. Dedicou-se a estudos sobre a educação e princípios de alfabetização e, em 1958, participou de um congresso educacional na cidade do Rio de Janeiro, no qual apresentou suas teorias sobre a alfabetização de adultos. Afirmava que esta deveria estar diretamente relacionada ao cotidiano do trabalhador. Sua proposta ficou posteriormente conhecida como “Teoria Paulo Freire”.

Em 1960, na cidade do Recife, é criado o Movimento de Cultura Popular (MCP), no qual Freire desenvolve e aplica seu método de alfabetização para adultos, criando a oportunidade para cerca de trezentos trabalhadores rurais serem alfabetizados em apenas quarenta horas.

Devido à ditadura militar, Freire foi obrigado a exilar-se. Viveu fora do Brasil durante todo o regime militar. Nesse período, esteve em alguns países americanos, africanos e europeus, estudando e pesquisando para a produção de muitos dos seus livros sobre educação.

Após a assinatura da Anistia, retornou ao Brasil em 1980, tornando-se professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e também lecionando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

No ano de 1986, faleceu sua primeira esposa e, em 1988, casou-se novamente, com Ana Maria Araújo Freire. No período de 1989 a 1991, foi secretário de Educação de São Paulo, sob a prefeitura petista de Luiza Erundina, quando promoveu uma profunda reforma do ensino no município e implementou um plano de carreira para os professores.

Depois de deixar a secretaria, abandona a curta carreira política e volta a escrever livros e dedicar-se ao chão de escola. Recebeu inúmeros prêmios e homenagens, nacionais e internacionais, tais como Doutor Honoris Causa em 27 universidades, Educação para a Paz (das Nações Unidas, 1986) e Educador dos Continentes (da Organização dos Estados Americanos, 1992).

Faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997, de ataque cardíaco, deixando uma extensa obra sobre a prática de educação solidária, comunitária e voltada para os interesses populares.



Matuiti Mayezo/Folhapress

O educador e então secretário municipal da Educação de São Paulo, Paulo Freire, com alunos da escola Professora Zilda Franceschi, na Vila Madalena. 03/05/1997.

Bibliografia

Obras de Paulo Freire:

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- _____. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

Obras sobre Paulo Freire:

- BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- HUMBERT, Colette. *Conscientização: a experiência e a investigação de Paulo Freire*. Lisboa: Moraes, 1977.
- TORRES, Carlos Alberto. *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. Campinas: Papirus, 1997.

Páginas da internet:

- Fundação Paulo Freire. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- Paulo Freire contemporâneo*. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EzjYox37E88>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM É UM GRUPO QUE INTERAGE ENTRE SI E ESTABELECE RELAÇÕES SOCIAIS.

Fortaleza, janeiro de 2014.

Amigo Lauro,

Faz um ano que nos deixaste órfãos de sabedoria. E já não falava contigo desde o nosso encontro n'Á Chave do Tamanho. Fomos conversando da tua casa até a escola. Diria que não seria uma conversa, que foi mais uma escuta atenta aos teus ensinamentos. Discorrias sobre comunidades e, várias vezes, de diversos modos, enunciaste esboços de definição do conceito. *Grosso modo*, poderiam ser descritas como microestruturas federalizadas, que facilitam o encontro entre pessoas em espaços e tempos de preservação da unidade da pessoa.

Comunidade de aprendizagem aparenta ser conceito de vasto espectro semântico e o conjunto de práticas que dessa designação se reclama é deveras heterogêneo. A título de exemplo, poderei dar-te notícia de alguns dos significados a ele atribuídos e até mesmo interpretações, características e finalidades que lhe são imputadas: comunidade de aprendizagem é um grupo que interage entre si e estabelece relações sociais, durante um determinado período, com o propósito de aprender um conceito de interesse comum; é um projeto político-pedagógico que a escola escolhe seguir buscando sempre a máxima aprendizagem, necessária para conseguirmos uma sociedade da informação para todas as pessoas; é uma estratégia que ajuda a superar os obstáculos para o ensino universitário eficaz; é um programa desenvolvido pela Secretaria de Educação; grupo de pessoas que persegue propósitos comuns, com o compromisso coletivo de sopesar regularmente o valor dos mesmos, modificando-os quando tenha sentido, e desenvolvendo continuamente modos mais efetivos e eficientes de o conseguir.

Regresso às tuas sábias considerações, sempre que as dúvidas (e são muitas!) invadem o meu fácil arengar e turbam a minha reflexão sobre a relação da escola com a comunidade. Ainda há pouco, meu amigo ausente, me disseste que a escola deve ensinar o povo a utilizar-se de instrumentos de cultura, como museus e bibliotecas, para que não sejam quistos sociais, sem nenhuma relação real com o meio. Vê como é reducionista a ideia que se faz de comunidade de aprendizagem. Repara na ênfase do termo grupo no lugar de equipe e a tendência para a pilotagem feita pela universidade e secretarias. Observa, nessas definições, o caráter utilitário e redentor das comunidades em face do modelo de escola que ainda temos e que quase não é questionado nos seus princípios. As crianças que te homenagearam pouco antes da tua definitiva partida deste mundo aprendem no contexto de um projeto, que também adotou uma definição do conceito: comunidades de aprendizagem

são práxis comunitárias assentes num modelo educacional gerador de desenvolvimento sustentável e que podem assumir a forma de rede social física ou virtual.

Repousa em paz, amigo Lauro. Que encontres no além-túmulo a tranquilidade que te foi roubada pelos esbirros da ditadura, quando te impediram de lecionar, e por aqueles que impediram que os educadores deste país conhecessem a tua obra. ✉

Biografia

Lauro de Oliveira Lima

Lauro de Oliveira Lima, cearense da cidade de Limoeiro do Norte, nasceu em abril de 1921. Foi alfabetizado pelo mestre Zé Afonso, único professor da cidade, que ensinava as crianças do local a ler, escrever e contar.

Como não havia escola de nível médio em Limoeiro, para que pudesse prosseguir os estudos Lauro migrou para um seminário em Jundiá, no estado de São Paulo, vivendo cinco anos como seminarista. De volta ao Ceará, tornou-se professor e casa-se com a neta de Agapito dos Santos, conhecido educador cearense, a professora Maria Elisabeth Santos (Beinha).

Em 1945, obteve por concurso o cargo de inspetor federal de ensino, função que exerceu por vinte anos, dez dos quais como inspetor seccional do Ministério da Educação (MEC), no Ceará. Em 1949, formou-se em Direito. Em 1951, concluiu o curso superior em Filosofia.

Fazia várias críticas ao sistema tradicional de educação e no seu trabalho propunha uma prática educativa libertária e protagonista. Algo que colocou em prática no Ginásio Agapito dos Santos, fundado por ele nos anos 1950. O professor Lauro foi o idealizador do Método Psicogenético, estruturado a partir das descobertas científicas do psicólogo e filósofo suíço Jean Piaget (1896-1980). Lauro defendia que o professor não deve ensinar, mas sim ajudar o aluno a aprender. O professor deve deixar de lado sua postura de “professor-informador” para assumir a postura de “professor-orientador”.

O seu livro *A escola secundária moderna* é uma das principais referências dessa metodologia que considera o trabalho em comunidade e a criação de situações-problema de acordo com o nível de desenvolvimento mental das crianças.

Na década de 1960, o professor Lauro foi perseguido pela ditadura militar brasileira, que o acusava de ser subversivo e vinculado ao comunismo. Acabou exonerado do cargo de diretor da Diretoria de Ensino Secundário, sendo aposentado compulsoriamente aos 43 anos de idade. Foi obrigado a mudar-se para o Rio de Janeiro, onde respondeu a diversos inquéritos policiais. Desempregado, dedicou-se aos seus estudos sobre educação. Em 1972, quando Jean Piaget autoriza por escrito o professor Lauro a utilizar seu nome em uma instituição dedicada a experimentar as teorias desenvolvidas por ele na área de educação, é criado o Centro Educacional Jean Piaget, no Rio de Janeiro.

Nas décadas seguintes Lauro de Oliveira Lima continua seus estudos e práticas baseadas nas propostas de uma educação renovada. Publicou mais de trinta obras relacionadas à educação e lutou, até o fim da vida, por uma educação libertária e fundada nos princípios que defendeu a vida toda. Morreu em janeiro de 2013 (91 anos), na cidade do Rio de Janeiro.



Lauro de Oliveira Lima.
Sem data.

Escola A Chave do Tamanho

Bibliografia

Obras de Lauro de Oliveira Lima:

- LIMA, Lauro de Oliveira. *A escola secundária moderna*. 3. ed. São Paulo: Fundo de Cultura, 1964.
_____. *O impasse na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
_____. *A escola no futuro*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
_____. *Uma escola piagetiana*. Rio de Janeiro: Paideia, 1983.

Obra sobre Lauro de Oliveira Lima:

- BELLO, José Luiz de Paiva. *Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro*. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

Páginas da internet:

- Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro. Disponível em: <<http://laurodeoliveiralima.blogspot.com.br/p/biografia.html>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro – 90 anos. Disponível em: <<http://www.laurodeoliveiralima.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

⁶³ Refere-se às ondas de manifestações que tomaram conta das ruas das cidades brasileiras ao longo do mês de junho de 2013.

⁶⁴ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 4 v.

OUSASTE
ROMPER COM
TABUS DE UMA
SOCIEDADE TÃO
MORALMENTE
DOENTE QUANTO
A DE HOJE.

Manaus, junho de 2013.

Querida Cecília,

Neste junho do nosso descontentamento, a juventude está nas ruas, para exigir educação no lugar da corrupção⁶³. Este Brasil, que renasce de tempos sombrios, lança o apelo que colocaste em versos.

Entre a entrega de flores a policiais e o vandalismo de alguns bonsais humanos, milhões foram para as ruas com milhares de micromotivos. E eram muitos os cartazes que reclamavam melhor educação. Mas... qual educação?

Nas bibliotecas das faculdades de pedagogia, nunca encontrei as tuas corajosas “Crônicas de educação”⁶⁴. Decorridos oitenta anos, elas se mostram atuais, porque nos falam de indignação.

Crê que nunca estiveste sozinha nesse teu afã. Paulo Freire e outros educadores do teu tempo nos disseram que deveremos exercer o dom da revolta perante as injustiças do cotidiano. Como fez o Freinet, nos campos de batalha pela liberdade da Europa, consciente de que os professores foram tão longamente condicionados pela velha pedagogia que se tornaram incapazes de se libertar, não se apercebem de que a escola reprodutora de iniquidades perdeu o sentido.

A construção social Escola, que denunciaste, feita de edifícios com grades, de salas habitadas por solidões, de cartesianas segmentações, de relações hierárquicas e burocratizadas, desprovida de fundamentação científica, sobrevive, qual cadáver adiado suportado por enfeites paliativos. Por que mais programas, mais pactos, mais *royalties*...? Talvez alguns ainda não saibam que ser professor é, permanentemente, viver na idade dos porquês, ousar perguntar: Por que razão há crianças que não aprendem? E, depois, ter a coragem de mudar.

Voltei à leitura das tuas crônicas, à mistura com leituras do Darcy, que fazia eco das tuas palavras, ao denunciar gente ruim, sem pudor, sem escrúpulos. Foi para evitar a perpetuação de uma educação “canalha” que os jovens ocuparam as ruas. Foi essa a razão de decidires ser poeta, que é o mesmo que ser educadora. Pelos teus 16 anos, te fizeste professora. Mas, quando te candidataste à cátedra de Literatura da Escola Normal, foste preterida, porque a tua tese sobre liberdade individual não agradou... Foste alvo de perseguições, porque expressaste a tua rebeldia nas páginas dos jornais do Rio da década de [19]30, quando pugnava por uma efetiva renovação

educacional. Crê, querida Cecília, que defendeste as mesmas causas de jovens do século XXI, jovens que se aperceberam de que são ensinados por professores do século XX, segundo um modelo epistemológico do século XIX.

Ousaste romper com tabus de uma sociedade tão moralmente doente quanto a de hoje. Defendeste nas páginas dos jornais a mesma prática da democracia que os jovens brasileiros de todas as idades hoje reivindicam nas redes sociais. Há mais de oitenta anos, denunciavas um regime que invocava a Liberdade, enquanto submetia o povo a velhas situações de rotina, de cativo e de atraso... Pugnavas por “uma reforma de finalidades, de democratização da escola [...] todas essas coisas que a gente precisa conhecer antes de ser ministro da Educação... Porém, depois, veio um decretozinho provinciano, para agradar alguns”⁶⁵. Bem mereceste os versos que o Manuel Bandeira te dedicou... ✉

⁶⁵ Idem. Trecho de artigo publicado em “Página de Educação”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 maio 1931. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/04/mais/11.html>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

Biografia

Cecília Meireles

Cecília Meireles nasceu em novembro de 1901, na Tijuca, Rio de Janeiro. Foi criada por sua avó materna, já que o pai morrera três meses antes de seu nascimento e sua mãe faleceu quando ainda era bebê.

Ao concluir o estudo primário, em 1910, recebeu de Olavo Bilac uma medalha de ouro por ter feito o curso com distinção e louvor. Em 1917, formou-se no Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e passou a exercer o magistério primário em escolas da cidade. Em 1919 publicou seu primeiro livro, *Espectros*.

Em 1922 casou-se com o pintor português Fernando Correia Dias, com quem teve três filhas. Candidatou-se, em 1929, à vaga de cátedra de Literatura da Escola Normal, com a tese *O espírito virtuoso*. O vencedor, porém, foi um técnico em educação que correspondia às cabeças pensantes do colégio, que buscavam um perfil reconhecidamente católico.

Apesar de perseguições que sofria e dificuldades financeiras que tinha de enfrentar, Cecília Meireles lutava por uma renovação do modelo de educação vigente à época. Dirigiu a “Página de Educação” do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1930 e 1933, com publicações que defendiam uma educação democrática, baseada nos princípios da Escola Nova. Ao sair do *Diário de Notícias*, foi contratada, sob a condição de não escrever sobre política, pelo jornal *A Nação*.

Em 1934, ela e seu marido inauguraram o Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco, a primeira biblioteca infantil do país, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, Cecília recebeu

um convite do governo português para difundir a cultura, a literatura e o folclore brasileiros naquele país em uma série de conferências nas cidades de Coimbra e Lisboa.

Em 1935, retornou ao Brasil e sofreu com o suicídio do marido. Cecília Meireles, responsável pela criação das três filhas, ampliou suas atividades profissionais: voltou a lecionar, escreveu sobre folclore no jornal *A Manhã*, fez crônicas para o *Correio Paulista* e dirigiu a revista *Travel in Brazil*, no Rio de Janeiro, mantendo ainda suas atividades no Pavilhão Mourisco.

O Centro de Cultura, entretanto, foi invadido, em 1937, pelo interventor do Distrito Federal, que apreendeu a obra *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, sob acusação de propagar o comunismo. Na sequência à invasão, o Centro de Cultura foi fechado pelo Estado Novo.

Cecília retornou à poesia em 1938 e no ano seguinte publicou o livro *Viagem*, que recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Foi a partir dessa publicação que Cecília atingiu maior reconhecimento e iniciou um novo período de sua produção literária.

Casou-se novamente em 1940, com Heitor Grillo, e passou a lecionar Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas. Em 1951, participou do I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio Grande do Sul. O interesse pela cultura popular brasileira fez com que viajasse para Açores (Portugal), França, Bélgica e Holanda para divulgá-la. Nesse período, escreveu *Doze noturnos da Holanda*.

Em 1953, Cecília Meireles publicou *Romanceiro da Inconfidência*, por muitos considerada sua obra-prima. A temática, de caráter histórico e nacionalista, remete o leitor à Conjuração Mineira (1789), primeira conspiração de caráter separatista da América portuguesa. Cecília associa o cenário histórico com tradições e lendas, recriando a atmosfera de Ouro Preto, a Vila Rica dos conjurados.

Cecília Meireles morreu, vítima de câncer, em 1964, quando ainda exercia uma ativa vida literária e publicava seu último livro, *Ou isto ou aquilo*.



Coleção Brasileira Itaú

Cecília Meireles. *Romanceiro da Inconfidência*.
Rio de Janeiro: Editora Livros de Portugal, 1953.

Bibliografia

Obras de Cecília Meireles:

MEIRELES, Cecília. *Obra poética ou obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.
_____. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 4 v.
_____. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Obras sobre Cecília Meireles:

GOUVEIA, Margarida Maia. Cecília Meireles: um percurso de espiritualidade. *Atlântida*, v. XLVI, 2001.
LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.
Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4694.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Páginas da internet:

Última entrevista de Cecília Meireles, ao jornalista Pedro Bloch.
Disponível em: <<http://www.revistabula.com/496-a-ultima-entrevista-de-cecilia-meireles/>>. Acesso em: 15 jun. 2014.
Cecília Meireles, Programa Alô Escola, TV Cultura. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/aloescola/literatura/ceciliameireles/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Porto Alegre, fevereiro de 2014.

Eu sei, amigo Florestan,

que pode parecer inverossímil aquilo que te irei contar, mas é a mais pura verdade.

Um governador de estado inaugurou uma escola construída no Padrão Século XXI, que custou quase 3 milhões⁶⁶ (sic). Pouco tempo após a pompa e circunstância da inauguração, um jovem aluno foi morto a tiro dentro dessa (dita) “escola-modelo”. Outro rapaz foi atingido por uma bala perdida e ficou ferido. A diretora disse que o *rapaz tinha comportamento normal e boas notas*. O porteiro do colégio prestou depoimento: “A Polícia Militar vem, ajuda, mas quando eles saem os marginais voltam”. Acrescentou que o colégio tinha encomendado câmeras de segurança e uma barreira de proteção em volta do prédio onde os alunos estudam. Que um serralheiro colocaria as placas em volta da escola, “mas, antes de ficar pronto, infelizmente aconteceu essa tragédia”, disse. E tranquilizou os intranquilos, dizendo: “A Polícia Militar ficará na porta da escola entre os próximos quinze a trinta dias, até que o projeto de segurança seja implantado”.

Um superintendente da Secretaria de Educação *averiguou as condições da infraestrutura de segurança* e, peremptoriamente, afirmou: “Um circuito de câmeras de monitoramento será instalado ao redor de toda a escola”. E a Polícia Militar, por sua vez, informou que faz rondas intermediárias nas escolas.

Porém, apesar de todas as garantias dadas por quem pode dá-las, poucos alunos apareceram na instituição na manhã seguinte. E uma mãe decidiu mesmo tirar o filho daquela escola, porque *se cansou de ouvir os relatos do menino, que afirmou ter testemunhado o uso de drogas no local*.

Culminando essa insana sequência de fatos, a escola, que era pública, se tornou uma instituição militar e já está cobrando 100 reais pela matrícula, 50 reais de mensalidade e cerca de 150 pelo uniforme⁶⁷. Segundo a Secretaria de Educação, algumas escolas estaduais vão passar a ser administradas pela Polícia Militar e, por isso, a PM pode cobrar pela matrícula e pela mensalidade.

Diz a minha amiga Ely que pais e governo comemoraram *o plano de recuperação da qualidade da escola*, através da colocação de policiais militares formados em pedagogia, *uma solução retrógrada, talvez inconstitucional e desnecessária*. Quanta ignorância a do pensar que se poderá acabar com a violência explícita com recurso à violência simbólica, numa escola-caserna! Ou que um ambiente castrense poderá gerar autonomia e disciplina.

Na minha propecta idade, eu estava crente de que já tinha visto tudo, mas estava imbuído daquele “engano de alma ledo e cego, que a fortuna não deixa durar muito”⁶⁸... Perplexo com tantas

⁶⁶ Trata-se de um projeto do governo do estado de Goiás, na gestão do governador Marconi Perillo, que determinou a construção de dezenas de escolas nesse padrão.

⁶⁷ Consultar a seguinte reportagem: Escola pública vira colégio militar e cobra por matrícula e mensalidade. Portal do jornal *Correio Brasiliense*, 10 jan. 2014. Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/01/10/interna_cidadesdf,407295/escola-publica-vira-colegio-militar-e-cobra-por-matricula-e-mensalidade.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2014.

⁶⁸ CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas* [1556]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16841>. Acesso em: 25 jun. 2014.

⁶⁹ Trata-se do Departamento de Ordem Política e Social. Criado durante a ditadura do Estado Novo (1937-45), também foi utilizado para perseguir opositores da ditadura militar (1964-85).

⁷⁰ Vladimir Herzog (1937-75) era jornalista e militante do Partido Comunista Brasileiro. Foi assassinado na sede do Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo, durante a ditadura militar.

⁷¹ PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Europa-América, 1988. p. 73.

O BRASIL PADECE DE UM ENORME DÉFICIT DEMOCRÁTICO E DE CULTURA CÍVICA.

besteiras, iria juntá-las ao balde do lixo do computador. Eis senão quando este português cioso da sua herança cultural encontrou uma razão para reagir – a ocupação das escolas pela PM começará no Colégio... Fernando Pessoa. Por que não deixam o poeta em sossego, no seu repouso eterno? Por que se calam os educadores perante aberrações? Por que se permite que a poesia e a pedagogia sejam vilipendiadas?

Quando outro Fernando, o de Azevedo, teimava em te acompanhar ao Dops⁶⁹, sabia que, dado teu sentido de dignidade, poderias sofrer o mesmo destino do Herzog⁷⁰. Mas, embora bem relacionado com os generais, ele não conseguiu evitar que fosses cassado pelo regime militar e preso. Valeu a pena? Diria o Fernando poeta que “tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”⁷¹. E o que não vale a pena é perder o dom da indignação.

Como deputado federal, bateste-te pela escola única, que integrasse a dispersão cartesiana, que ainda hoje se mantém, bem como pela autonomia das escolas, que também apenas tem expressão na timidez de um Artigo 15 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lamento que a morte tenha te impedido de votar a lei e que o Darcy e poucos mais tenham levantado a tua bandeira com as cedências que nós bem conhecemos e que deram aos legalistas e burocratas argumento para adiar até os dias de hoje a concretização de justas disposições.

Malgrado os avanços que a lei consentiu, a escola brasileira continua imersa em contradições, dividida entre uma escola dos deserdados e uma escola de pseudoelites. Mas anima-te, amigo, que chegaram tempos novos. Encontro educadores que fazem das suas escolas instrumentos de emancipação, para que o povo educado não mais aceite as condições de miséria e desemprego como as que temos. Nas tuas palavras está contido o drama que a herança escravagista e colonialista perpetua, de manter a maioria da população culturalmente alienada e afastada das decisões políticas. O Brasil padece de um enorme déficit democrático e de cultura cívica. E as escolas que ainda temos para tal contribuem. Compreendo, pois, a tua crítica da prática em sala de aula, da concepção do professor como transmissor do saber, e da hierarquização da gestão e dos saberes.

A tua origem humilde moldou o teu carácter. Foste filho de mãe imigrante e analfabeta, começaste a trabalhar como engraxate aos 6 anos de idade, foste forçado a abandonar a escola aos 9 anos, fizeste as primeiras aprendizagens sociológicas na escola da vida. Mas não deixaste de acreditar que a educação pode ser uma experiência transformadora e que as escolas devem formar um sistema comunitário. Que os educadores brasileiros se orgulhem do teu exemplo e se oponham a políticas públicas pedagogicamente desastrosas. Que sejam aquilo que disseste dever ser um professor: um cidadão e um ser humano rebelde. ✉

Biografia

Florestan Fernandes

Florestan Fernandes nasceu em São Paulo, em julho de 1920. De origem pobre, conheceu desde cedo dificuldades tremendas em razão dessa condição. Foi criado na casa dos patrões de sua mãe, empregada doméstica e analfabeta. Devido às necessidades de sua família, começou a trabalhar aos 6 anos de idade e, aos 9, abandona a escola, dedicando-se exclusivamente às funções de engraxate, alfaiate, auxiliar de marceneiro, balconista e auxiliar de barbeiro.

Aos 17 anos, no entanto, chamava atenção por seus comentários sobre as questões políticas do país e sua refinada visão de mundo, sendo estimulado pelos clientes do bar onde trabalhava como garçom a retomar seus estudos. cursou o ensino supletivo e, aos 18 anos, foi aceito na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), formando-se em Ciências Sociais, para se tornar um dos maiores sociólogos do país.

Na universidade, aproxima-se de movimentos de esquerda, tomando contato com a ideologia socialista, que influenciaria, de maneira marcante, sua postura e legado. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores e exerceu o cargo de deputado federal por dois mandatos consecutivos, entre os anos de 1987 e 1995.

Em âmbito acadêmico, publicou mais de cinquenta obras, lecionando em universidades de renome, seja no Brasil, seja no exterior, tendo passado pela USP, pela Pontifícia Univer-

sidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pelas universidades Columbia e Yale, nos Estados Unidos, e pela Universidade de Toronto, no Canadá.

O nome de Florestan Fernandes é muito associado aos trabalhos que desenvolveu na área da educação. Criticava a pedagogia tradicional, que para ele dava origem a educadores pouco preocupados e engajados com a questão social de seus alunos e a transformação da sociedade. Via na educação gratuita a única forma de alavancar o país e alcançar a democracia, cabendo ao governo não só fornecer e fiscalizar o ensino, mas promover uma transformação nas técnicas e métodos pedagógicos a fim de fazer da educação uma arma democraticamente emancipatória.

Caberia ao Estado, portanto, garantir o direito ao ensino, principalmente às camadas mais baixas da sociedade, dando oportunidade aos excluídos que o sistema produzia. Florestan Fernandes via a educação brasileira como uma questão social, e esta era afetada pelos demais problemas que a circundavam. Por isso, lutava pela universalização de oportunidades e pela desconstrução da visão do homem como objeto.

Florestan Fernandes morreu em agosto de 1995, aos 75 anos. Enfrentou seus problemas de saúde da mesma forma que o fez com a ditadura militar (1964-85), com altivez e coerência de princípios, que podem ter lhe custado a vida.



Wilson Melo/Folhapress

Florestan Fernandes, sociólogo e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, durante passeata de estudantes em apoio à greve de docentes e funcionários do ensino público, em São Paulo-SP. 25/10/1988.

Bibliografia

Obras de Florestan Fernandes:

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. *A universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

_____. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.

Obras sobre Florestan Fernandes:

IANNI, Octavio. *Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.

Páginas da internet:

O pensamento de Florestan Fernandes. Debate na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NjGVnOZrlfc>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

Florestan Fernandes. Documentário, TV Câmara.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4nP9G3wbnnk>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Corumbá, março de 2014.

Quem se recordará, querida **Maria**,

das tuas precursoras classes experimentais da cidade de Socorro, sementes dos Ginásios Vocacionais? Em boa hora o Luciano⁷² se apercebeu do valor desse projeto e te convidou para participar da comissão de educadores que, nos idos de 1960, concebeu um projeto de comunidade. Com coragem e competência desempenhaste o cargo de coordenadora. E os Ginásios Vocacionais foram o último assomo de renovação pedagógica antes de tempos sombrios.

O amigo Lauro afirmou que o Vocacional foi a experiência mais significativa na educação pública brasileira até a década de 1970. Em São Paulo, Americana e Batatais, a integração curricular, a pesquisa e os projetos de intervenção na comunidade eram o dia a dia dos teus ginásios. A arte, a economia doméstica, as práticas agrícolas, o trabalho em grupo-equipe, os estudos sociais eram parte de um currículo integrado de escola comunitária. A prática da autoavaliação e a substituição das notas por conceitos geraram a rejeição de múmias acadêmicas.

Em São Paulo, o teu curso noturno criou oportunidades para jovens trabalhadores do bairro, a quem a escola tradicional havia negado conhecimento. Na base da construção do currículo, a realidade social, escolas à medida das características culturais e socioeconômicas da localidade, a parceria com outras instituições, partilhando responsabilidade social no contexto de uma comunidade de aprendizagem. Uma proposta assim, revolucionária, estava condenada às pressões do governo e à repressão do regime militar. Nem uma década durou. Resististe à crise de 1965, quando negaste a matrícula ao “jeitinho brasileiro” de um filho de funcionário de confiança do secretário de Educação. Demitida que foste, a mobilização de professores, funcionários e pais de alunos, em assembleias na capital e no interior, forçaram o governo reconduzir-te ao cargo de coordenadora. Porém, o AI-5 impôs limitações que tu contrariaste por seres herdeira do legado do teu mestre e amigo Florestan. A consequência foi a invasão policial e militar de todos os Ginásios Vocacionais, a tua prisão e a dos teus companheiros.

A ditadura impôs a tua aposentadoria, crente de que te impediriam de agir. Juntamente com alguns companheiros, também perseguidos pelo regime militar, fundaste uma assessoria de projetos, pesquisa e planejamento de ação comunitária e educacional, interveniente na defesa dos direitos humanos e dos perseguidos políticos do regime militar. Voltaste à prisão... Quem, hoje, visitar os extintos Ginásios Vocacionais verá jardins e espaços livres substituídos por muros e estacionamentos de carros, e as janelas ornadas de grades com cadeados, a habitual incúria dos governantes.

⁷² Luciano Carvalho foi secretário estadual de Educação e Cultura durante o governo paulista de Carvalho Pinto (1959-63).

CONTINUAMOS
À MERCÊ DAS
DIATRIBES
DE PÉSSIMOS
GOVERNANTES,
A EDUCAÇÃO
CONTINUA A SER
MALTRATADA.

Pouco, ou mesmo nada, mudou, desde então. Continuamos à mercê das diatribes de péssimos governantes, a educação continua a ser maltratada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional diz-nos que a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Também diz ser dever do Estado garantir a educação de todos os brasileiros. Quanto tempo mais demorarão os professores, as escolas e os gestores do sistema de educação a compreender que a escola que temos não consegue atingir tais desideratos? Quanto tempo decorrerá até se aperceberem da necessidade de assumir múltiplas e urgentes medidas? Até interpelar o modelo hierárquico de relação, propiciando uma relação comunicativa, de conceder dignidade ao exercício da profissão de educador, formalizando termos de autonomia com as escolas.

Mantendo um obsoleto modelo de ensino, as escolas constituem-se em obstáculos ao desenvolvimento humano, pararam no tempo, ignorando que os contributos das neurociências e a emergência da Web 2.0 (hei de enviar-te outra carta, para te pôr a par de prodigiosas criações) prefiguram mais do que uma revolução tecnológica: uma revolução social e cultural. Do consumo de conteúdo, talvez passemos à fruição e à produção crítica de informação, gerando embriões de uma democracia digital solidária. As escolas e as novas tecnologias poderão estar a serviço da humanização da escola, da pessoa e de um desenvolvimento humano sustentável. Cabe considerar a necessidade de se estabelecer uma relação com a tecnologia que não substitua os espaços dos afetos, das relações onde se estabelece o sentido de humanidade.

Esta missiva, saudosa amiga, já vai longa, resta concluir. Na década de 1970, já professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), implantaste um programa para mulheres de baixa renda nas favelas da cidade. Essa e outras iniciativas dotaram-te de uma formação experiencial que desembocou numa extraordinária tese de doutorado, merecedora de atenção no século XXI, que já não viste nascer. A morte te levou em 1999, mas ainda viveste o suficiente para escutar a confissão do nosso amigo Darcy:

Fracasei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracasei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracasei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu⁷³.

Também escutaste o seu repto: “Tudo o que eu não consegui fazer ficam vocês encarregados de realizar. Mas façam!”⁷⁴. Se o câncer nos roubou esse ser iluminado prematuramente, a morte também não te permitiu dar resposta ao seu desafio. Crê que outros o farão por ti, por vós. Em comunidade. ✉

⁷³ Fala de Darcy Ribeiro reproduzida em *Grandes Personagens: Darcy Ribeiro*, TV Senado, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x13RSwIwudU>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

⁷⁴ Entrevista de Darcy Ribeiro reproduzida em *Grandes Personagens: Darcy Ribeiro*, TV Senado, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x13RSwIwudU>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Biografia

Maria Nilde Mascellani

Maria Nilde Mascellani nasceu na capital paulista, em abril de 1931. Filha de família de imigrantes italianos e austríacos, teve três irmãos e estudou no Colégio Padre Anchieta, no bairro operário e imigrante do Brás, em São Paulo. Na sua adolescência começaram os primeiros sinais da doença que atormentaria a vida toda: um reumatismo deformante que lhe causava dificuldades para caminhar e dores que exigiam altas doses de analgésicos.

Terminado o ginásio, seguiu sua formação no chamado Curso Normal, tornando-se professora primária e estudante de Pedagogia na Universidade de São Paulo (USP), onde foi aluna e tornou-se amiga do sociólogo Florestan Fernandes.

Lecionando em diversas escolas de São Paulo, em 1959 se desloca para a cidade de Socorro, onde, em conjunto com outros professores, inicia um projeto experimental inspirado na Escola de Sèvres (França), que pregava a formação de alunos críticos e atuantes, envolvidos com sua própria formação.

O projeto experimental chamou a atenção do novo secretário de Educação e Cultura de São Paulo à época, Luciano Carvalho, que convocou esse grupo e outros educadores para pensarem um projeto de educação inovador para o estado. Surgiu então, em 1961, o Serviço de Ensino Vocacional, liderado por Maria Nilde.

O projeto pretendia se dedicar à vocação e aos interesses dos alunos, que deveriam ser agentes ativos da sua própria aprendizagem. Além disso, a escola deveria se transformar num espaço da comunidade e ajudar na realização de suas aspirações. Foram criadas escolas com essas características em São Paulo, Americana e Batatais, e mais tarde em Rio Claro, Barretos e São Caetano do Sul. Entretanto, o Vocacional teve vida curta. Em 1969, perseguido pela ditadura, o projeto foi encerrado à força e muitos professores, funcionários e alunos foram presos. Maria Nilde foi aposentada compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5.

Ela então se engajou, em conjunto com outros companheiros perseguidos pelo regime militar, no Projeto Renov, que propunha a elaboração de ações e projetos comunitários e educacionais para a defesa dos direitos humanos, especialmente dos perseguidos pelo governo ditatorial. Mas em 1974 a sede do Renov foi invadida pela Polícia Militar e seus idealizadores foram novamente presos.

Depois de liberada do cárcere, Maria Nilde tornou-se professora da PUC-SP e coordenou diversos projetos em um Centro Educacional criado por ela, voltado especialmente para a educação popular. Em 1995, convidada pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), liderou a elaboração de um projeto de educação e profissionalização de trabalhadores em São Paulo. Desse projeto surgiu a sua tese de doutoramento, defendida meses antes de sua morte, em dezembro de 1999, em razão de um infarto fulminante.



Olhar Imaginário

Cartaz do documentário *Vocacional*.

Direção: Toni Venturi.

Roteiro: Sílvia Lohn, Toni Venturi e Vitor Alves Lopes.

Bibliografia

Obras de Maria Nilde Mascellani:

MASCELLANI, Maria Nilde. *Algumas relações entre desenvolvimento e educação*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. *Uma pedagogia para o trabalhador: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados*. São Paulo: IIEP, 2010.

Disponível em: <<http://www.iiep.org.br/sistema/arquivos/docs/pedagogia.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Obra sobre Maria Nilde Mascellani:

TAMBERLINI, Angela R. M. de Barros. *Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.

Páginas da internet:

Vocacional, uma aventura humana. Documentário de Toni Venturi, 2011.

Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/oB5FQnWvmgvsFWk1obzd2MoNONmM/edit?pli=1>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Serviço de Ensino Público Vocacional do Estado de São Paulo e os Ginásios Vocacionais. Memórias da Educação, Cedic, PUC-SP.

Disponível em: <http://www.pucsp.br/cedic/memoria_educacao/root/apresentacao.html>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Vitória, março de 2014.

Querido José,

⁷⁵ José de Anchieta foi canonizado pela Igreja Católica Apostólica Romana no dia 3 de abril de 2014.

⁷⁶ Refere-se ao também jesuíta Manuel da Nóbrega.

⁷⁷ Essa rota é atualmente conhecida como “Caminho de Anchieta”. Trata-se de uma trilha litorânea entre Iiritiba e a ilha de Vitória, no atual estado do Espírito Santo. Anchieta caminhava esses pouco mais de 100 quilômetros com pequenas paradas para pregação e repouso.

ao que parece, querem canonizar-te no próximo abril⁷⁵. E um dos bispos que pugna pela tua elevação aos altares disse que a paz só pode começar quando conseguirmos ver no outro um irmão igual a nós. Também tu o disseste, de tantos modos, tantas vezes, mas não te escutaram. Talvez tenha chegado o tempo de os educadores serem sensíveis à necessidade da escuta. E de perguntar como poderemos aspirar a um Brasil fraterno e justo, por via da educação. É verdade, José, decorridos séculos sobre os teus apelos, já há gente que escuta, acredita e faz. Não esperarias que eu te desse boas notícias, certamente. Mas já encontramos alguns educadores atentos, entre a imensa massa de distraídos, aos quais as difíceis condições do exercício da profissão retiram o discernimento.

Vieste na armada do Duarte Góis e acolheste o pedido do Manuel⁷⁶, a incumbência da construção do colégio, onde compuseste a primeira gramática de língua tupi. E ao redor do qual, no planalto de Piratininga, fundaste um povoado a que deste o nome de São Paulo, embrião de uma megalópole onde a educação nega o espírito do colégio original.

Séculos após as tuas missionárias labutas, um educador de nome Freire em vão tentou modificar a educação, que ainda hoje se faz, por acreditar nos seres vivos e na sua capacidade de transcendência, dizendo que a educação pode mudar as pessoas e que, transformadas, as pessoas podem mudar a sociedade. Isso eu tenho testemunhado nos meus périplos pelo Brasil. Basta que três professores se organizem numa equipe de projeto. É condição suficiente que uma comunidade se constitua a partir desse gesto inicial, uma comunidade gérmen de novas comunidades. Conheço mais de cem delas. Haverá mais... Dirás que são coisa pouca em face do gigantismo deste país, mas eu alego que as grandes caminhadas começam pelo primeiro passo... Há educadores que, finalmente, dão forma a novas construções sociais, a um verdadeiro Novo Mundo, sobre os destroços de um mundo velho.

Deixaste fortes marcas sobre a terra. Tantas que me levam a dar-te conhecimento de um fato bem original: o teu hábito de caminhar entre Iiritiba e a ilha de Vitória deu origem a uma trilha turística comparável à da Estrada de Santiago. Ainda te recordas das tuas deambulações por Guarapari, Setiba, Ponta da Fruta e Jucu? Esse percurso de cerca de 100 quilômetros é percorrido a pé por turistas e peregrinos⁷⁷...

Foi louvável o teu afã em defender os indígenas dos abusos dos colonizadores, que os escravizavam e lhes roubavam mulheres e filhos. E, nesse lugar etéreo, estarás, certamente, atento

VÊS O QUE
NESTE VALE
DE LÁGRIMAS
ACONTECE,
DETECTAS
VESTÍGIOS DE
ESCRAVAGISMO,
INJUSTIÇAS
VÁRIAS.

à continuação dos abusos e ao que o povo pede nas ruas da São Paulo que ajudaste a fundar. Vês o que neste vale de lágrimas acontece, detectas vestígios de escravagismo, injustiças várias. Nada que não tenhas visto no tempo que te foi dado viver, ranço de velhas práticas sociais, que negam o direito à diversidade, que não reconhecem que uma comunidade quilombola é diferente de uma comunidade caiçara, de uma comunidade urbana, ou de uma rural. Também verás, certamente, alternativas, projetos com origem em sonhos, desejos, novas concepções de pessoa e de sociedade, protagonizados por gente que transforma a sua realidade, consciente de que aquilo que se aprende dentro de uma escola se pode aprender fora dela. Com ela, ou sem ela, embora eu prefira com ela...

Comunidades de aprendizagem, enquanto práxis comunitárias assentes num modelo educacional gerador de desenvolvimento sustentável, podem assumir formas inacessíveis no tempo que te foi dado viver. Mas é idêntica a busca por uma comunidade “sábia e feliz”, que seja sustentável e conhecedora de seus direitos, deveres e possibilidades, conhecedora também de seus pontos fracos e promotora das soluções para seus problemas.

Uma comunidade sábia e feliz é aquela que privilegia um modelo autossustentável em todos os sentidos: ambiental, econômico e político. Estou ciente de que já percebeste que estou a descrever uma práxis... Com a execução de um “mapeamento participativo” (numa outra carta, te explicarei o que é o Google Maps), serão identificados “pontos de aprendizagem” e poderão ser criadas algumas “pontes digitais”. Alguns espaços especialmente identificados na comunidade poderão dispor de bibliotecas comunitárias e de um sistema digital integrado, ampliando as ações e os espaços de intervenção, possibilitando permutas de informação, geração de conhecimento, intensificando a comunicação.

O espírito de vizinhança, que tanto fomentaste, e hoje está tão esquecido, convida à convivência pacífica e salutar, e deve ser objetivo constante, pois traz como consequência um ambiente propício para se tratar das questões que envolvem o equilíbrio da comunidade. A permanência das crianças junto das suas casas e vizinhanças, acompanhada de um monitor, de educadores, familiares, permite não só o conhecimento profundo das questões que a envolvem, mas aponta para as ações que estimulam a comunidade a participar de decisões, em busca do modo melhor para se viver. É necessário que “todos” cuidem de cada criança da comunidade. E, para isso, é preciso construir essa cultura, dado que o “bem viver” é ao mesmo tempo mola propulsora e objeto de qualquer projeto.

Tu, que ajudaste a fundar cidades, auxilia-nos nessa missão, ajuda a concretizar inadiáveis projetos de que o Brasil carece. ✉

Biografia

José de Anchieta

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, em San Cristóbal de La Laguna, ilhas Canárias, Espanha. Vindo de uma família influente, era filho de Juan López de Anchieta, importante opositor político do imperador Carlos V. Estudou Filosofia na Universidade de Coimbra, em Portugal, tendo contato com a ordem jesuíta e ingressando na Companhia de Jesus, em maio de 1551. Ainda que seu desejo inicial fosse seguir em missão ao Oriente, é enviado por Inácio de Loyola para Salvador, a fim de auxiliar os demais companheiros de ordem que lá trabalhavam, entre eles Manuel da Nóbrega.

Com apenas 19 anos e saúde frágil, José de Anchieta desembarca no Brasil em julho de 1553. Após um breve período de adaptação em Salvador, segue para Piratininga ao lado de Manuel da Nóbrega, onde, em 25 de janeiro de 1554, dia de São Paulo, fundam a vila que daria origem à megalópole homônima do apóstolo.

Nos anos seguintes, desenvolveu um importante trabalho no colégio jesuíta de São Paulo, ensinando Língua Portuguesa aos filhos dos colonos e também aos indígenas. Destacou-se em seu trabalho como educador por tentar compreender os costumes e a cultura dos nativos e reconhecer sua importância no processo de catequização e apreensão da moral cristã. Consciente da importância da comunicação para as relações humanas, aprendeu tupi

e organizou a primeira gramática do idioma indígena. Na língua dos índios, celebrou missas e escreveu uma série de peças de teatro e hinos. Além disso, traduziu obras cristãs do espanhol, do português e do latim, para auxiliar no trabalho de catequização dos nativos.

Acompanhando o padre Manuel da Nóbrega, auxiliou nas negociações de paz com os índios tamoios, que realizavam ataques constantes às colônias de São Vicente, no ano de 1563, entregando-se voluntariamente como refém por mais de seis meses.

Exímio observador, destacou-se por suas cartas e relatos aos superiores da Companhia de Jesus. Produziu uma gama de documentos históricos, descrevendo os hábitos e a cultura dos nativos em todas as suas peculiaridades, além de muitas anotações sobre o clima, a fauna, a flora e a geografia brasileiros. Tal acervo confere a Anchieta o posto de um dos primeiros etnógrafos e naturalistas de que se tem notícia no Brasil.

Ele faleceu no dia 9 de junho de 1597, na região onde hoje é o estado do Espírito Santo, tendo sido canonizado pelo papa Francisco, em abril de 2014, são José de Anchieta.



Candido Portinari. Padre Anchieta.

Sem data [1954]. Óleo sobre tela.
Ilustração para a capa da revista *O Cruzeiro*.

Coleção particular, RJ. Reprodução autorizada por João Candido Portinari

Bibliografia

Obras de José de Anchieta:

ANCHIETA, José de. *A conversão de São Paulo*: importante sermão [1568]. São Paulo: Oficinas Salesianas, 1893.
Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00060700#page/4/mode/1up>>. Acesso em: 16 jun. 2014.
_____. *Cartas jesuíticas III*: informações, fragmentos históricos e sermões de José de Anchieta. Rio de Janeiro: A. Peixoto, 1933.

Obras sobre José de Anchieta:

GREGORIANA, Analecta. *As letras e a cruz*: pedagogia da fé e a estética religiosa na experiência missionária de José de Anchieta (1534-1597). Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2006.
VIOTTI, Hélio Abranches. *Anchieta: o apóstolo do Brasil*. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.

Páginas da internet:

Pátio do Colégio, cartão-postal da cidade de São Paulo.
Disponível em: <<http://www.pateocollegio.com.br/newsite/conteudo.asp>>. Acesso em: 7 jun. 2014.
José de Anchieta – O Abaré. Programa Alô Escola, TV Cultura.
Disponível em: <<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/historia/anchieta/anchieta2.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

Sacramento, março de 2014.

Sábio e inspirador Eurípedes,

E, JÁ DESDE
A SEGUNDA
METADE DO
SÉCULO XIX,
HAVIA DEBATES
EM TORNO DA
IMPORTÂNCIA
DA MUDANÇA
NA EDUCAÇÃO.

os últimos são os primeiros... E esta derradeira carta pretende ser a primeira de muitas reflexões que recoloquem as comunidades de aprendizagem no centro do debate educacional. E um convite a que outros aprofundem o conceito e promovam práticas coerentes. Tal como tu o fizeste, quando, em 1907, deste forma à letra de um decreto que determinava uma ampla reforma na educação mineira e concretizaste uma educação integral numa escola ativa.

Fica sabendo, meu amigo, que as discussões pedagógicas da tua época são as mesmas da época que nos coube viver. E, já desde a segunda metade do século XIX, havia debates em torno da importância da mudança na educação. O Rui Barbosa mostrou-se empenhado num projeto de modernização do país, propôs um sistema nacional de educação, desde o jardim da infância até a universidade. E defendia uma reestruturação completa do ensino, desde métodos até a construção de prédios. As influências da época – a humanista, a realista-científica, a positivista, as marginalizadas propostas anarcossocialistas, a gênese do escolanovismo – se mantêm atuais e cada qual, a seu modo, tem como objetivo uma educação integral, o desenvolvimento simultâneo de aspectos morais, intelectuais, físicos, espirituais, o respeito pelo pleno desenvolvimento da pessoa, a abolição de castigos e recompensas, a valorização da infância, outra formação de professores. Em 1904, o jornal *A Gazeta* comentava reformas na educação: “A habilitação do professor vale mais que os pomposos programas oficiais, que atualmente fazem o orgulho dos docentes e a ignorância dos meninos”. E questionava: “Que remédios sociais podem ser apresentados como mais eficazes e prontos para dar-se um enérgico combate ao analfabetismo no Brasil?”. Já lá vão 110 anos...

Preocupavas-te com os desfavorecidos, amigo Eurípedes, e a tua proposta de educação só poderia ter por sina a contestação daqueles a quem interessa manter um sistema iníquo. Já percebeste que foram banidos da história oficial da educação todos os projetos que, como o teu, visavam libertar o povo de amarras neocolonialistas? O dogmatismo ideológico não consente veleidades e a história da educação tem sido feita de martírios silenciados. Alcunharam de elitista o teu labor pedagógico, só porque recorrias a métodos dinâmicos de aprendizagem, os teus alunos praticavam observação e pesquisa na cidade e na natureza, porque havias abolido castigos e exames, num relacionamento baseado no diálogo, ao contrário dos moldes pedagógicos vigentes na época. Foste o Pestalozzi do Brasil. Acreditavas que a escola poderia ser o agente transformador da sociedade.

Sinto gratidão pela tua ação extraordinária. Nos depoimentos dos teus alunos, apercebemo-nos de que transformaste a escola, a partir de um novo conceito de criança e de aprendizagem, da modificação do papel do professor, da reconfiguração dos tempos e espaços pedagógicos, da reorganização escolar, da reelaboração cultural, que antecedeu em mais de cem anos a elaboração do conceito de comunidade de aprendizagem.

Mobilizavas a comunidade para que ajudasse as famílias das crianças mais carentes a ir à escola. Havia muitas crianças negras matriculadas e vários professores negros compunham o quadro de professores da tua escola, num tempo em que os discursos racistas, com influências eugenistas, eram comuns e os negros eram marginalizados. Não tinhas condições financeiras para pagar salários e os teus professores eram voluntários da comunidade. Não recorrias a provas, exames ou classificações. Há mais de cem anos, já praticavas aquilo que, nos dias de hoje, se designa como *progressão continuada*. Providenciaste a derrubada de paredes e daquelas que são internas, promovendo debates semanais. No teu colégio, os alunos praticavam astronomia, o estudo da (e na) natureza, em *aulas-passeios*, muito antes de Freinet. No ano em que desencarnaste, escrevia o teu aluno Germano: “Conversávamos, estudávamos bons livros e admirávamos a natureza, admirávamos o voo dos insetos, o cantar dos pássaros e de preferência de um sabiá de laranjeira, que vinha pousar nos galhos baixos das árvores e encher o ar com sua melodia, esse era o predileto do professor”⁷⁸.

Os dias de apresentações de teatro eram dias de festa. Os alunos confeccionavam belos cenários e toda a comunidade participava. Incentivavas a participação dos alunos em ações sociais e os jovens aprendiam a moral na prática comunitária, aprendiam a pensar e a questionar, como nos diz a Corina: “Eurípedes não queria alunos que obedecessem cegamente, mas que aprendessem a criticar, a questionar e a pensar”⁷⁹.

Ansiavas por uma escola gratuita, acessível a toda a comunidade, rompendo com a ideia de um aluno passivo diante do conhecimento e submisso a uma disciplina rígida. Substituíste o ensino verbalista pela arte de observar e apreender o mundo e foste audaz, quando tentaste coeducar. “Onde já se vira moços e moças juntos?”, questionavam clérigos e barões. E a imprensa da época, controlada pelos poderosos, não deu tréguas ao teu intento, que somente viria a concretizar-se, três décadas decorridas, na gestão do Capanema⁸⁰. Já havias desencarnado, no fatídico 1918 em que a febre amarela ceifou milhares de vidas no Triângulo Mineiro. Restaram os teus discípulos. O teu aluno Tomás viria a ser professor do Roberto Crema. Como vês, foi terreno fértil aquele que desbravaste em Sacramento. Como vês, temos motivos para ser esperançosos. ✉

⁷⁸ RIZZINI, Jorge. *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade*. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979.

⁷⁹ NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o homem e a missão*. Araras: IDE, 1997.

⁸⁰ Refere-se ao mineiro Gustavo Capanema Filho (1900-85), que exerceu o cargo de ministro da Educação e Saúde entre 1934 e 1945, instituindo um amplo projeto de criação de um sistema nacional de educação e saúde.

Biografia

Eurípedes Barsanulfo

Eurípedes Barsanulfo nasceu em maio de 1880, na pequena cidade mineira de Sacramento. Na escola, já se destacava como um aluno diferenciado, que ajudava os professores e, especialmente, os colegas de turma no processo de aprendizagem.

Dedicado e solidário desde criança, ajudou o pai no trabalho como guarda-livros e, em seguida, em diversas atividades para obter renda e ajudar a família. No entanto, nunca deixou de se dedicar aos estudos e ao aprendizado. Por isso, em 1902, criou com um grupo de amigos o Liceu Sacramento, onde lecionava. Com alguns dos seus alunos, criou também a Sociedade dos Amiguinhos dos Pobres, que prestava auxílio aos necessitados da sua cidade natal.

Ajudou, ainda, na fundação do jornal *Gazeta de Sacramento*, que, com circulação semanal, publicava seus artigos, que versavam, principalmente, sobre economia, literatura, filosofia, entre outros assuntos. Barsanulfo foi um autodidata que estudou sobre diversos assuntos, destacando-se os seus conhecimentos sobre astronomia.

Em função da popularidade adquirida na cidade por conta do seu trabalho na educação, no jornalismo e na assistência social, foi eleito vereador, exercendo dois mandatos dedicados à garantia de bem-estar social à população da cidade.

Católico atuante, Eurípedes tomou contato com a religião espírita por intermédio de um tio, em 1903. A partir daquele momento, passou a estudar a doutrina religiosa e

a se envolver com ela, deixando totalmente o catolicismo e tornando-se um espírita de atuação destacada, inclusive na prática da chamada mediunidade, associada especialmente à cura de doenças.

A sua nova fé influenciou também sua atuação na educação. Em 1907, ele criou o Colégio Allan Kardec, onde os alunos, além das disciplinas curriculares, recebiam aulas de Evangelho, Moral e Astronomia. Além de diretor do colégio, Barsanulfo lecionava com paixão e dedicação extremas, exercendo grande influência sobre seus alunos.

Em função de suas atividades educacionais heterodoxas e de cura segundo o espiritismo, foi perseguido por membros do clero, tendo de responder a um processo por prática ilegal da medicina, mas acabou absolvido.

Acometido pela gripe espanhola em 1918, Eurípedes Barsanulfo faleceu em novembro daquele ano, ainda muito jovem, com apenas 38 anos de idade.



Escola Eurípedes Barsanulfo, Sacramento-MG

Retrato de Eurípedes Barsanulfo.

Anônimo. Sem data.

Eurípedes Barsanulfo com a turma do colégio em 1913.

Fotógrafo desconhecido.



Escola Eurípedes Barsanulfo, Sacramento-MG

Bibliografia

Obras sobre Eurípedes Barsanulfo:

BIGHETO, Alessandro Cesar. *Eurípedes Barsanulfo: um educador de vanguarda na Primeira República*.

Bragança Paulista: Comenius, 2007.

NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o homem e a missão*. Araras: IDE, 1997.

RIZZINI, Jorge. *Eurípedes Barsanulfo: o apóstolo da caridade*. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1979.

Páginas da internet:

Eurípedes Barsanulfo: educador e médium. Documentário.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y96W13lGxQE>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

Grupo de Assistência Espiritual Eurípedes Barsanulfo.

Disponível em: <<http://www.gaeeb.org.br/site/?action=Home>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Está crescendo em muitos lugares do Brasil o movimento das comunidades de aprendizagem. Cada vez mais temos certeza de que neste mundo encharcado de informações que chegam como enxurrada em nossas casas, escolas, trabalho, igrejas, ruas precisamos e queremos um novo conceito de escola.

Que não pode ser mais a escola transmissivista e conteudista do século passado, mas uma escola que encante o aprender, o saber, o entender. Onde as crianças entendam o mundo e se entendam no mundo.

E, se o conhecimento transborda os muros da escola, se antes a escola transmitia informações, hoje ela deve formar crianças e jovens que saibam entender, interpretar, eleger, descartar, criticar. Tudo isso é muito difícil, demanda uma nova formação dos professores, novas concepções de currículo, e principalmente um diálogo forte e consistente entre a escola e a comunidade que a acolhe.

Conhecer o lugar, o território, saber que aquele lugar tem histórias, culturas, ritos e comemorações que explicam quem somos e por que somos assim. Quando o projeto pedagógico da escola entende que não se aprende apenas na sala de aula, mas que todo o espaço escolar, o bairro, a cidade, o país, o mundo são espaços de conhecer e se saber parte dele, a sensação de pertencimento fortalece a criança e o jovem.

A escola que se entende parte da comunidade e nunca “à parte dela” será um território de trocas, saberes e festejos, que, coordenados e orientados pelos profissionais da

educação, darão a todas as crianças e jovens, estudantes brasileiros, a oportunidade e a possibilidade de um percurso escolar de sucesso, sem interrupções e exclusões.

Os movimentos sociais mais organizados têm acelerado esse processo de mudanças, o poder público mais sensível e/ou mais pressionado tem respondido com políticas que permitem a inclusão de todos e a autonomia de escolas e sistemas para proporem novos desenhos escolares.

Não são movimentos novos ou que surgiram “ontem”. Muitos brasileiros pensadores e educadores escreveram e deixaram um forte legado de ideias e propostas, que repercutem nesses avanços.

Diferentes cidades brasileiras apresentam atualmente experiências de escolas que dialogam com a cidade, que conhecem e respeitam as culturas dos seus alunos e que apontam caminhos novos para uma escola democrática e inclusiva.

Os grandes educadores brasileiros¹ não foram esquecidos e suas lições estão em muitos projetos e programas contemporâneos. Anísio Teixeira está presente nas escolas de educação integral (Belo Horizonte, Curitiba, Sobral, Lucas do Rio Verde e muitas outras) e no programa Mais Educação, do governo federal; Paulo Freire é fonte de inspiração para o CPCD do grande Tião Rocha, a escola CIEJA Campo Limpo na cidade de São Paulo, o projeto Araribá de Ubatuba. Darcy

¹ Coleção do MEC sobre os educadores, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&noautor=&co_categoria=133&pagina=1&select_action=Submit&co_midia>. Acesso em: 8 ago. 2014.

Ribeiro aparece forte nos Centros Educacionais Unificados (CEUs) de São Bernardo do Campo e São Paulo. São muitas experiências inovadoras, que se integram na comunidade e apontam novos formatos e possibilidades.

E João Batista Freire define lindamente o que é uma comunidade de aprendizagem, quando fala das ruas e das crianças:

*Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua.
Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas.
É perigosa, dizem: violência, drogas...
E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano?
De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos?
Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua
às crianças ou devolver as crianças às ruas;
ficariam, ambas, muito alegres².*

Maria do Pilar Lacerda
Diretora da Fundação SM Brasil

² FREIRE, João Batista. Pelo corpo também se aprende a ler. *Jornal do Professor de 1º Grau*, Brasília, Ministério da Educação - INEP, ano IV, n. 13, p. 3, mar. 1989.

CAROS EDUCADORES,

A obra *Aprender em comunidade*, de José Pacheco, que a SM tem o prazer de oferecer aos professores brasileiros, representa, na forma e no conteúdo, a essência dos princípios e ideais que norteiam nosso trabalho há setenta anos.

Na forma, porque José Pacheco faz sempre a opção pelo diálogo – pois cartas são conversas com quem não está presente. Não se apresenta como quem detém as respostas, mas como quem crê no poder da pergunta e na construção coletiva do conhecimento. E é assim, de maneira respeitosa e afetiva, que ele estabelece pontes interdisciplinares com a obra viva de pensadores brasileiros de outros tempos. Em uma conversa ao pé do ouvido, que busca o entendimento, a compreensão, o encontro, o autor escreve o que chama de “enunciados de perplexidades”.

No conteúdo, porque *Aprender em comunidade*, assim como a SM, coloca os valores em primeiro plano: solidariedade, autonomia, humanidade, respeito, dignidade... Com um olhar sempre pleno de esperança, apontando para os sonhos de futuro, Pacheco traz perguntas fundamentais não para esta ou aquela disciplina, este ou aquele modelo de escola, mas para os seres humanos. E, sobretudo, reafirma o valor fundamental da comunidade que se constrói em torno da educação.

Sendo assim, a SM tem o prazer de apresentar o olhar de José Pacheco, pensador que faria jus a figurar em seu próprio livro. Poucos autores conseguiram chegar tão perto do coração dos professores como Pacheco e, por isso, ao difundir sua obra, temos certeza de que estamos lançando mais sementes para um dia colher o futuro que ele nos ensinou a sonhar.

José Henrique del Castillo Melo
Diretor-geral da SM no Brasil

BIOGRAFIA DE JOSÉ PACHECO

O prof. José Francisco Pacheco, nascido em 10 de maio de 1951, é um educador português que hoje, aposentado, tem residência no Brasil. Já foi eletricitista e se formou em Engenharia Eletrotécnica. Mas sua paixão é a Educação. Como um peregrino do ofício de educar, continua transmitindo mensagens de esperança e solidariedade a todos os recantos do nosso país.

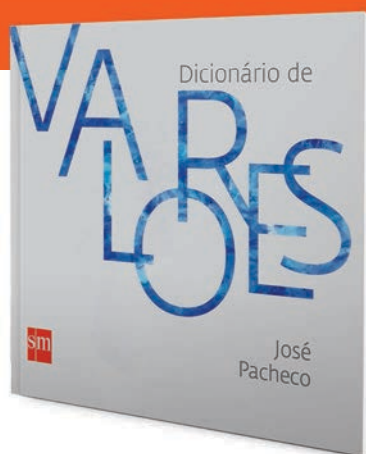
Especialista em Música e em Leitura e Escrita, é mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Idealizou e, desde 1976, coordenou a Escola da Ponte, instituição que se notabilizou pelo projeto educativo inovador, baseado na autonomia dos estudantes.

É autor de livros e de diversos artigos sobre Educação.

Em 8 de maio de 2004 foi condecorado pelo presidente da República de Portugal, Jorge Sampaio, com a Ordem da Instrução Pública.

SOBRE AS OBRAS DE JOSÉ PACHECO E A SM



O professor José Pacheco é educador e idealizador da Escola da Ponte. Autor de diversos livros e artigos sobre educação, escreveu *Dicionário de valores*, lançado em 2012 pela SM e distribuído para mais de 20 mil educadores em todo o Brasil.

O livro apresenta valores a partir das 23 letras do nosso alfabeto, um valor por letra, partilhados pelo autor, que nos inspira a desejar e buscar transformação: em nós mesmos e, por consequência, em nosso fazer pedagógico e nas comunidades.

DICIONÁRIO DE VALORES

“Esperança, em seu sentido mais genuíno, significa fé na bondade da natureza humana. Significa confiar, acreditar ser possível ensinar (e aprender!) o diálogo, o reconhecimento da diversidade, a amorosidade, a solidariedade, a alegria, a justiça, a ética, a responsabilidade social, a cidadania, a humanização da escola.”

Na seção *Somos Mestres* do *site* da SM (www.edicoessm.com.br) você é o nosso convidado para acessar o conteúdo na íntegra do *Dicionário de valores*. Conheça mais sobre essa obra repleta de mensagens esperançosas, transformadoras e prontas para serem colocadas em prática no ensino e na aprendizagem.

Neste momento, você tem em mãos *Aprender em comunidade!*

Ambos são materiais exclusivos e não comercializados, que contêm reflexões compartilhadas, com uma prática e uma vivência concreta no âmbito da escola com um olhar ímpar desse renomado educador.

Boa leitura!